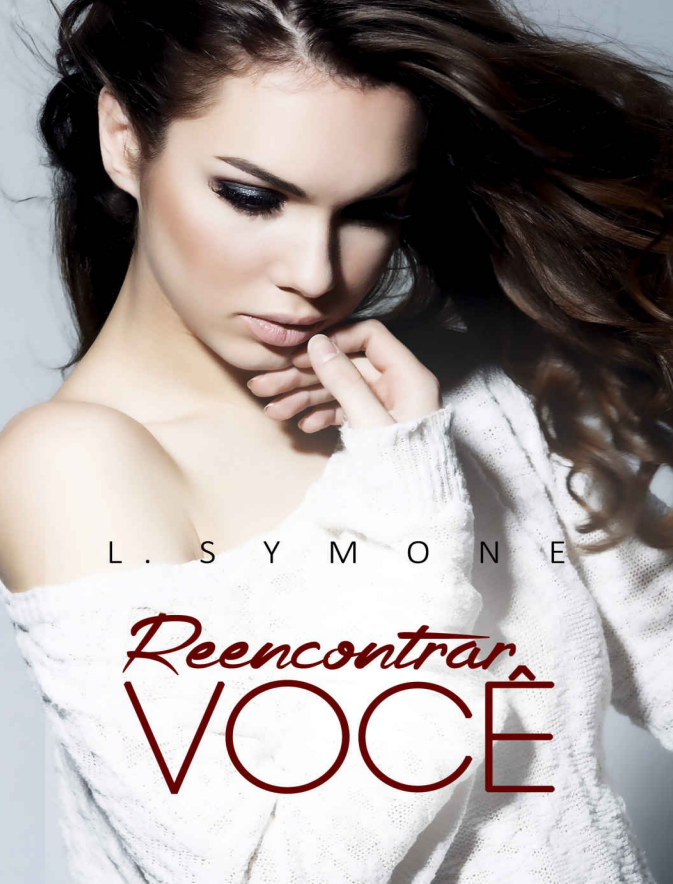




L . S Y M O N E

Reencontrar,
VOCÊ



**Reencontrar
Você**

Direitos autorais © 2015
L.Symone

Revisão: Raquel Escobar
Capa: Dri K. K. - Capista

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou
reproduzida sob quaisquer

meios existentes sem
autorização por escrito da
autora.

Esta é uma obra de ficção.
Qualquer semelhança com
nomes, pessoas, locais ou
fatos, é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da
Nova Ortografia da Língua
Portuguesa.

São proibidos o

armazenamento e/ou a
reprodução de qualquer parte
dessa obra através de
quaisquer meios – tangível ou
intangível – sem o
consentimento por escrito da
autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais
é crime estabelecido pela lei nr
º. 9.610/98 e punido conforme

artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Agradecimentos

Reencontrar Você é uma história de amor e superação. E tudo que quero com esse romance é deixar a mensagem de que a felicidade existe e que o amor está onde menos se espera. Esse romance foi o primeiro que escrevi, ele ficou guardado na gaveta por um tempo, mas

finalizá-lo agora é motivo de felicidade!

Agradeço a todos que contribuíram para esse momento. Vocês ajudam a tornar meu sonho real!

Beijos e boa leitura.

L.Symone

Prólogo

7 anos atrás...

Olhei para o lado da minha cama e não vi Miguel. Ele passou a noite comigo, mas, como de costume, levantou mais cedo e foi para seu quarto para ninguém o ver. Seis meses depois de me mudar para sua casa, começamos a namorar escondido, porque não sabíamos onde iria dar, mas já estamos juntos há três anos e ainda continuamos assim.

Ele foi meu primeiro homem e eu, sua primeira mulher; amamo-nos e temos planos juntos.

Desci para o café da manhã e, quando cheguei à cozinha, já estavam todos conversando. Enquanto colocava café em minha xícara, ouvi meu pai perguntar ao Miguel se suas malas já estavam prontas.

— Malas? Vamos viajar? — perguntei ao meu pai.

Miguel me olhou com um sorriso sem graça, enquanto Mateus

me olhava com compaixão.

Que merda está acontecendo?

—Filha, amanhã é o dia que Miguel irá viajar para Londres para começar o intercâmbio e logo após iniciar a faculdade. Pensei que soubesse.

Eu sabia que ele iria cursar a f
No entanto, a surpresa maior é saber que as malas já estão prontas.

As palavras não saíram e eu não tive reação. Tomei meu café em silêncio e fui para meu quarto. Logo

em

seguida, a porta do meu quarto é aberta Miguel entra em silêncio e senta ao meu lado.

— Eu ia te contar. — falou com a cabeça baixa, sem me olhar.

— Quando já estivesse em Londres?

— Não complique mais as coisas, Bianca.

— Eu escutei isso mesmo?

— Eu não quero brigar com

você em nosso último dia juntos, amor!
— *último dia juntos. — Eu não sabia como falar com você. Toda vez que pensava em falar, eu desistia.*

— *Mas no dia de ir, Miguel?*
— *estou completamente magoada pela omissão.*

— *Tem mais, Bianca. — falou, dessa vez me olhando. — Eu quero terminar.*

Simples assim, sem mais nada a acrescentar?

— *Você o quê?*

— *Você não é surda, Bianca!*

Espera aí, esse não é o Miguel que dormiu comigo ontem e que conheço há tanto tempo.

— *Você e o Mateus não estão brincando comigo e trocaram de lugar, não é?*

— *Que brincadeira o que! Sou homem, não mandaria meu irmão para terminar com você no meu lugar.*

Miguel e Mateus são gêmeos idênticos e têm somente algumas diferenças no tamanho, na voz e no

jeito. Eu sei diferenciar os dois, mas essa conversa está tão estúpida que nem sei mais o que pensar.

— Bianca, eu preciso ir! — ele se levantou e caminhou para a porta.

Não contive minha indignação e puxei-o pelo braço.

— Após três anos, é assim que quer me deixar? Você não acha que mereço mais do que isso? — minhas lágrimas começaram a descer pelo meu rosto.

Ele passou as mãos

nos cabelos, sempre fazia isso quando estava nervoso.

— Olha, Bianca, não era minha intenção te magoar, mas é inevitável. Escuta, somos novos e temos tanta coisa pela frente! Quero conhecer novas pessoas e não quero traí-la, consegue me entender?

Claro, ele não quer chegar à faculdade com uma namorada; ele quer arrumar uma ou várias por lá.

— Claro! — sequei minhas lágrimas e voltei para minha cama. —

Feche a porta quando sair.

—Bianca, não faz assim.

*— Assim como? Estou só
aceitando os fatos!*

*Ele se aproximou de mim e
beijou meus cabelos*

*— Eu te amo, mas não posso
mais fazer isso!*

*Ele viajou no dia seguinte e
aquela foi nossa despedida, pois não
fui ao aeroporto...*

Capítulo I

Acordo com o celular despertando. Desligo-o e volto a me deitar; recuso-me a usar um daqueles despertadores com bipes irritantes. Com o celular, pelo menos, acordo com uma música animada.

Levanto de uma vez, deixando a preguiça na cama, e tomo um banho bem gelado para despertar de vez. Saio do banheiro, coloco uma calça ‘legging’, um top e um tênis. Antes de começar o

dia, preciso da minha corrida matinal. Corro na orla por apenas vinte minutos, mas é o suficiente.

Volto para casa mais animada e com um pique de dar inveja aos preguiçosos. Hoje tenho tantas coisas para fazer no escritório que é melhor reforçar no café da manhã.

Termino de tomar café e vou para o banho novamente: agora para tirar o suor do corpo. Visto meu terninho e finalizo com meu coque. Adriano, meu chefe, marcou uma reunião agora pela

manhã e preciso estar apresentável.

Enfim consigo sair de casa sem atrasos e até que o trânsito de Belo Horizonte hoje não está dos piores. Consigo chegar rapidamente.

— Bom dia, Márcia. —
cumprimento a secretária oferecida do meu chefe; ela sorri em resposta e anuncia-me.

Mal entro no escritório e Adriano já me cumprimenta.

— Bom dia, Bianca!

— Bom dia, Adriano, podemos

começar? — meu chefe é daqueles que não sabem separar vida pessoal do trabalho e se der espaço, ele vai querer saber a cor da calcinha que estou usando. Ele faz sinal para que eu me sente.

— Profissional como sempre.
— sorri para mim. — Por isso está aqui, tenho uma proposta de trabalho para você. — sinto um frio na barriga com suas palavras. Uma promoção? — Não sei se você sabe, mas a Patrícia, Gerente de RH da filial de New York, está perto de entrar em licença maternidade e já

deixou avisado que não vai voltar a trabalhar.

— Sim, você já tinha comentado.

— Mas não comentei que a empresa está oferecendo a você o cargo dela. Você aceita?

Fico em silêncio por alguns segundos. Um cargo de gerência em New York!

Putá merda! Sou uma garota sortuda! Não sou?

— Claro que aceito! —

respondo animada.

— Eu sabia! — comenta, sorrindo. — Vou providenciar tudo para sua ida. A empresa irá ajudá-la financeiramente por três meses, depois disso é com você.

— Tudo bem!

— E aqui está a lista de funcionários da filial de New York. Sei que você vai querer estar por dentro quando chegar lá.

— Você está certo. — pego a lista.

— Outra coisa, Bianca, um dos motivos de termos escolhido você, foi sua fluência no inglês. Ao ler sua ficha, vi que já morou em New York. Por acaso tem família lá? — eu disse, ele é um fofoqueiro.

— Não. — mentira!

— Tudo certo, então. Hoje você está dispensada para organizar sua mudança. Você começa na próxima segunda.

— Obrigada, Adriano.

Saio de sua sala me sentindo

uma profissional realizada. Estudei muito para chegar até aqui. Mas na vida pessoal meu coração grita para que eu não volte a New York.

Muitas lembranças voltam em um momento que deveria ser só de alegria. Meu pai mora em New York e não só ele; meu primeiro amor também.

Mas não posso deixar que isso interfira em meu futuro. New York é uma cidade grande, posso passar por aquelas ruas e nunca encontrar com ele. *Ou posso encontrar na primeira esquina.*

Não vou desistir! Não sou uma menina, sou uma mulher que se esforçou muito para chegar até aqui, não vou perder tudo por causa de uma possibilidade.

Volto à minha mesa, pego minha bolsa e saio do prédio. Assim que chego em casa, começo a ver as coisas da mudança.

≡≡

Acho que nunca tive uma semana tão corrida quanto essa. Não consegui terminar de empacotar tudo,

mas minha amiga Bruna vai terminar e despachará para mim.

Só tive que me despedir dela e de mais algumas conhecidas; são poucas as pessoas que conheço aqui no Brasil, mas vou sentir muita falta da minha amiga. Não tive tempo para fazer mais nada e agora que estou no avião, é que tenho tempo para ver a lista que Adriano me deu; vou só dar uma olhada nos nomes, porque só no dia a dia da empresa mesmo que vou ficar por dentro.

A sede da *RH Solutions* é no Brasil; é uma empresa da área de recrutamento e seleção que atende a diversos países. Nosso foco são as contratações exteriores, quando a empresa precisa de um funcionário de outro país. Então, o escritório que vou ficar tem poucos setores e, conseqüentemente, poucos funcionários.

Pela lista, parece ter umas vinte pessoas. Vou lendo cada nome com atenção, até chegar à letra M, que é quando meu coração parece sair pela boca.

Mateus Bittencourt

Miguel Bittencourt

Isso só pode ser uma
brincadeira de muito mau gosto!

Deus, não é possível! Tenho
vontade de chorar, mas não vai resolver
meu problema; nem mesmo esse
pensamento é capaz de conter o nó que
se forma em minha garganta.

Sou obrigada a pedir um pouco
de água a comissária de bordo. Ainda
tenho algumas horas de voo, posso
pensar no que vou fazer. Por que raios

eu não olhei essa lista antes de aceitar o cargo?



Em algum momento acabei dormindo, pois acordei com a voz do piloto pelo alto-falante pedindo para apertarmos o cinto, pois iríamos pousar. Toda a rotina de viagem foi cumprida; consigo pegar minhas malas sem problemas, pego um táxi e vou para o prédio onde ficarei até ter meu lugar.

O nome dos irmãos Bittencourt não sai da minha cabeça e ainda não

consegui ter uma ideia sobre o que fazer na segunda-feira. Só sei que estarei lá no horário marcado e farei meu trabalho como sempre fiz.

Mateus não vai ser um problema, ele sempre foi um doce; com ele, a errada sou eu. Mas com Miguel a situação é diferente. Ainda que nosso relacionamento não tenha dado certo, não consegui me relacionar decentemente com mais ninguém e temo que isso não seja um bom sinal.

Logo desço do carro. O taxista

me ajuda com a mala, um simpático porteiro me ajuda a entrar e chama o elevador para mim. O apartamento é lindo e já está decorado; não vou precisar mudar nada. Mas também não tenho intenção de ficar aqui. Se for para viver em New York, que seja bem pertinho do *Central Park*. Amo aquele lugar.

Hoje é domingo. No Brasil, com toda certeza estaria deitada vendo aqueles programas bobos de domingo. Aqui, quero mudanças, então vou começar arrumando minhas coisas.

Também tenho que me preparar para o que me espera amanhã. Só o pensamento traz um frio na barriga, preciso ter força e foco.

Quando já está anoitecendo, termino de arrumar minhas coisas. Pego meu celular e ligo para meu pai, que atende no segundo toque.

— O que você está fazendo em New York, Bianca? — eu sabia que ele iria prestar atenção no DDD

— Oi, pai, eu estou bem e você? — ele odeia quando faço isso.

— Sem gracinhas, mocinha, responda minha pergunta. — eu não disse?!

— Sim, senhor Raul. — sorrio.
— Estou morando em New York. — ele fica em silêncio. — Pai?

— Sou um pai tão ruim assim que minha filha se muda e não me avisa?
— ele pergunta, magoado.

— Não, pai, eu que sou uma péssima filha, mas é porque recebi uma promoção de última hora e não deu para avisar. — respondo, sentindo-me mal.

Só pensei em mim, no que essa cidade representava e não quis envolver meu pai em meus problemas.

— Você não é uma péssima filha, e eu te amo. Sinto sua falta, Bianca. Mas mudando de assunto, promovida? Que ótimo, filha!

— Eu também te amo, pai. — falo chorosa, mas tento disfarçar. — É mesmo ótimo ser promovida.

— Venha me ver. Não estamos mais morando no mesmo lugar, estamos no interior agora.

— Nunca imaginei você morando em um lugar mais calmo.

— Nem eu, mas a Carla me convenceu. — minha madrastra convence qualquer um.

— Entendo. — confirmo, rindo.
— Mas não vou poder ir hoje, pai, amanhã começo a trabalhar e ainda tenho algumas coisas para acertar. — explico.

— Tudo bem, filha, mas ficarei muito feliz em receber você aqui em casa. Domingo à tarde vamos receber

alguns amigos, venha, quero apresentá-la. — meu pai é um doce.

— Eu vou, pai, depois você manda uma mensagem com o endereço.

Despedimo-nos e encerramos a ligação com a promessa de um reencontro. Estou feliz por estar de volta; que a segunda vez seja melhor do que a primeira.

Capítulo II

Eu não sei quem foi o responsável por cuidar da minha chegada em New York, mas o apartamento está abastecido com tudo que é necessário, desde alimentos até produtos de higiene.

O celular despertou cedinho. Coloco minha roupa de corrida, mas, dessa vez, com um casaco de moletom; a temperatura aqui não tem nada a ver com a do Brasil. Coloco os fones de ouvido

e vou correr; quem sabe meu coração se acalma e minha mente esquece o que insiste em lembrar.

Eu tinha quinze anos quando minha mãe morreu, vítima de um assalto. Ela não reagiu, porém, o bandido disparou mesmo assim, matando-a na minha frente.

Minha querida mãe morreu em meus braços. O bandido não conseguiu escapar, foi preso. Mas isso não é reconfortante, eu só queria minha mãe ao meu lado.

Meus pais se divorciaram quando eu tinha dez anos. Foi uma separação amigável, sem traumas. Mas meu pai saiu do nosso país em busca de melhores oportunidades e crescimento pessoal. Eu fiquei com minha mãe, mas ele sempre esteve em contato.

Até que aconteceu aquela tragédia em minha vida. Meu pai voltou ao Brasil, resolveu tudo e levou-me com ele. Aqueles dias, em meio a tanto sofrimento, são como um borrão em minha mente.

Quando cheguei a New York, Manhattan especificamente, eu era só uma menina. Meu pai tinha se casado com a Carla; ela fora simpática, não tentara substituir minha mãe e eu a admirei isso. Aos poucos, minha vida foi voltando ao normal. Duas pessoas foram fundamentais para isso: Mateus e Miguel, os gêmeos, filhos do primeiro casamento da Carla. Eles eram um ano mais velhos do que eu e foi fácil iniciar uma amizade com eles.

Mas o que era só amizade, com Miguel virou outra coisa. Namoramos

escondidos e apaixonamo-nos. Ou eu me apaixonei. Não tenho certeza sobre os sentimentos dele por mim naqueles tempos, afinal, quando estava indo para a faculdade, terminou nosso relacionamento, alegando que queria conhecer outras pessoas. Eu entendi o que ele queria dizer. Queria pegar outras meninas, sem se sentir culpado.

Quando isso aconteceu, eu já estava no último ano do colegial. Fiquei deprimida e sofri muito. Miguel foi meu primeiro amor, meu primeiro beijo e fez-me mulher. Ser dispensada por ele

daquela forma, como se eu não tivesse significado nada, doeu e não foi pouco.

Mateus foi meu amigo em todos os momentos, mas também foi para a mesma faculdade de Miguel. Então, eu comecei a me sentir muito sozinha, até que em um feriado, eles voltaram para casa. Mateus veio sozinho e Miguel, acompanhado. Não sei até hoje quem era a menina, pois quando ele chegou e apresentou-a como sua namorada, fui para meu quarto e não sai mais de lá. Quando meu ano letivo acabou, convenci meu pai que queria fazer

faculdade no Brasil e ele providenciou tudo.

Aquela foi a última vez que encontrei meu amigo e meu antigo namorado. Proibi meu pai de passar qualquer contato ou dizer onde eu estava.

E aqui estou, de volta, mas graças a Deus sem uma tragédia como motivo.

Volto da corrida com a cabeça mais cheia do que quando saí e repreendo-me mentalmente por deixar

meus pensamentos irem tão longe. Tomo um banho bem relaxante, escolho um terninho preto com uma blusa social de seda vermelha, prendo meu cabelo preto em um coque, passo meu perfume favorito, faço minha maquiagem e estou pronta.

Respiro profundamente. Talvez esse meu nervosismo seja exagerado. Vai correr tudo bem.

Pego um táxi para a Quinta Avenida, onde está localizado o prédio da *RH Solutions*. Bruna ficou

responsável pela venda do meu carro. Assim que ela o vender, vai depositar o dinheiro na minha conta. Não sei o que seria de mim sem ela. Logo chego ao meu destino; um novo começo, uma nova vida, pelo menos eu espero que seja. Tenho que me apresentar à Patrícia; ela ainda ficará uma semana comigo para me passar toda a rotina da empresa.

Entro no prédio espelhado, sentindo minhas pernas tremerem um pouco. A recepcionista me atende simpática e encaminha-me até o vigésimo andar. Neste prédio há uma

empresa diferente por andar; é gente entrando e saindo o tempo todo. Pego o elevador lotado e, conforme as portas se abrem em cada andar, sinto meu peito apertar.

Preciso me acalmar!!!!

Quando as portas se abrem no vigésimo andar, sou a única no elevador. Todo meu ser congela ao vê-lo parado de braços cruzados, olhando-me com um leve sorriso nos lábios. *Como senti saudades dele.*

Mateus dá um passo a frente e,

antes das portas do elevador se fecharem, eu corro ao seu encontro. Jogo-me em seus braços e abraço-o apertado. Nunca imaginei que teria essa reação ao vê-lo. Estou feliz! Feliz de reencontrar um amigo muito querido.

— Eu estava ansioso com sua chegada. — sua voz doce me faz olhar para ele, mas eu não sei o que dizer. — Não precisa dizer nada, só me abraça. — obedeço feliz!

Depois de algum tempo, Mateus me leva para sua sala sorrindo. Sento-

me em uma poltrona; estou abalada demais para ficar de pé. Ele me entrega um copo com água.

— Eu ainda não acredito que você está mesmo aqui. — comenta feliz.

Com Mateus tudo foi sempre muito natural. Não tem tempo ruim com ele, só agora me dou conta de quanta saudade senti e como fui tola por abrir mão de uma amizade como a dele.

— Preciso que você me perdoe, Mateus. — tenho que fazer isso.

— Nunca houve motivos para

isso, Bianca, você precisou desse tempo.

— Foram sete anos, Mateus. E se não fosse essa proposta, eu não teria voltado.

— Mas se aceitou, é porque está pronta. — sorrio com sua resposta gentil. — Daqui para frente, o passado não importa mais.

— Fico feliz em ouvir isso. Agora, me conta o que está fazendo da vida.

— Bom, sou o diretor

administrativo da empresa, estou noivo e meu filho está a caminho! — conta feliz.

— Não acredito! Você vai ser pai!

— Sim! — confirma, sorrindo.

— Você sempre disse que queria ser pai, Mateus. Fico feliz por estar realizando esse sonho. — levanto para abraçá-lo. — E quem é a felizarda?

Mateus não tem tempo de responder, pois uma mulher alta, loira, daquelas que chamam atenção por onde

passa, entra na sala e responde por ele.

— Eu! — mas sua expressão não é nada amigável. Observo sua pequena barriga, que parece ser de três meses.

Separo-me de Mateus e ela se coloca ao seu lado, mostrando que ele já tem dona. Sorrio. Nunca olhei para Mateus de forma diferente.

— Bianca, essa é Angel, minha noiva. — Mateus olha para ela e diz. — Amor, essa é minha amiga e meia-irmã da qual falei.

Estendo a mão para cumprimentá-la, mas antes de devolver o cumprimento, ela me observa por alguns segundos até que sorri.

— Muito prazer. — aperta minha mão.

Eu sei que o seu sorriso não foi verdadeiro e tenho certeza de que Mateus também percebeu. Um silêncio constrangedor preenche a sala por alguns segundos.

— Onde eu encontro a Patrícia?
— pergunto a ninguém em particular,

não sei o que ela pode pensar.

— Eu levo você até ela. —
Mateus responde e Angel olha para ele com uma expressão nada agradável.

— É só me dizer onde é, Mateus. — não quero causar mal-estar em uma mulher grávida.

— Eu faço questão. — então Angel sai da sala batendo o pé como uma garota mimada.

Sério?

Não falo nada, mas Mateus me

olha sem graça.

— Desculpa por isso. — ele fala, começando a caminhar para fora da sala. Eu sigo ao seu lado.

— Que nada, ouvi dizer que os hormônios da gravidez mexem muito com a mulher. — tento amenizar o clima.

— Deve ser isso. — responde meio sem jeito.

— Quando é o casamento? — pergunto, tentando mudar de assunto.

— Em dois meses e agora

minha madrinha está aqui.

— SÉRIO? — pergunto, surpresa.

— Não conheço ninguém melhor do que você. — paramos em uma área mais aberta onde é a sala de espera, pois têm uns sofás lindos e, ao lado esquerdo, um corredor com a placa informando ser o setor do RH.

— Mas eu preciso de um par, quem é o seu padrinho? — Mateus me olha de um jeito meio estranho e, então, a segunda pessoa a interrompê-lo no dia

aparece, vindo do corredor e respondendo por ele.

— Eu serei seu par, Bianca —
informa Miguel, olhando-me
intensamente.

Capítulo III

Seu terno preto, perfeitamente alinhado em seu corpo, com o típico cabelo desgrenhado e os olhos azuis intensos que tanto amei não passam despercebidos por mim. Eu sabia que esse reencontro iria acontecer, mas não estou preparada para o turbilhão de emoções que estou sentindo nesse exato momento ao vê-lo. Ainda assim, eu fui a primeira a quebrar o silêncio constrangedor que se instalou na sala

após sua chegada.

— Como vai, Miguel, tudo bem? — minha voz saiu firme e orgulhei-me disso.

Ele dá alguns passos, diminuindo a distância entre nós. Seus olhos sempre foram muito expressivos e, mesmo com o passar dos anos, ainda consigo reconhecer suas emoções.

Miguel está surpreso ao me ver.

— Estou bem, Bianca, e você, como está?

— Bem, obrigada!

Miguel nunca gostou de conversas curtas; ele sempre disse que, quando as pessoas conversavam assim, é porque não estão interessadas no assunto. Bem, não tenho nada a falar com ele, então só respondo o necessário. Mateus, enfim, resolve se manifestar.

— Bianca é a transferida do Brasil para a gerência do RH. Ela começa hoje, Miguel.

Miguel desvia seus olhos de

mim, olhando para Mateus incrédulo.

— E você só me conta isso agora?! — esbraveja, irritado.

— Controle-se, irmão. E, sim, eu falei que teríamos uma transferida para o cargo! — Mateus tenta demonstrar uma calma que parece estar longe dele.

— Mas não me disse que era *ela*, Mateus! — sua voz sai mais fraca nesse momento.

Depois dessa, decido que já está na hora de me retirar. Não entendo

o significado da palavra "ela", mas opto por não argumentar.

— Mateus, você pode me levar até a Patrícia, por favor?

— Claro! — Mateus estende seu braço e saímos.

— Vou esperar você aqui, Mateus. — ele diz chateado. Não olho para trás, entretanto, sinto seus olhos queimarem em minhas costas. É disso que tenho medo, essa conexão que tenho com o Miguel me assusta.

Caminhamos em silêncio e,

logo, chegamos ao setor. Uma mulher com uma imensa barriga de grávida aparece para nos receber e já sei que se trata de Patrícia. Mateus faz as apresentações, deixando-me sozinha com ela. Patrícia é uma mulher muito simpática; ela me apresenta a mais duas mulheres, Lorena e Marcela, ambas são assistentes. Olho para a sala e meu nome está na placa de identificação em cima da mesa.

Bianca Avelar

Sinto um imenso orgulho.

Minhas noites em claro fazendo trabalhos da faculdade, a busca pelo estágio, meu empenho no trabalho, tudo me levou até aqui.

Patrícia passa a manhã toda mostrando como tudo funcionava. O tempo passou tão rápido que, quando Mateus chegou para me convidar para almoçar, nem acreditei.

— Sua noiva não vai ficar chateada de você não almoçar com ela?
— pergunto preocupada e com medo de causar problemas.

— Ela deixou uma má impressão, não é?!

— Claro que não, ela só não me conhece. — tento amenizar.

— De qualquer forma, me desculpe pelo comportamento dela. — ele respira fundo e continua. — Vamos mudar de assunto. E você, seu coração já tem dono?

— Não, meu coração pertence a mim mesma! — brinquei para descontrair um pouco.

— Você não teve nenhum

relacionamento depois de tudo? — ele pergunta meio cabisbaixo.

— Claro que sim, mas nada sério.

— Uma mulher como você não deveria estar sozinha.

— Me foquei em minha carreira primeiro. Agora que cheguei onde quero, talvez arranje um namorado. — dei de ombros.

Mateus fica me olhando como se tentasse descobrir alguma coisa. Mas não perguntou nada. Pagamos a conta e

fomos caminhando de volta a empresa.

A parte da tarde passa mais rápido do que esperava e já está na hora de ir. As assistentes já haviam ido embora, por isso, estou sozinha arrumando minhas coisas para ir quando ouço batidas na porta e ela sendo aberta.

Miguel entra na sala sem cerimônia e senta à minha frente.

— Precisamos conversar. —
informa como uma ordem e isso me irrita. Quem ele pensa que é?

— Não temos nada para

conversar com você. — digo, grossa.

— Por favor?!

— Tem que ser agora, Miguel?

— pergunto mal-humorada.

— Prometo que não vou demorar. — posso ver que ele procura as palavras, até que continua. — Por que você foi embora?

Eu não quero falar de coisas que passei anos tentando esquecer. Miguel não foi meu vilão, ele não me quebrou para o amor; ele simplesmente me magoou e eu não consigo esquecer.

— Esse é um assunto do qual não tenho interesse em falar, Miguel. — enfim digo alguma coisa.

— É só uma pergunta... — não o deixo terminar.

— Então, deixa eu te perguntar: por que levou sua nova namorada para casa, sabendo que eu estava lá? — silêncio. — Viu? São perguntas que não temos respostas. — levanto, pegando minha bolsa. — Agora tenho que ir!

Mal saio de trás da mesa quando sinto meu braço ser puxado.

Quando entendo o que está acontecendo, meu corpo já está colado ao dele. Seus olhos sempre me hipnotizaram e não é diferente agora.

— Desde aquele fim de semana que não paro de pensar em você. — sua voz saiu rouca, causando-me arrepios.

Suas palavras me balançam, mas não vou ser tão fraca assim. Então as palavras bonitas são substituídas por aquelas ditas em sua partida.

Quero terminar...

— Depois daquele fim de

semana, Miguel, eu não pensei mais em você! — digo, soltando meu braço do seu aperto.

Lógico que é mentira, mas consegui sair da sala com toda dignidade que tenho.

Chego em casa após a breve conversa que tive com Miguel. Ele me deixou pensativa com aquela conversa de "*pensei em você*". O que teria acontecido com ele após minha partida?

Paro de pensar nisso e vou para o banho. Depois que saio, visto meu

baby doll, vou para a sala ligar para um *fast-food* e é quando minha campainha toca. Ninguém sabe onde estou morando, o que será que o porteiro deseja?

Olho pelo olho mágico antes de atender e fico surpresa ao ver Miguel parado em frente a minha porta.

— Não adianta fingir que não está, estou vendo sua sombra pela fresta da porta, Bianca. — ele diz bravo.

Abro a porta vestindo somente meu *baby doll* que não tampa quase nada do meu corpo.

— O que você está fazendo aqui, Miguel? — pergunto alto demais. Sem ao menos responder, Miguel entra em meu apartamento e fecha a porta com o pé. Ele me puxa pelo pulso, levando-me até ele mais rápido do que eu poderia piscar.

— Isso. — e me beijou!

Eu até tento negar o beijo, mas não consigo. Eu senti falta desse beijo, falta de sua mão segurando minha nuca, falta do arrepio que ele causava em mim. Passei meus braços ao redor de

seu pescoço e permiti-me viver esse momento, depois seria... Depois.

Sentir seus lábios novamente nos meus é extremamente maravilhoso; beijar e ser beijada com desejo transforma o beijo em uma dança muito sensual, e é exatamente isso que estamos fazendo agora. Meu sexo pulsa com urgência desse homem que toma meus lábios com uma necessidade tão grande quanto a minha.

Quando o ar se faz necessário,

sou obrigada a empurrá-lo para trás, soltando-me de seus braços. Não posso, nem quero, envolver-me com Miguel novamente, então que merda estou fazendo?

— Miguel. — começo a dizer, ofegante pelo beijo. — Só vou dizer isso uma vez: nunca mais toque em mim. Não sei o que te levou a fazer isso, mas não quero que se repita, estamos entendidos?

Ele me olha com ar de convencido.

— Mas você correspondeu! —
disse, cruzando os braços.

— Correspondi porque não
queria te deixar sem graça! — que
desculpa mais deslavada! — Agora se
me der licença! — vou para porta e
abro-a. Ele caminha gloriosamente e,
quando está saindo, vira-se para mim.

— Ainda não acabamos,
Bianca. — e se foi.

Tudo que eu menos quero é uma
reaproximação por parte do Miguel.
Não somos mais aqueles jovens; cada

um seguiu sua vida e tudo deve continuar como está. Tenho que me lembrar disso mais vezes. Não vale a pena arriscar uma segunda vez.

Perco a fome. Só preciso dormir e esquecer o que acabou de acontecer.

Capítulo IV

O restante da semana passou tranquilamente. Não cheguei a ver Miguel nenhuma vez, ainda bem; era melhor evitá-lo por ora. Descobri que Miguel e Mateus foram transferidos de outra empresa e que a RH *Solutions* nos colocou para morar provisoriamente no mesmo prédio. Mateus me contou que fica mais no apartamento da Angel do que no dele. A noiva dele ainda parece não gostar de mim. Ela trabalha na área

de marketing, e foi assim que Mateus a conheceu.

Angel gosta de almoçar com as amigas, então Mateus tem me feito companhia. Ele me ajudou a comprar um carro novo, contou-me um pouco mais da sua relação com Angel e fez-me aceitar o convite para ser madrinha. Meu amigo é um homem apaixonado e, lá no fundo, sinto uma inveja branca do seu relacionamento. Agora, com minha vida estabilizada, preciso de alguém. Chegou minha hora de recomeçar. Quero ter com quem dividir minha vida e

minha cama.

Estou aqui em meu apartamento, entediada; é sábado à noite e eu não tenho nada para fazer. Levanto-me do sofá e decido sair para beber alguns *drink's*. Chego ao local que é uma graça e fica uma esquina depois do meu apartamento. O ambiente se parece com um varandão coberto, todo aberto nas laterais com mesas bem decoradas. Gostei do lugar. Fui direto para o bar e sentei-me, pedindo ao *bartender* uma *Margarita*.

É bom, depois de uma semana de trabalho, poder distrair um pouco a cabeça.

Um cara forte senta ao meu lado.

— E aí, gata, está sozinha? —
odeio homens que chegam assim nas mulheres, sem assunto, com um papo furado.

— Estou, sim! — foi o que minha educação me permitiu responder.

— Posso te pagar uma bebida?
— ele se aproxima e sussurra no meu

ouvido. — Está esperando alguém?

Quando vou me levantar para sair e dar minha resposta educada, ouço alguém responder.

— Ela não está sozinha. — o cara forte assente e sai sem dizer nada. Olho para meu salvador e vejo um homem lindo. Fico tão absorta na imagem dele que, quando ele começa a falar, fico sem graça. — Desculpa chegar assim, é que percebi que o cara estava te incomodando, então me aproximei.

— Obrigada.

— Você quer sentar comigo para terminar sua bebida? — pergunta, simpático. É assim que um homem chega em uma mulher.

— Claro, eu adoraria. — sigo-o até a mesa em que está e sentamo-nos.

Ele sorri.

— Desculpa perguntar, mas você não é daqui, não é mesmo?

— Por que pergunta? — falo, curiosa.

— Adoro as brasileiras e tenho uma queda por elas, consigo identificar uma fácil. — ele brinca. — encaro-o sem acreditar no que ele disse. Perdeu todo o encanto ao mostrar que é um safado. Então, do nada, ele começa a rir. — Você devia ver sua cara agora, Bianca! — ele diz ainda rindo. Como ele sabe meu nome? Ele para de rir e estende a mão para mim — Muito prazer, sou Daniel Verguez.

Respondo ao seu cumprimento.

— Como sabe quem sou? —

pergunto sem entender.

— Sou o advogado do seu pai. Raul é um grande amigo e cliente. Ele tem uma foto sua na mesa de trabalho, a reconheci assim que entrou. Coincidência, não?

Coincidência nada, o destino está brincando comigo desde que cheguei a esse país.

— Eu deveria conhecê-la somente amanhã no almoço que seu pai está oferecendo para te dar as boas-vindas. — ele explica.

— Então vamos nos encontrar amanhã novamente. — brinco, levantando o copo em um brinde.

— Fico imensamente feliz em confirmar isso, Bianca. — sorrio, ele está flertando comigo.

Fiquei bebendo no bar com Daniel até altas horas, mas decido ir embora quando começo a sentir minha cabeça rodar um pouco. Ao final, perdi as contas de quantas *Margaritas* tomei.

Danny é um cara super alto astral. Isso mesmo, Danny; depois de

tomar uns *drink's* com o cara, para que formalidade?

Ele até jogou um charme falando que eu era linda, segurando minha mão, mas não arrisquei beijá-lo. Quem sabe em um próximo encontro.

Encontro esse que ele já fez questão de marcar. Na quinta-feira, ele irá me levar ao seu restaurante preferido.

Acompanhou-me até a entrada do meu prédio. Ficamos de nos ver no almoço do meu pai e despedimo-nos.

Entro em meu apartamento e caminho para meu quarto, jogo-me na cama e caio em um sono profundo.

Acordo assustada com minha campainha tocando insistentemente.

— Merda, quem será a uma hora dessas?

Olho para o relógio, que mostra que não está tão cedo assim. Só tenho mais uma hora para me arrumar e sair para o almoço do meu pai.

— Estou indo! — grito para a porta e abro-a. Ver o Miguel ali parado

não foi uma surpresa, mas ainda assim, vê-lo em um traje informal, uma calça jeans com uma blusa preta, faz-me admirar sua beleza. — O que você quer? — meu rosto deve estar amassado, meu cabelo bagunçado e estou de mau-humor. Tomara que ele não venha com gracinhas.

— Alguém aqui acordou de mau-humor hoje? — diz, entrando em minha sala como se tivesse sido convidado. — Vim te buscar para o almoço!

Urgh! Será que meu pai convidou o país inteiro para esse bendito almoço?

— Não me lembro de ter combinado nada com você! — cruzo meus braços e Miguel me olha de cima a baixo, e só agora percebo que estou vestida somente com uma camiseta branca, que é a mesma coisa de não ter nada, porque a bendita era transparente e ainda me deixa com as pernas de fora.

Ele volta sua atenção para mim

— Faço questão de te

acompanhar, a não ser que você já tenha marcado com seu amigo de ontem à noite.

— Estava me vigiando? —
fecho a porta que ainda está aberta.

Miguel não esboça nenhuma reação com minha pergunta.

— Claro que não. Eu estava na janela quando a vi chegar com aquele idiota. — fala, caminhando para meu sofá e sentando-se. Folgado!

— O nome dele é... — ele me interrompe.

— Daniel Verguez. Sei quem ele é, um advogado de quinta categoria que trabalha para o seu pai.

— Quanta implicância, Miguel, mas não estou com tempo para suas besteiras. Vou aceitar sua carona, porque vou ganhar tempo. Espere aqui, vou me arrumar. — corro para o quarto questionando minha atitude.

Miguel

Terminar meu namoro com a Bianca foi a pior burrada que fiz na vida.

Esse é o pensamento que me segue desde aquele feriado em que fui passar em casa com a... Como é mesmo o nome dela? Nem lembro mais. Só sei que a ficha caiu e com força total!

Terminei nosso namoro porque fui idiota e inconsequente; pensei que queria curtir e conhecer novas pessoas. Meus amigos me disseram para não terminar, que poderia namorar a Bianca e pegar outras garotas, mas eu não queria trair e achei melhor terminar tudo antes de ir.

Eu era idiota e imaturo; queria azarar um monte de gatinhas e viver novas experiências.

Ver a mágoa em seus olhos naquele dia me deixou para baixo, mas a decisão estava tomada. Realmente curti umas gatinhas e até levei aquela para casa no feriado. Mancada, burrice, tudo junto e misturado.

Sei que a decepcionei muito naquele dia. Lembro-me do seu olhar; não era de ódio, mas sim de tristeza por me ver com outra. Depois de alguns

meses sem vê-la, meu coração literalmente bateu mais rápido quando a vi. Percebi que senti falta dela mais que tudo, do seu cheiro, seu beijo. Eu ainda a amava. E me dei conta de que queria viver sim, todas aquelas experiências, mas com ela ao meu lado!

Então, quando fomos dormir, coloquei aquela loira no táxi, mandando-a para casa e pensando em uma forma de Bianca me aceitar de volta.

O que nunca aconteceu, pois no

dia seguinte acordei tarde e ela já tinha ido embora.

Perdi minha chance. Até tentei falar com Mateus, mas ele não sabia de nada e disse-me que, mesmo se soubesse, não me falaria. Fui falar com Raul, pedir para que me contasse onde ela estava, mas fui pego de surpresa ao levar um esculacho dele por magoar sua filha. Ele disse que sabia da gente, que eu era um moleque por fazer o que fiz. Nós brigamos e ele nunca me disse onde ela estava.

Porra! Não sabia nem se ela estava em New York ou se tinha voltado para o Brasil. Nunca ia conseguir encontrá-la sem uma dica de onde estava.

Tentei voltar à minha rotina, mas não consegui. Quando percebi, estava em depressão. Não queria viver sem ela. Minha família nunca soube. Se não fosse por uma amiga da faculdade, a Bárbara, não teria seguido em frente. Ela me ajudou com tudo, até nas horas das medicações ela estava por perto.

Depois de alguns meses, consegui me reerguer e voltei para minha vida. A porra do meu coração nunca mais foi o mesmo, mas digamos que consegui viver. Até o dia em que o destino a colocou novamente na minha frente, mas as coisas não saíram muito bem entre a gente.

Dei uma semana para que ela pensasse em nosso último encontro, e o que ela faz? Sai de casa e volta com o idiota do advogado; que ódio senti ao vê-los se despedindo. Por sorte não teve beijo.

Hoje acordei bem cedo e marquei ponto na porta dela. Ela ia comigo nesse almoço e seria minha. Dessa vez eu não ia desistir. Preciso mostrar a ela que ela é a única que teve e tem meu coração desde sempre. Já perdi anos demais escondendo esse fato dela.

Capítulo V

O caminho até a casa do meu pai está sendo confortavelmente silencioso. Miguel não toca em nenhum assunto, então fico na minha, mas achei muito estranho ele ter me visto chegar com Daniel.

— Estamos chegando. A casa do Raul é aquela verde no final da rua. — diz, apontando para a casa.

Eu apenas assenti. Estamos numa área privilegiada de Manhattan,

Inwood. Na época da escola, um colega morava aqui. Cheguei a vir uma vez para fazer um trabalho e achei o lugar lindo. É um bom lugar para sair da correria que é no centro.

Paramos em frente à linda casa verde de dois andares, com grandes janelas brancas e um lindo jardim. Nunca imaginei que meu pai moraria numa casa dessas.

Saio do carro sem esperar por Miguel. Vejo que a porta está entreaberta e entro sem bater. Não vejo ninguém pela casa. Caminho para a entrada da cozinha e

encontro meu pai.

— Minha filha! Que saudades!

— puxa-me para um abraço e fico apenas sentido a presença do meu pai. Ele me solta e limpa minhas lágrimas que nem percebi que estavam caindo. De repente, ele olha sobre meu ombro com o cenho franzido. — Como vai, Miguel?

— Bem, Raul, e você? —

Miguel responde sério demais, fazendo-me estranhar toda a situação.

— Velho e cansado, mas pronto para defender o que for preciso.

Entrei no meio da conversa antes das coisas ficarem mais estranhas.

— Pai, onde está a Carla?

— Estou aqui, querida, que bom que chegou! — a mãe do Miguel e Mateus chega me cumprimentando. — Deixe esses dois aí e venha comigo para o jardim, tem alguns convidados que quero que conheça, mas antes me dê um abraço que senti sua falta. — abraço-a sorrindo.

Para minha surpresa, Miguel se coloca ao meu lado.

— Vou junto.

Fomos para o jardim e sou apresentada a alguns amigos do meu pai. Já estou ficando entediada quando meu pai, junto de Miguel, que não desgruda de mim, levou-me até Daniel que estava ainda mais lindo que ontem.

— Filha, quero que conheça...

— não deixei terminar.

— Daniel Verguez.

— Vocês se conhecem? — meu pai pergunta, curioso.

Daniel responde por mim.

— Raul, por coincidência, nos encontramos ontem em um barzinho.

— E já ficaram amigos! — meu pai sorri e continua. — Aprovo o relacionamento de vocês!

Momento “pai constrange a filha”.

—Pai, por favor, Daniel e eu somos somente amigos.

— Mas isso pode mudar! — ele diz sorrindo e encarando Miguel.

Meu Deus, é hoje que ele me mata de vergonha!

Daniel logo quebra o momento “pai empurra filha”.

— Dormiu bem, Bianca?

— Como uma pedra, Danny! —
rimos juntos.

Meu pai puxou Miguel pelo braço.

— Venha, Miguel, quero falar com você.

— Estou fazendo companhia a

Bianca, depois nos falamos, Raul. — ele disse um pouco desesperado demais, o que me fez rir.

Meu pai olha seriamente para ele.

— Agora, Miguel.

Então, meus pensamentos foram longe e percebo que meu pai sabe! Sempre soube de tudo que aconteceu comigo e Miguel.

Ai, meu Deus!

Eles saem sem mais palavras e

deixam-me com Daniel.

Depois de chegar à conclusão de que meu pai sabia sobre mim e Miguel, todo o almoço passou como um borrão. Cumprimentei e sorri forçado para muitos convidados. Daniel chegou a me perguntar se estava tudo bem e respondi que sim, mas minha vontade era de sair correndo dessa casa. Saber que outra pessoa sabia da humilhação de ter sido abandonada por meu namorado secreto ainda adolescente era vergonhoso demais, e ainda mais sendo meu pai.

Quando sentamos à mesa, meu pai olhou para mim com preocupação e pena, e isso era tudo que eu não queria ver.

Já sou uma mulher, não preciso de pitacos do meu pai de como seguir minha vida.

As horas se passaram lentamente até que chegou a hora de me despedir. Despeço-me de Daniel, e Miguel para ao meu lado.

— Vamos, Bianca?

— Sim, vamos. — viro

novamente para Danny. — Obrigada pela companhia.

— Estarei ao seu dispor. —
escutei um pequeno rosnado vindo de Miguel, mas preferi ignorar.

Saí da casa sem me despedir de meu pai, estou com muita vergonha. Despeço-me somente de Carla, prometendo voltar depois com mais tempo.

Já no carro com Miguel, eu só quero a confirmação.

— Meu pai sabe, não é mesmo?

— sou direta. Ele suspira e, pela sua expressão, percebo que ele está pensando no que vai dizer. — Não se atreva a mentir para mim, Miguel!

Ele suspira novamente e diz.

— Desculpe. Sim, seu pai sabe.

— Desde quando?

— Desde sempre, eu acho. A primeira vez que ele me procurou, foi quando voltei para casa naquele feriado.

Ai, meu Deus! Então por que meu pai não falou nada comigo antes?

Ele sabia o real motivo da minha volta ao Brasil.

Como se soubesse a direção dos meus pensamentos, Miguel fala.

— Acho que ele nunca te falou nada, porque sabia que a culpa era minha.

Fico calada durante toda a viagem. Assim que chegamos ao prédio, desço do carro e vou em direção ao elevador que tem no estacionamento. Percebi Miguel correndo para me alcançar, mas não me virei para ele.

— Bianca, espera!

Entro no elevador e aperto o botão do nosso andar. Quando as portas começam a se fechar, Miguel consegue impedi-las e entra; sua respiração estava pesada por ter corrido.

— Você podia ter me esperado.

— eu não quero falar com ele, será que ele não se toca?! — Bianca, não me trate assim, eu não fiz nada, meus erros ficaram no passado.

— Fez sim! Você estragou tudo quando tornou nossa amizade em

namoro! — ele me olha magoadado. Como se ele tivesse esse direito!

— Não fale assim, Bianca, você não sabe o que passei depois que terminamos.

— Terminamos uma ova! Você terminou comigo, seu babaca!

Nesse momento, percebo que devo me controlar. Minhas emoções estão querendo extravasar e lágrimas se formam em meus olhos, mas eu me recuso a chorar na frente dele.

Que merda, cadê esse andar

que não chega logo!

Enfim, as portas do elevador se abrem e saio como uma desesperada de lá, mas antes que consiga chegar à minha porta, estou sendo puxada. Quando percebo o que está acontecendo, já estou sendo prensada na parede e os lábios de Miguel já estão nos meus.

Eu quero me afastar, eu tenho que fazer isso, mas cadê as forças que não vem? Correspondo ao beijo com tamanha vontade que o faz perceber que quero mais que um beijo. Sou uma

mulher livre, não devo satisfação da minha vida a ninguém, então, posso fazer o que quiser. Se quiser matar a saudade do meu antigo amor, vou matar.

Esse é o pensamento que eu tento enfiar na minha mente para justificar o que eu estou fazendo.

É errado amar tanto alguém?

Claro que não quero que ele se case comigo, mas sinto que o nosso fim há alguns anos foi cedo demais e que ainda temos algumas coisas a acertar. Eu não estou pronta para perdoar o Miguel,

mas posso começar a pensar no assunto. Só percebo que estamos em meu quarto quando sinto minhas pernas baterem na beirada da cama. Mas como chegamos aqui? Meu Deus! Estou tão concentrada no momento que nem sei como chegamos.

Sinto suas mãos descerem por minhas costas e logo apertam minha bunda. Ele me deita, olhando em meus olhos. Acho que esperando o momento em que o mande parar, mas, ao perceber que pretendo continuar, seus olhos tomam um brilho diferente e ele me

beija novamente, com força, com fome dos meus lábios.

Minha roupa foi parar longe, assim como as deles. Cada pedaço do seu corpo é um convite à luxúria. Sinto beijos, mordidas e carinhos por todo meu corpo. Uma de suas mãos para entre minhas pernas, fazendo-me sentir seus dedos, dos quais tanto senti falta, tocando-me novamente. Sinto-me como uma adolescente cheia de hormônios.

Esse tempo sem ver Miguel me faz perceber que seu corpo mudou. Seus

músculos estão maiores, sua barriga é dividida em gominhos perfeitos que me dão vontade de percorrer minha língua por toda sua extensão. Ele vem para cima de mim e seu membro chama a atenção do meu olhar; ver o seu tamanho faz o meu sexo pulsar em desejo.

Pego seu membro em minha mão e faço leves movimentos de sobe e desce. Ouço Miguel gemer e isso aumenta minha vontade de tê-lo.

Sinto Miguel entrar em mim, tomando cada espaço, cada pedaço da

minha carne; ele sempre foi grande. Como senti a falta dele. Gemo em resposta aos seus movimentos que estão diferentes de quando na adolescência. Nosso desejo parece ser tão grande que achei que iríamos transar como dois selvagens, mas sou surpreendida pela lentidão com a qual ele leva meu corpo ao extremo, ao ponto exato do prazer.

— Quero adorar cada pedacinho seu, Bianca, como senti sua falta. — sua respiração está abafada, mas consigo entender cada palavra.

— Miguel, eu quero mais, mais forte! — grito, pois não dou conta dessa lentidão.

— Tenha paciência — ele me vira de costas para ele, com os joelhos no colchão, e levo um tapa na bunda.

Logo sinto meu corpo estremecer em espasmos; meu sexo aperta seu membro dentro de mim. Miguel ainda entra em mim algumas vezes, rápido e forte. Minha respiração irregular não me deixa falar; ele me penetrar uma última vez e goza.

Miguel se deita ao meu lado, ofegante, e puxa-me para seus braços, abraçando-me fortemente e sussurra em meu ouvido:

— Eu te amo, Bianca, e nunca deixei de te amar. Sei que errei, mas quero reparar meus erros. Me dá uma nova chance? — eu esperava tudo depois desse momento, menos isso.

— Miguel, podemos falar sobre isso em outro momento? — pergunto nervosa com o assunto.

— Não, Bianca, não podemos.

Se eu der bobeira, você vai correr para os braços daquele otário!

Agora ele conseguiu me irritar!

— Então quer dizer que só isso que importa?!

Ele levanta da cama ainda nu e é muito difícil não olhar para ele.

— Não, Bianca, o que importa é você. Eu não quero perdê-la, não agora que está tão perto. Eu te amo! — quando eu ainda era uma menina, minha mãe me ensinou que quando uma pessoa não tem nada a dizer, ela deve ficar

calada. E foi exatamente o que fiz agora. — Você vai me aceitar de volta? — ele parece à beira das lágrimas. Eu não consigo resistir a ele. Depois de tanto tempo, eu ainda o amo tanto; amo como se fosse ontem e, mesmo correndo o risco de me magoar novamente, não posso evitar.

— Miguel, vamos com calma, pode ser?

— O que você quer dizer com calma? — ele pergunta curioso, parecendo uma criança, e senta-se na

cama.

— Quero dizer que faz muito tempo que não nos vemos. Mudamos muito, vamos nos conhecer novamente e quem sabe tentar algo no futuro.

Ele me dá um lindo sorriso.

— Meu futuro é você, Bianca.

Ele se inclina para mim e beijamo-nos intensamente. Sua língua toca a minha e juntas fazem uma dança lenta e sensual.

— Você não vai se arrepender,

meu amor. — ele diz depois de separamos nossos lábios.

— Não vamos falar de arrependimentos agora, Miguel, me ame somente.

— Com todo meu coração, princesa. — ele diz, fazendo um carinho em meu rosto, e meu coração salta desesperadamente.

Capítulo VI

Se alguém me falasse que eu perdoaria o Miguel fácil assim, eu teria gargalhado da piada. Mas já se passaram duas semanas desde o dia que ele me pediu perdão. De início, fiquei meio relutante, mas acabei aceitando bem nossa volta. Eu senti, de coração, que precisava perdoá-lo e viver nosso amor. Às vezes, acho que eu esperava isso desde que soube que viria a New York. Eu poderia ter recusado a

proposta e esperado outra surgir. Mas não o fiz, eu vim mesmo sabendo que ele estava aqui.

Temos ido trabalhar juntos e todos no escritório sabem que estamos namorando. Sei que só se passaram duas semanas que estamos assim, mas estou muito feliz. Naquele dia falei para irmos com calma, mas foi da boca para fora. Esses dias ao seu lado são tudo, menos calmo. Conversamos muito; ele me contou o que aconteceu com ele após minha partida. Eu não soube o que dizer, só sei que ambos sofremos e que

aprendemos nossa lição. O que nos resta agora é ser feliz.

Essa semana liguei para Bruna e contei que voltei com Miguel. Lógico que ela me xingou bastante; eu fiquei nervosa e desliguei na cara dela, mas arrependi-me na mesma hora, pois eu a entendia; ela só estava preocupada comigo, com medo de me ver sofrer novamente. Voltei a ligar para ela e conversamos com mais calma, desculpamo-nos e, no final, acabamos concordando que se eu o amava, poderia perdoá-lo por um erro adolescente.

Miguel hoje é um homem e, se me ama, posso dar uma chance a nós dois.

Miguel está me tratando como uma princesa, mimando-me o tempo todo. Eu estou adorando isso; nem o jantar ele me deixa preparar. Quando não compra em um restaurante, ele mesmo prepara. Quando contamos a Mateus que havíamos voltado, ele ameaçou Miguel, dizendo que se eu derramasse uma lágrima por ele novamente, quebraria sua cara. Miguel prometeu a ele que agiria como homem comigo pelo resto da vida e não como

um moleque; que me amava plenamente e que nunca mais me trataria de forma errada.

Hoje, no escritório, tive um tempinho sobrando e comecei a procurar um lugar para mim. Mesmo que o apartamento onde estou seja bom, quero um lugar com minha cara. Miguel acabou chegando e viu a pesquisa no computador, mas não falou nada. Quando voltamos para casa, ele foi direto para o banho em silêncio. Desde que reatamos, ele não sai do meu apartamento, por isso achei estranho ele

não me chamar para acompanhá-lo, pois ele me chama sempre. Resolvi deixar para lá, talvez ele queira tomar um banho rápido e, se eu for com ele, irá demorar bastante.

Sigo para a cozinha e começo a prepara nosso jantar. Ele logo aparece de banho tomado, com cheiro de loção pós-barba, dá-me um selinho e pega a faca da minha mão. Deixo a cozinha sem dizer nada e vou tomar banho; estou começando a ficar intrigada com seu comportamento.

Não sei o que ele tem, mas sei que ele não vai demorar a explicar. Tomo banho tranquilamente quando a porta do box abre e Miguel entra. Ele está divinamente nu e eu sorrio, mas ele não corresponde. Avança em mim com necessidade. Beija-me com agonia; estou preocupada com ele, mas correspondo ao seu beijo. O desejo entre nós é latente. Miguel se abaixa na minha frente e beija minha pélvis e espalha beijos por toda área, causando sensações maravilhosas. Fecho os olhos, absorvendo o momento, quando sua

língua passa por cima do meu clitóris, sugando, lambendo e mordendo. Gemo, perdendo as forças, e ele me segura, continuando a me chupar desesperadamente. Alguns minutos depois, sinto a sensação maravilhosa e grito quando gozo em sua boca. Ele levanta, segura minha bunda com força, puxando-me de encontro ao seu corpo. Ele me ergue e encosta minhas costas na parede, antes de me penetrar, fazendo-me gritar mais alto. Com toda certeza os vizinhos irão escutar. Há urgência em seus movimentos. Ele encosta sua

cabeça em meu ombro, enquanto me penetra cada vez mais rápido e forte. Sua voz rouca sussurra em meu ouvido.

— Eu te amo, Bianca, por favor, não me deixe... — seu tom é o de uma pessoa em desespero e fico sem entender suas palavras. Estamos bem, o que ele fez para estar me dizendo isso? Imediatamente fico receosa; meu corpo fica tenso e todo prazer que estava sentindo começa a desaparecer. Miguel ainda continua a me penetrar com força até que pede. — Goza para mim, Bianca! — mas não consigo; meu corpo

quer, mas minha mente está em outro lugar; em um que me diz que fui boba ao perdoar Miguel.

Ele parece ver que não estou presente em nosso momento; vira-me, fazendo-me espalmar as mãos na parede. Segura minha cintura e volta a me penetrar de uma só vez; sua mão desce para meu clitóris e ele o pressiona, fazendo movimentos circulares.

— Vamos, meu amor, quero sentir você me apertar. — ele começa a apertar meu clitóris com mais força e

continua a me penetrar. Fecho os olhos com desejo e minha mente fica confusa; não consigo fazer mais nada a não ser sentir as ondas de prazer que começam a dominar meu corpo. — Isso, meu bem, vem para mim! Goza gostoso! — Miguel sussurra, deixando-me ainda mais fora de controle. Meu corpo responde a seus movimentos, enquanto ele continua a sussurrar palavras safadas.

— Ah, Miguel... — ele tira seu membro e segura minha bunda com força, antes de depositar um tapa estalado nela e morder meu ombro,

voltando a arremeter outra vez em mim até que o clímax me atinge com força.

Miguel goza logo em seguida e, depois de toda urgência, vira-me para ele e beija-me lentamente. Ele precisa explicar o que está acontecendo.

Miguel me olha, apaixonado.

— Vou dar banho em você. —
aceno, concordando.

≡≡

Estamos jantando em silêncio, mas Miguel me olha a cada minuto e isso está me incomodando bastante.

— Você vai me dizer o que está acontecendo? — pergunto.

— Você vai se mudar? — ele pergunta e a sensação que tenho é a de que ele tirou um peso das costas ao proferir as palavras.

— Você está assim porque viu a busca que eu estava fazendo?

— Assim como? — pergunta querendo dar um ar de desentendido.

— Miguel, eu não sou boba.

— Por que vai se mudar? Não

me quer por perto? Estou sufocando você, é isso? — *hã, isso está mesmo acontecendo?*

— Miguel...

— Eu posso te dar espaço, mas, por favor, não vai embora. — seu olhar está cheio de angústia.

— Miguel, me deixa falar! — ele fica em silêncio e continuo. — Esse apartamento é alugado. É a empresa quem está pagando, mas logo serei eu, e não quero ficar aqui. Quero morar pertinho do *Central Park*, quero um

lugar que pareça comigo. Não sinto que aqui seja o que eu quero, entende? — finalizo, sorrindo para que ele mantenha a calma.

— Só isso? — pergunta meio sem jeito.

— Claro que sim. A empresa paga seu aluguel ainda?

— Não. Eles pagaram por alguns meses, depois Mateus e eu decidimos ficar aqui mesmo. Pensei que você fosse fazer o mesmo.

— Não. Eu quero um lugar para

chamar de meu, com minha cara. — explico.

— Entendi. — ele responde sorrindo, mas, pela expressão em seu rosto, seus pensamentos estão longe.

≡≡

Fomos para a cama. Miguel está mais animado, fazendo brincadeiras. Meu celular vibra com uma mensagem e, no visor, o nome de Mateus aparece. Abro a mensagem, curiosa.

Ensaio para a cerimônia do

casamento nesse sábado, na casa do seu pai.

Beijo.

— O casamento do Mateus vai ser no jardim da casa dos nossos pais?

— pergunto a Miguel, que estava saindo do banheiro.

— Sim, o ensaio já é esse fim de semana. Mateus pediu para avisar.

— Engraçadinho, ele acabou de mandar uma mensagem.

— Eu esqueci. — ele deita ao meu lado e beija meu pescoço. — Às

vezes, não acredito que estou aqui com você.

— Mas estou aqui. — estendo o braço para ele. — Pode beliscar. — mas Miguel me pega de surpresa ao me virar e dar um tapa na minha bunda.

— É, é de verdade. — responde e beija-me e assim passamos algum tempo até eu dormir em seus braços.

≡≡

O fim de semana chegou e hoje é o ensaio da cerimônia. Haverá um

jantar após o ensaio; o casamento está próximo e Mateus está uma pilha de nervos. Não sei sobre Angel, não tenho contato com ela e percebo que ela também não está muito a fim de fazer amizade comigo.

Miguel estaciona o carro e desço na frente. Falei com meu pai por telefone algumas vezes, mas não contei que voltei com Miguel, queria fazer isso pessoalmente e hoje é a oportunidade perfeita.

— Oi, filha! — meu pai abre a

porta de casa antes que eu toque a campainha.

— Oi, pai! — abraço-o com carinho. — Você tem um minuto?

— Claro, vamos ao escritório. — acompanho-o pensando em como começar o assunto. — O que foi? — pergunta, preocupado, quando nos sentamos lado a lado.

— Eu sei que você sabe sobre o Miguel e eu. — meu pai assente. — Por que nunca disse nada?

— Achei que me contaria

quando estivesse pronta. — meu pai dá de ombros.

— Desculpe, pai. — peço um pouco sem graça.

— Vocês voltaram?

— Sim. — ele respira fundo, passando a mão pelo rosto.

— Você sabe o que está fazendo?

— Sou uma mulher, pai, e não uma menina. — não quero ser rude com meu pai, mas ele não pode se meter

nisso.

— Eu entendo. Só quero que você seja feliz. — beija meu rosto. — Mas se ele te magoar novamente, terá que se entender comigo.

Saímos para o jardim, onde poucas pessoas estão presentes. Miguel está conversando com um casal e meu pai sai à procura de Carla. Assim que Mateus me vê, vem em minha direção. Angel está ao seu lado, mas não o acompanha.

— Aqui está você. — ele beija

meu rosto.

— Tem certeza de que ainda me quer como madrinha? — Angel parece me odiar e não quero causar mal-estar no casamento dele.

— Você não tem que se preocupar com ela. Você é minha madrinha e não dela. — ele diz olhando para a noiva.

— Tudo bem, mas volte para ela, ou então ela vai me odiar ainda mais. — tento brincar.

— É a gravidez. Angel tem

andando muito diferente. — Mateus sabe que é mais do que isso, mas não comento mais nada. Ele volta para a noiva e Miguel volta para mim.

— Tudo bem? — pergunta enquanto me beija.

— Sim, meu pai levou na boa. — ele não precisa saber que não é muito bem isso.

O ensaio ocorre muito bem. Tive que cumprimentar Angel em um momento, mas ela não foi muito educada. O jantar ocorreu bem, Miguel

ficou ao meu lado o tempo todo. Agora estamos à mesa só conversando mesmo. Peço licença, pois preciso ir ao banheiro.

Quando estou voltando, encontro com Angel no caminho.

— Tudo bem? — pergunto educada, mas minha vontade é de passar por ela e ignorar sua presença.

— Você é uma espertinha mesmo, não é?

— Não entendi.

— Você percebeu que Mateus é apaixonado por mim e, como não te deu bola, você foi físgar o irmão gêmeo. — ela é louca mesmo.

— Angel, eu não preciso explicar isso a você. Mas mesmo não sendo da sua conta, vou te falar. Miguel e eu temos uma história juntos desde a adolescência. Fique tranquila, não quero roubar o Mateus de você. — informo.

— Você não me engana. — sua voz está começando a me irritar. Eu passo por ela sem dizer mais nada. Não

vou discutir com a mulher grávida do meu amigo.

Assim que volto à mesa, sussurro para Miguel.

— Podemos ir embora? Estou com dor de cabeça.

— Claro! — Miguel avisa que já vamos e logo estamos a caminho de casa.

Essa Angel é doida, melhor eu manter distância dela.

Capítulo VII

O mês passou muito rápido. O inverno chegou a New York com força total; a neve cai torrencialmente, dificultando a vida de muita gente, mas eu posso dizer que amo o frio e amo ainda mais dormir abraçadinha com Miguel.

O casamento de Mateus e Angel será nesse fim de semana. Algumas mudanças estão sendo feitas em cima da hora por conta da neve, que não dá uma

trégua.

Mudei há uma semana para a Quinta Avenida. Estou bem mais perto do *Central Park*, como eu queria. Miguel me ajudou em todo o processo, até mesmo na escolha do lugar, e o meu apartamento é do jeitinho que eu queria, tudo ao meu gosto; estou amando minha nova casa. Dois dias depois da minha mudança, Miguel também se mudou, alegando que estaria onde eu estivesse. Seu apartamento não é ao lado do meu, como no antigo prédio, mas é um andar acima. *Na cobertura*. Não sei por que

ele comprou aquele lugar se fica mais em meu apartamento. Eu poderia tê-lo convidado a dividir o apartamento comigo, mas fiquei com medo de estar precipitando as coisas.

≡≡

Hoje temos um jantar especial. Ao menos, foi isso o que ele escreveu na mensagem que me enviou. Em plena sexta-feira o que mais quero é um bom jantar e um bom vinho com o meu amor.

Mas agora estou com um problema que tenho que resolver

urgente; preciso contratar alguém para substituir Angel na licença maternidade e isso está me irritando. Durante sua lua de mel, suas assistentes vão fazer todo o trabalho, mas preciso de uma substituta para a licença e todos os candidatos qualificados que enviei para ela foram reprovados. Estou começando a achar que ela está fazendo de propósito.

Patrícia já saiu de licença maternidade e o bebê dela é lindo. Quase todos os dias, ela me envia uma foto dele para eu ficar admirando aquela

coisinha perfeita. Às vezes me dá vontade de ter um, mas se eu acho que morar com Miguel já é um grande passo, imagina ter um bebê?!

≡≡

Saio do escritório pontualmente às seis horas. Na mensagem, Miguel avisou que não poderia me buscar. Quando chego em casa, as luzes estão todas apagadas e um caminho de velas aromáticas leva até a sala de jantar, que amo devido à sua parede espelhada com vista para o *Central Park*.

Miguel está em pé, vestido divinamente com um smoking. A perfeição em pessoa. Ele sorri.

— Boa noite. — diz, enquanto tira meu casaco e pega minha bolsa.

— Não é justo, você vestido assim e eu aqui igual uma plebeia. — digo manhosa.

— Por favor, vá até seu quarto e tome o tempo que precisar se você achar melhor.

— Você está tão sexy assim todo formal. — brinco com ele que dá

aquele maravilhoso sorriso de lado.

— Vá antes que eu perca a cabeça, plebeia sexy. — eu saio da sala rebolando e sinto seu olhar em minha bunda.

Quando chego ao quarto, vou direto para o closet, onde encontro um vestido longo branco, brilhoso e com um decote V profundo que não estava lá quando sai de manhã. Sexy e lindo. Corro para tomar um banho e perfumo-me com óleos de banhos. Ele ultimamente está merecendo o melhor

que meu corpo tem a oferecer.

Volto para a sala e Miguel está à minha espera no mesmo lugar em que o deixei.

— Eu sabia que ficaria perfeita! — exclama assim que me vê.

— Só porque foi você que escolheu. — implico.

— Você fica linda em qualquer roupa, Bianca. Seu nome do meio deveria ser perfeição. — ele segura minha mão e beija meus lábios.

— Nossa, hoje você está inspirado. — sorrio para ele.

— Vamos jantar? — pergunta animado.

Ele puxa a cadeira para mim e sentamo-nos. Levo um susto quando um garçom sai da cozinha com bandejas.

— Você contratou um garçom? — estou perplexa.

— Um amigo é o dono de um restaurante e ofereceu seu melhor funcionário para proporcionar uma noite agradável com a mulher que amo. —

explica com orgulho.

Fico emocionada com sua atenção para nossa noite.

O jantar ocorre calmamente. A comida estava maravilhosa e agora estamos esperando a sobremesa. Uma noite perfeita com um perfeito cavalheiro. Tenho o conto de fadas que sempre desejei ao lado do homem que amo. Quando o garçom volta com a sobremesa, ele traz uma bandeja coberta e estende em minha direção para que eu a destampe.

Olho para Miguel sem entender, um pouco envergonhada, mas faço o que ele pede. Meu coração para por um segundo ao ver a caixinha de veludo vermelha aberta, mostrando um par de alianças. Miguel tira a tampa da bandeja que ainda está em minha mão, pega a caixinha e o garçom sai da sala com um sorriso no rosto.

Estou em choque quando Miguel se ajoelha a minha frente. Estou tremendo e não consigo conter as lágrimas.

— Eu nem comecei. — ele brinca, mas minha voz não sai para que eu possa responder. Apenas sorrio, secando as lágrimas. — Você está em mim, Bianca, assim como meu coração está dentro do meu peito. Se ele parar, eu morro, e se você me deixar, não sobrevivo. Preciso de você para continuar sendo feliz. — ele tira as alianças da caixinha. — Esses dias ao seu lado têm sido perfeitos e quero viver isso eternamente. — faz uma pausa e vejo seus olhos marejados. — Eu sei que você pode achar que está cedo, mas

eu sei que posso te fazer muito feliz.
Case-se comigo e me faça o homem
mais feliz desse mundo?

Não consigo parar de chorar.
Um nó se forma em minha garganta,
impedindo que eu fale. Eu simplesmente
aceno que sim e ele coloca a aliança em
meu anelar.

Miguel me puxa para seus
braços, colocando-me de pé e beija-me.
Assim que ele me solta, eu grito o que
estava preso.

— SIM!!!!!! — ele sorri e volta

a me beijar.

Miguel me pega em seus braços e eu entrelaço minhas pernas em sua cintura. Ele me carrega para o quarto e temos uma noite maravilhosa, na qual nos amamos incansavelmente.

≡≡

Na manhã seguinte, estou mais feliz do que o normal; meu amigo vai casar e estou noiva do homem que amo. *Poderia querer mais alguma coisa?*

Estou terminado de escovar os

dentes quando Miguel entra no banheiro, beija meu rosto e observa-me terminar.

— Você precisa se mudar. —
informa assim que termino.

— Mas já? — questiono
confusa.

— Agora. Não quero esperar
nem mais um segundo para ter você
debaixo do meu teto.

— Miguel, preciso ver o que
fazer com esse apartamento e fazer as
malas. Vai demorar um pouco para me
mudar, não vai ser agora; isso precisa de

tempo, amor. — digo, esperta.

— Problema resolvido, então.
— franzo a testa sem entender. — Fiz suas malas agora pela manhã, enquanto você dormia. E tenho um amigo disposto a alugar seu apartamento. — termina de falar orgulhoso.

— Você já fez tudo isso? — ele acena. — Meu Deus, você está parecendo um perseguidor. — digo sorrindo, mas meu sorriso desvanece quando vejo o olhar magoado de Miguel. — Ei, não faz essa cara, eu estava brincando. —

aproximo-me dele, tentando fazer seu humor voltar.

— Tudo bem, Bianca, eu te entendo. — ele sai do banheiro, e me sinto culpada por tê-lo magoado. Ele está sendo tudo que eu sempre sonhei e magoei-o agora.

— Miguel. — grito, indo atrás dele. Ele para de andar. — Eu vou morar com você sim, meu amor. — sorrio.

Ele caminha em minha direção e abraça-me.

— Então vamos, porque seu

vestido de madrinha está em meu closet.

— Então vamos, meu noivo apressado. — beijo seus lábios.

≡≡

Estou terminando de me arrumar quando recebo uma mensagem de Mateus.

Estou nervoso. Aliás, fiquei sabendo que está noiva! Meus parabéns! Eu sabia que vocês iam ser felizes. Espero por vocês. Beijos.

Respondo rápido.

Acalme-se! Sua noiva estará linda, e vocês serão felizes!

— Mateus está nos parabenizando pelo noivado. — informo ao Miguel que termina de dar o nó na gravata.

— Hoje é ele, daqui alguns meses vamos ser nós. — ele diz sorridente.

— Espero ansiosamente, mas você já pensou em alguma data? — pergunto, porque hoje ele está pensando em tudo.

— No fim deste ano. Acho que dá tempo de resolver tudo, não é?

— Vou começar a organizar, então. — ele se ajoelha à minha frente e fecha minha sandália.

— Eu quero participar, também quero ajudar a organizar. Posso?

— Ficarei muito feliz em ter sua companhia.

≡≡

A decoradora que Angel contratou é realmente uma ótima profissional. Ela não achou uma boa

ideia fazer o casamento dentro da casa. Como a cerimônia é para poucas pessoas, ela montou uma tenda fechada com aquecedores. Preciso pegar o cartão dela no fim do casamento. *A mulher sabe o que faz.*

Logo ela está avisando que a cerimônia vai começar. Miguel pede licença para atender uma ligação por um instante e, enquanto aguardo, vejo Daniel caminhar até a mim. Sorrio assim que ele chega ao meu lado.

— Um prazer reencontrar você,

Bianca. — ele beija minha mão. Depois daquele dia no almoço, não o encontrei mais e também desmarquei nosso compromisso. Ele não ficou chateado e agradeço por isso.

— Fico feliz em ver você, Daniel. — vejo sua roupa igual à dos padrinhos. — Você é um dos padrinhos?

Seu sorriso some, mas ele tenta disfarçar.

— Sim, sou padrinho do Mateus junto da minha irmã.

Miguel se aproxima com cara

de poucos amigos e encara Daniel, que o cumprimenta com um aceno, mas Miguel não retribui o cumprimento. Daniel sai um pouco sem graça, sem dizer nada.

— Miguel, pelo amor de Deus, não seja mal-educado.

— Eu não gosto dele, Bianca.

— Por quê? — questiono o motivo da implicância.

— Eu não sei, só não gostava dele antes e agora menos ainda.

Não toco mais no assunto, pois

a cerimonalista diz que já está na hora de entrar. Não consigo falar com Mateus antes da cerimônia, mas vejo quando ele caminha ao lado da sua mãe até o altar.

Logo é a vez dos padrinhos. Miguel e eu somos o último casal a entrar. Sorrio para Mateus ao me aproximar do altar e ele abre um lindo sorriso; ele está radiante. Miguel e eu nos posicionamos em nossos lugares, e a marcha nupcial começa com Angel aparecendo linda ao lado do seu pai.

A cerimônia começa com as

palavras do pastor e percebo Angel meio agitada; seus olhos vagam por todo o lugar, menos para o pastor. *Alguma coisa está errada!* Algum tempo depois, Mateus começa a fazer seus votos e, quando o pastor pergunta se ele aceita Angel com sua esposa, ele responde:

— Sim!

Angel começa a fazer seus votos e sua voz é hesitante.

O pastor começa a perguntar.

— Angel Madeleine Franco, você aceita Mateus Bitencourt como seu

legítimo esposo?

Angel hesita antes de responder.

— Não!

Todos ficam surpresos com sua resposta.

Ela olha para Mateus com culpa. Só as pessoas que estão próximas conseguem ouvir quando ela sussurra:

— Sinto muito, Mateus, eu não consigo.

Então, ela faz o inesperado:

segura a barra do vestido e corre para fora da tenda, indo em direção à saída dos fundos.

Mateus olha para cena como se não acreditasse, mas eu não o julgo; eu mesma não consigo acreditar. Ela estava tão enciumada de mim que eu poderia jurar que ela amava meu amigo.

No entanto, é o que acontece a seguir que me faz ter ódio dela. Mateus dá um passo para ir atrás dela, mas para ao ver Daniel sair do altar com um sorriso no rosto, indo na mesma direção

que Angel foi.

Inacreditável!

Capítulo VIII

Estou na cobertura com Miguel e ainda não consigo acreditar no que aconteceu. Nunca passou pela minha cabeça que aquela mulher ciumenta fosse capaz de abandonar o noivo no altar. Pior será se minha suspeita estiver correta, pois ao que tudo indica, Daniel está com Angel. Eu não quero acreditar que aquela ordinária enganou o Mateus. Tentei ajudar no que foi necessário, junto de Carla. Agradecemos a presença

dos convidados e, aos poucos, eles foram embora.

Mateus foi rapidamente atrás de Angel e Daniel. Carla, Miguel, meu pai e eu fomos para dentro de casa e esperamos por horas e nada do Mateus voltar para casa. Fiquei preocupada, mas Miguel falou para me acalmar; tentei, mas não consegui. Até que comecei a ficar exausta de esperar e pedi a Miguel que fôssemos embora. Pedi a Carla que avisasse Mateus que eu queria falar com ele e fui embora com Miguel.

Nem preciso dizer que Miguel veio o caminho todo falando que tinha seus motivos para não gostar de Daniel. Segundo ele, já tinha percebido os olhares que ele lançava para Angel e que ele estava me dando os mesmos olhares. Fiquei quieta. Contrariar um homem que diz estar com a razão é perda de tempo.

São quase onze horas da noite, já estamos deitados quando a campainha toca.

— Quem será uma hora dessas?

– Miguel pergunta, preguiçoso.

— Pode ser o Mateus! —
exclamo ansiosa. Levanto rápido,
colocando um robe e vou atender a
porta.

Quando abro a porta, Mateus
está estático com um olhar distante e
triste. Meu coração dói por meu amigo.
Estendo os braços para ele, que me
envolve pela cintura. Abraço-o e deixo
que se sinta confortável até que Mateus
começa a chorar e minha vontade é de
sair correndo, esquecer que Angel é uma

mulher grávida e dar uma surra nela.

— Desculpe por isso. — Mateus diz assim que se separa de mim, limpando suas lágrimas.

Miguel chega e aproxima-se de Mateus. Os irmãos têm um momento só deles, como se conversassem apenas com o olhar. Miguel o abraça e logo depois eles se sentam no sofá. Ninguém fala nada. Mateus olha para nós com os olhos marejados. Percebo quando ele respira fundo; acho que tomando coragem para falar, mas eu não esperava

ser algo tão triste.

— O filho não era meu. — sua voz não passa de um sussurro. — Ela me fez amar a criança para depois dizer que o filho não era meu! — ele diz, gritando a última parte.

Não sei o que dizer. Eu achei que Angel estivesse tendo um caso com Daniel, mas nunca passou por minha cabeça que o filho era dele.

— O babaca do Daniel é o pai? — Miguel pergunta a Mateus, que só assente.

— Angel escondeu que eles já foram namorados. — Mateus começa a explicar. — Quando fiz uma viagem há alguns meses a trabalho, eles se encontraram. Foi quando ela engravidou.

— Aquele cara iria deixar você assumir o filho dele? — pergunto, perplexa.

— Ele não sabia. — Mateus olha para mim e a dor em seus olhos corta meu coração. — Quando cheguei até ela, eles estavam discutindo. Ela se descontrolou e nos contou a verdade.

— Então eles não estavam tendo um caso recente? — estou mais confusa ainda.

— Ela jurou que não, que foi só uma recaída, disse que desistiu do casamento por que estava em dúvida dos seus sentimentos.

— Cadela! — esbravejo chateada com toda essa situação.

Mateus me olha sério e dou de ombros como um pedido de desculpas. Miguel levanta, pega uma das suas garrafas de uísque e entrega a Mateus,

que bebe sem hesitar.

Ficamos conversando com Mateus até tarde. Meu amigo bebeu, reclamou da vida e chorou. Não tiro a razão dele, sofrer por amor é uma droga. O problema é que presenciar toda essa dor de Mateus me levou de volta anos atrás, quando sofri por Miguel. Algo em meu coração me diz que estou prestes a sentir essa mesma dor de Mateus e isso embrulha meu estômago. Espero estar errada, pois não sei o que farei se sofrer novamente por Miguel.

Levanto do sofá e caminho para o quarto, deixando Miguel na sala com Mateus. Vou para o banheiro; preciso de um banho para esfriar minha cabeça, com certeza isso é somente paranoia da minha mente. No chuveiro, a mesma sensação me assola. Estou me sentindo vazia e perdida; encosto-me à parede do banheiro e escorrego até me sentar no chão. Começo a chorar sem ao menos saber o motivo. Só consigo parar quando ouço a porta do quarto bater; não quero que Miguel me veja dessa forma. Não vou conseguir explicar e não quero

que ele fique preocupado.

Consigo me acalmar e saio do banheiro, encontrando Miguel deitado na cama. Ele sorri ao me ver, mas sua expressão se fecha. Sabia que, por meus olhos inchados, ele iria perceber.

— O que aconteceu, amor? — ele levanta da cama e para ao meu lado.

Não preciso preocupar Miguel com minhas coisas bobas, por isso resolvo omitir.

— Nada, amor. Só fiquei preocupada com Mateus.

— Não fica assim, o Mateus é forte, ele vai passar por essa muito bem. — ele tenta me consolar.

— Tudo bem. — falo tentando disfarçar.

— Vem, vamos deitar. — ele retira a toalha que está em volta do meu corpo, deixando-me nua, puxa-me pela mão e deitamo-nos. — Dei a chave do seu apartamento para Mateus. Ele vai dormir lá hoje, já que ele tinha entregado o apartamento dele e estava morando com Angel.

— Então agora além de ser deixado no altar, ele está sem casa?

— Sim. — Miguel responde.

— Não acredito nisso! Tudo por culpa daquela mulher sem escrúpulos! — grito extremamente chateada com essa situação.

— Estive pensando. — Miguel senta na cama, com seus lindos olhos azuis me encarando. — Mateus está sem casa, seu apartamento está vazio... O que acha? — pergunta e posso ver em seus olhos a preocupação que ele sente pelo

irmão.

— Acho uma ótima ideia! —
digo animada com a ideia de Mateus ter
onde ficar.

— Então amanhã de manhã
falaremos com ele. — Miguel diz
determinado. Ele volta a se deitar e
aconchego-me em seu peito, fechando os
meus olhos, em uma forma inútil de
afastar a sensação estranha em meu
peito.

≡≡

Na manhã seguinte, acordo

mais cedo que Miguel e preparo um café para levar para Mateus. Separo dois comprimidos para dor de cabeça e um suco de laranja para ressaca, pois pelo tanto que ele bebeu ontem, com toda certeza a ressaca hoje vai ser das bravas. Estou terminando de fazer panquecas quando Miguel me abraça por trás na cozinha.

— Bom dia, amor. — cumprimento-o, dando um beijo em seu rosto.

— Bom dia, princesa. — Miguel

me deixa à sua frente e afunda sua mão em minha nuca, enquanto a outra me puxa para mais perto do seu corpo. — Eu te quero, amor. — ele sussurra em meu ouvido, fazendo os pelos da minha nuca se arrepiarem.

— Faça-me sua! — beijo Miguel com paixão, esquecendo nem que seja por um momento aquela sensação.

Sinto meu corpo anestesiado quando Miguel me toma em seus braços e leva-me de volta para o quarto, onde ficamos a hora seguinte nos amando.

≡≡

— Melhor levantar e ir levar o café do Mateus. — digo a Miguel assim que saio do banheiro, enrolada na toalha.

— Eu vou com você. — ele levanta da cama. — Só vou tomar uma ducha rápida.

— Tudo bem, vou terminar o café e tomamos todos juntos. — beijo seus lábios de leve e vou para o closet vestir uma roupa. Logo depois de colocar um vestido soltinho, vou para a

cozinha.

A panqueca esfriou, então não era uma boa opção, porque comer borracha ninguém merece. Faço ovos mexidos e, quando termino, Miguel entra na cozinha.

— Vamos? — ele pergunta com aquele sorriso maravilhoso.

— Sim, vamos.

Miguel pega a bandeja em cima da bancada e seguimos de elevador para meu apartamento. Não tocamos a campainha e entramos direto com a

cópia da chave que eu ainda tenho. A visão que temos me faz rir e Miguel bufar.

Mateus está dormindo no sofá com uma perna pendurada para fora, a mão ainda segurando a garrafa de uísque. Detalhe: ele está só de cueca.

— Acorda, Mateus! — Miguel grita, colocando a bandeja na mesinha de centro e logo depois joga uma almofada em cima dele.

— Me deixa em paz, merda! — Mateus resmunga e fica de braços.

— Trouxemos seu café, Matt. —
pronuncio-me e Mateus senta no sofá
envergonhado, cobrindo sua ereção,
provavelmente matinal, com a almofada
que Miguel jogou nele.

— Desculpe por isso. — pede
sem graça.

— Não se preocupe, já vi mais
coisas quando adolescentes. — pura
verdade. Na adolescência, já presenciei
momentos constrangedores desses dois.

Mateus revira os olhos e
Miguel bufa, sentando-se ao lado dele.

— Está melhor? – ele pergunta em um tom ameno.

— Vou me recuperar, não precisa ficar tão preocupado. Aliás, vocês dois.

Pego o suco de laranja e ofereço-o com os comprimidos para dor. Mateus não diz nada, apenas pega e toma-os.

— Você pode se virar sozinho, Mateus, mas estamos aqui para ajudar no que for necessário. – digo, também me sentando ao seu lado.

Ele sorri e coloca seu braço ao meu redor e logo depois em Miguel.

– Vocês são uns chatos, mas eu amo vocês!

— Ah, para de besteira, mano!

– Miguel implica com ele.

— Eu também amo vocês. —
digo sincera.

≡≡

Um mês se passou após o ocorrido com Mateus, mas aquela sensação ainda não saiu do meu peito. Tento arduamente não pensar nela.

Mateus está morando em meu apartamento, Angel pediu demissão da empresa e sumiu; ninguém tem notícias dela. Achei melhor assim; Mateus não precisa olhar para ela todos os dias e sofrer ainda mais. Por mais forte que ele esteja sendo, vejo o sofrimento em seu olhar. Um olhar triste e vazio. Conheço bem esse tipo de olhar, por anos o vi refletido no espelho.

Meu relacionamento com Miguel está ótimo. Comecei os preparativos para nosso casamento e estou muito animada com isso. Estou

tentando não pensar na sensação horrórosa que a cada dia está aumentando; estou deixando-a de lado, pois sei que vou ser feliz ao lado do homem que amo.

Ontem, Miguel me levou para jantar fora, e acredito que a comida do restaurante não caiu muito bem, pois acordo com muito enjoo e náuseas. Levanto da cama rapidamente e corro para o banheiro, agacho-me em frente ao vaso e começo a colocar tudo para fora. Miguel aparece na porta do banheiro e, quando vê o que está acontecendo, fica

atrás de mim, segurando meu cabelo e começa a perguntar se estou bem.

— Me deixa sozinha! – não gosto que ninguém me veja vomitar; ninguém é bonito nessas horas, mas eu sou pior ainda.

— Lógico que vou ficar aqui com você! – ele diz preocupado.

— Sai daqui agora! Não quero você aqui! – grito, percebendo que o magoei, mas não tenho tempo de pedir desculpas, pois volto a vomitar.

Miguel sai do banheiro

resmungando alguma coisa, mas não ligo muito, depois eu converso com ele. Enfim, a sessão de vômitos termina. Escovo os dentes, tomo um longo banho e volto para a cama.

— Vamos ao médico. — Miguel diz assim que me deito.

— Não vamos, não. — respondo entre dentes. Odeio hospitais. — Deve ser só uma intoxicação alimentar. — explico. — E me desculpa por ter sido grossa com você? — peço manhosa.

— Tudo bem, amor, eu entendo,

mas agora vamos para o hospital. — ele diz, jogando um dos meus vestidos em cima de mim.

— Eu não vou. — resmungo.

— Ah, vamos sim, mocinha birrenta, jantamos a mesma comida e eu não estou passando mal, então pode não ser uma intoxicação.

Sinto como se borboletas invadissem meu ventre agora, pois acho que sei o que ele quer dizer, entretanto, pergunto mesmo assim.

— O que você quer dizer com

isso? – questiono com medo de ouvir a resposta.

Miguel sorri.

– Que você pode estar grávida!

Capítulo IX

Grávida!

Essa é uma daquelas notícias que você não sabe se sorri ou chora. Miguel está radiante ao meu lado. Ainda estou processando a informação, então não sei bem o que pensar. Estou feliz, é claro. Afinal, o fruto do meu amor e de Miguel está crescendo dentro de mim e isso é simplesmente maravilhoso. Mas eu estou tomando anticoncepcionais e não contava com uma gravidez agora.

Veza ou outra tomava fora dos horários, mas nunca imaginei que ficaria grávida.

De nada adianta reclamar agora. Estou grávida, meu noivo me ama e vamos formar uma família. Tenho tudo sobre controle.

— Precisamos adiantar o casamento! — Miguel diz assim que saímos do consultório médico.

— Vamos com calma, Miguel, não vou conseguir adiantar tudo assim em cima da hora. — tento argumentar.

Miguel para subitamente no

meio do corredor e encara-me, triste.

— Você não está feliz? — seu tom magoado quebra meu coração.

Diminuo a distância entre nós e seguro seu lindo rosto em minhas mãos.

— Estou feliz, amor, mas você não pode negar que tudo está acontecendo muito rápido e desculpa, mas isso me assusta. — ele parece magoado com minha revelação. — Parece bom demais para ser verdade. — explico melhor.

— Bianca, por sete anos

ficamos separados, estamos atrasados. — ele me encara com seus lindos olhos azuis. — A vida está nos presenteando com amor e agora um bebê. — ele sorri. — A única coisa que podemos fazer é agradecer e ser feliz. — ele tira minhas mãos do seu rosto e beija-as. — Pare de colocar caraminholas em sua cabeça, meu amor.

Como sou boba! Tantas coisas boas em minha vida e eu reclamando delas.

— Você está certo, preciso

parar de pensar e viver. — beijo levemente seus lábios e entrelaço nossas mãos.

Caminhamos para a saída do hospital e vou me sentindo melhor. Estou criando caso para impedir minha própria felicidade e não vou deixar isso acontecer.

— Vamos comemorar? — pergunto quando Miguel senta ao volante.

— Com certeza! Eu vou ser pai! — ele grita, sorrindo.

— Eu vou ser mãe! — grito, juntando-me a ele, que sorri. Parecemos dois bobos.

— Vamos almoçar? — seu sorriso não some de seus lábios.

Mas só a menção da palavra almoço, faz-me ter vontade de vomitar.

— Melhor não. — digo, fazendo careta. — Vamos comer um sanduiche ou algo parecido.

— O que você quiser, princesa!

Seguimos em direção ao

Subway mais próximo e tivemos uma tarde muito agradável. Nunca imaginei que minha vida pudesse ser tão boa. Desde a primeira vez em que Miguel entrou nela, eu sabia que estava marcada, mas aconteceu a nossa separação.

A segunda chance veio e ele chegou tão doce, ocupando cada espaço da minha vida e fazendo dos meus dias melhores. Ensinou-me a perdoar e amar novamente. E agora está me dando a chance de formar uma família.

Voltamos para casa no fim da tarde. Fui direto tomar um banho quentinho, enquanto Miguel preparava algo leve para jantar. Nesse pequeno espaço de tempo, consegui perceber que "comida" não era uma opção nesse momento.

O médico contou que era normal perder peso no início da gravidez, mas que eu devia me esforçar para me alimentar adequadamente. Não iria deixar de comer, mas hoje só quero não vomitar e comemorar o início da minha nova família.

Saio do chuveiro e vou direto para a cama. Miguel entra no quarto com uma bandeja coberta de sanduíches e uma jarra de suco. Ele coloca, a meu pedido, uma comédia romântica e assistimos Amizade Colorida. Gargalhamos bastante e logo o filme chegou ao fim.

— Estive pensando... — Miguel começa e já sei onde isso vai dar. — E cheguei à conclusão de que temos que adiantar o casamento, sim.

Não vou tornar a vida dele

difícil.

— Por mim, está ótimo! Para quando você quer?

Miguel me olha meio surpreso e questiona.

— Assim tão fácil? — esses homens!

— Você me disse para ser feliz e isso inclui casar com você. Então vamos logo com isso, homem, e me faça sua para sempre!

— Já disse que te amo hoje? —

Miguel me beija apaixonadamente, não me dando chance de responder que sim. Afinal, não há um dia em que eu acorde sem ouvi-lo dizer que me ama.



Contar para Mateus sobre minha gravidez me deixou um pouco receosa, afinal, ele tinha recentemente perdido um filho que achou ser seu. Mas, ao ver seu sorriso e a forma carinhosa que me tratou, pude deixar meus receios de lado. Duas semanas se passaram após saber que estava grávida,

e só agora que estou conseguindo me alimentar melhor. Mateus me convidou para almoçar e saímos da empresa direto para nosso restaurante favorito.

— Estou feliz por você, Bianca. — ele diz, sorrindo.

— Obrigada, Matt. — toco carinhosamente sua mão por cima da mesa.

— E o casamento? — ele pergunta animado.

— Miguel quis adiantar a data e eu concordei. — informo.

— E quando vai ser? Afinal, sei que vou ser o padrinho e quero me preparar. — diz convencido, fazendo-me rir.

— Mais tarde vou me encontrar com a cerimonialista e ver se conseguimos adiantar para assim que acabar o inverno.

— Isso é daqui a um mês, será que você consegue dar conta de tudo? — ele argumenta e experimenta um pedaço da torta que o garçom acabou de trazer.

— Acho que sim. — dou de

ombros e também experimento meu pedaço, deliciando-me com o sabor maravilhoso.

— Pergunto, porque a Angel quase ficou... — sua voz morre assim que percebe o que acabou de dizer.

— Você ainda a ama? — decido ser direta com meu amigo.

Mateus pensa por um instante e responde.

— Sei que a Angel foi grossa com você algumas vezes, Bianca, mas ela realmente é uma boa pessoa. — ele a

defende. – Me fazia sorrir e meus dias ao seu lado foram sempre bons. Eu sabia que, quando chegasse em casa, ela estaria lá, com aquele sorriso para me receber e agora não há mais ninguém. – seus olhos ficam marejados e levanto de onde estou, sentando-me ao seu lado para confortá-lo.

Existem alguns momentos em que nada precisa ser dito, apenas um abraço é necessário e sinto que Mateus só precisa disso no momento.



Consegui resolver tudo para o casamento e estamos a uma semana da data tão esperada. Acho que nunca estive tão cansada em toda minha vida. Miguel me ajudou bastante, mas ainda assim era muito detalhe para ver. Enfim, nessa semana nada mais precisaria ser escolhido e eu poderia ser uma noiva normal, só curtindo a companhia do meu noivo.

— Enfim sós! — Miguel brinca assim que me deito ao seu lado.

— Nem me fale, estou

quebrada! – reclamo.

— Vou fazer uma massagem em seus pés. – Miguel se posiciona no final da cama, pega um travesseiro, coloca-o em seu colo e apoia meus pés, massageando em seguida.

A massagem é tão gostosa que meus olhos começam a pesar e não consigo controlar os bocejos gostosos que escapam da minha boca. Não sei exatamente quando dormi, mas acordo com beijos que começam pelas minhas pernas e uma sensação maravilhosa que

vai subindo por minhas coxas. Abro lentamente os olhos e vejo Miguel depositar um beijo em minha barriga.

— Você estava dormindo tão linda. — ele sela nossos lábios, beijando-me calorosamente enquanto sua mão explora meu corpo.

A sensação de Miguel me tocando, não importa por quantas vezes se repita, sempre vai ser maravilhosa. Ele se livra das nossas roupas e toma-me em seus braços, reivindicando meu corpo e meu amor.



Passamos uma semana maravilhosa com muito amor e amanhã será o grande dia. Miguel decidiu que hoje iríamos passar o dia no *Central Park*. Com o início da primavera, o dia está lindo para um dia de passeio. Por isso, saímos cedo de casa com uma cesta cheia de petiscos e frutas para fazermos um piquenique, e fomos ter um dia maravilhoso.

Brincamos, sorrimos, comemos tudo que havia na cesta e até tirei um

cochilo no colo de Miguel. Foi um dia extremamente agradável. Minha barriga de quatro meses ainda está pequena, mas é visível a qualquer um. Debaixo de uma árvore, aproveitando sua sombra, Miguel está sentado e estou entre suas pernas. Ele coloca suas mãos em minha barriga quando começa a falar.

Foi quando senti aquela sensação horrorosa de novo.

— Filho... — ele diz.

— Você não sabe se é um menino! — implico com ele, tentando

disfarçar o que estou sentindo.

— É um menino, Bianca. — ele fala com tanta convicção que não me atrevo a dizer o contrário.

Ele volta sua atenção para minha barriga e começa novamente.

— Filho, você sabia que amanhã a mamãe vai ser do papai para sempre?! — e para o dia ficar melhor do que já está, nosso bebê resolve dar o seu primeiro chute. — Não acredito! — Miguel praticamente grita, enquanto sorrio. Animado, ele continua a falar

como um bobo. – Nós vamos cuidar da mamãe e fazê-la muito feliz, campeão. Ela merece!

Nesse momento, estou tão emocionada que minha voz parece estar travada. Só o silêncio e as minhas lágrimas preenchem nosso momento.

— Eu amo você, Bianca. — Miguel diz e vira-me e seu olhar urgente me assusta. — Amo você com todo meu coração

Ele segura meu rosto e a sensação ruim toma meu corpo por

inteiro. Miguel me beija de leve e, assim que ele me solta, consigo responder a sua declaração.

— Eu também amo você, Miguel. — beijo-o novamente e volto a dizer. — Para sempre!

≡≡

Acordo no dia seguinte com um bilhete de Miguel ao meu lado.

Te encontro no altar... Amo você!

Para sempre seu.

Combinamos que ele passaria o dia com Mateus e eu ficarei na cobertura com Carla. Minha madrasta é o que tenho mais próximo de uma mãe, por isso, pedi que ela ficasse comigo hoje. Levantei ainda com aquela dor em meu peito, mas ignorei. Hoje é o meu dia. Nada irá atrapalhar esse momento.

Carla chegou ainda na parte da manhã e, logo em seguida, os profissionais contratados para nos atender chegaram. Em meio a tantas coisas, o dia passou rapidamente e logo Carla estava me ajudando a colocar o

vestido; um modelo de mangas curtas em renda, com decote formato coração que amei assim que o vi. Estou maquiada e pronta para encontrar o homem da minha vida.

— Seu pai já está aqui, Bianca.
— Carla diz quando termina de fechar o zíper do vestido.

— Então vamos! — respondo logo, tudo o que quero é ir ao encontro do meu noivo.

Só sai da cobertura após confirmar que Miguel já tinha saído.

Não quis correr o risco de encontrar com ele pelo prédio. No carro, meu pai me elogiou e seguimos para o espaço onde será feita a cerimônia e a festa.

Chegamos ao local em que será feita a cerimônia. O espaço que escolhemos tem uma vista marcante de Manhattan, com o *Central Park* como plano de fundo. Então, a escolha não poderia ser melhor. E o nervosismo toma conta do meu corpo! Estou ansiosa para me juntar a Miguel no altar. Meu pai me ajuda a sair do carro e Carla vai

avisar que chegamos. A cerimonialista contratada me recebe muito simpática e guia-nos para a entrada da noiva.

Quando as portas do salão são abertas para que eu caminhe em direção ao altar com meu pai, tudo que vejo é o rosto apavorado de Mateus em minha direção.

O que aconteceu?

Busco por Miguel com um olhar ansioso e só vejo Mateus caminhar de encontro a nós. Solto o braço do meu pai e dou um passo à frente. Meu pai

tenta me impedir, puxando meu braço, mas não deixo; solto-me dele e caminho em direção a Mateus.

Os poucos convidados me olham curiosos. Afinal, a noiva está caminhando para o altar sem música e o principal: sem o noivo.

Encontro Mateus na metade do caminho.

— O que está acontecendo? — indago urgente a ele.

— Bianca, fica calma. — pede, como se isso fosse possível.

— Cadê o Miguel? — grito perdendo a paciência.

— Eu saí antes dele, mas ele disse que já estava a caminho! — responde, olhando-me preocupado.

— Ligue para ele!

— Estou tentando, querida, mas só dá caixa de mensagem. Vamos a um lugar mais reservado. — ele tenta me tirar do meio do salão, mas também não deixo. Estou com muita raiva para sair de onde estou.

— Por que me deixaram entrar

se sabiam que Miguel não estava aqui? — pergunto já com o coração em pedaços, e as malditas lágrimas querendo descer por meu rosto.

— Acho que me confundiram com o noivo. — ele explica o óbvio.

— Ligue para ele mais uma vez! — grito no meio do salão.

Não acredito que isso está acontecendo. Não, ele não pode estar me deixando aqui! Não no dia do nosso casamento! Ele não tem esse direito!

— Pode ser só uma confusão,

Bianca. — Mateus diz quando começo a chorar.

— Não, Mateus. — resmungo entre as lágrimas. — Ele me deixou no altar. — concluo o que todos estão pensando.

— Ele não faria isso. — Mateus diz baixinho. Meus joelhos começam a ceder e Mateus me ampara.

— Ele já fez. — respondo por fim sentindo todo meu coração despedaçar.

Saio dos braços do Mateus e

sigo para a saída quando meu pai para em minha frente. Ele me direciona um olhar de compaixão e meu coração dói. Meu pai sabe de algo. Posso ver isso em seu olhar.

— Pode falar, pai. — peço já perdendo as esperanças de que isso seja só um pesadelo.

Capítulo X

Meu pai ainda demora alguns segundos para dizer o que está acontecendo. Mas quando ele diz, eu gostaria que tudo isso fosse realmente um pesadelo.

— Recebi uma ligação do hospital. — perco as forças e ajoelho-me no chão.

— Bianca! — Mateus grita assustado, ajoelhando-se ao meu lado.

Meu pai também ajoelha em minha frente e continua.

— Eu sinto muito, filha! — essa é a primeira vez em anos que vejo meu pai chorar. — Ele sofreu um acidente de carro e foi levado para o hospital.

— Então, vamos até ele! — tento criar forças para me levantar e Mateus me ajuda. Meu pai fica de pé novamente e volta a me dar aquele olhar triste. Nesse momento, aquela sensação que me incomodou por dias volta com força total.

*Dessa vez com a perda
concluída.*

— Eu sinto muito, filha. — meu pai respira fundo quando diz. — Ele não resistiu.

Encaro meu pai sem conseguir emitir uma palavra sequer. O silêncio e as lágrimas são tudo o que me resta. Instantaneamente levo minha mão à minha barriga; meu bebê vai crescer sem o pai. Miguel me deixou no altar, sim! Mas não porque não me ama. *Deixou-me para a morte.* E isso é tão surreal que

não consigo acreditar.

— Mentira! – grito para meu pai. – Ele não morreu! – a dor em meu peito começa a irradiar para cada parte de dentro de mim. Não consigo sentir mais nada a não ser dor. Meu coração parece que está sangrando, com as mil facadas que levei pelas palavras do meu pai.

— Filha...

— Não!!!!!! – grito, puxando meus cabelos, tentando fazer inutilmente essa dor passar.

*Isso não pode ser verdade,
Deus!!!! Por favor que seja mentira!!!!*

— Miguel!!!!!!!

Então é isso? Depois de tudo que passamos para ficar juntos, a única coisa que resta é a dor? Eu passei anos da minha vida sofrendo e tentando sobreviver à sua ausência. E quando tudo parece dar certo mais uma vez, vou ter que sobreviver à sua ausência?

Isso não é justo, comigo, com meu bebê e com Miguel!

Por que, Deus?

— Eu quero vê-lo! — Mateus tenta me abraçar, mas não deixo que ele encoste em mim. — Eu quero ver o meu noivo agora!!!!!!! — grito entre as lágrimas e a dor.

— Filha, eu não...

— A.G.O.R.A! — grito pausadamente para que ele entenda.

As coisas entre nós não podem terminar assim. Estávamos juntos ontem, ele não pode ter me deixado dessa forma. *Não assim.* Eu não lutei pelo nosso amor para tudo acabar como se

nunca tivesse acontecido. Sinto meu corpo dormente e, aos poucos, a inconsciência toma conta de mim. Os lábios do meu pai se mexem, mas não ouço o que ele diz. Eu simplesmente quero morrer; é isso que espero que aconteça quando, enfim, minhas pálpebras pesam e há somente escuridão.

≡≡

Não consigo acreditar que estou aqui, em pé, no meio do gramado do cemitério, assistindo o homem da

minha vida ser colocado debaixo da terra. A sensação dentro de mim é a de que também estou sendo enterrada com meu amor. *Enterrada viva*. As pessoas ao meu redor prestam suas homenagens e aos poucos vão se retirando. Carla está aos prantos, chorando inconsolavelmente. Como não chorar? Perder o filho tão novo é o que qualquer mãe não quer na sua vida. Meu pai a leva embora e resta somente Mateus e eu.

Minhas lágrimas não fazem jus à minha dor, meus gritos não diminuem o

que sinto. A dor parece ter se instalado dentro da minha alma e adormecido meus sentimentos. Como uma anestesia que me impede de sentir a dor, mas que não impede que eu saiba o que acontece ao meu redor. Em choque, é assim que me encontro. Por que ele se foi?

Em alguns momentos, a palavra amor parece pequena demais para distinguir um sentimento. Acabo de descobrir que a palavra *dor* também é incapaz de distinguir esse sentimento que me corrói e destrói tudo por dentro de mim. Não há nada que eu possa fazer

para fazer isso sumir. A inércia parece ser uma boa companhia e sentir a dor é tudo que posso fazer.

≡≡

Depressão. A doença da alma. Fui diagnosticada com isso duas semanas depois que Miguel se foi. Fui obrigada a tirar uma licença do trabalho para tentar me curar. O que eles não sabem é que não quero ser curada. A vida não tem mais sentido sem ele aqui!

Não tomo os remédios e, quando sou obrigada a tomar na

presença de alguém, jogue-os fora depois. Não recebi ninguém por uma semana, que foi quando eu finalmente achei que estava morrendo. Porém, Mateus arrombou a porta do apartamento e levou-me ao hospital. Fiquei internada por dias; meu bebê entrou em *sofrimento fetal* e só sobreviveu porque fui "*salva*" a tempo.

Eu não queria ser salva, eu só queria me juntar ao meu noivo.

É tão difícil aceitar minha decisão?

Parece que sim...

Todos os dias, Mateus fica até eu tomar meus remédios. Como sempre, eu o espero sair para levantar da cama e jogar os medicamentos fora. Volto a me deitar, fecho meus olhos, orando para que enfim eu não acorde no dia seguinte...

Debaixo da árvore no Central Park, Miguel coloca sua mão em minha barriga.

— Você precisa cuidar do nosso bebê, Bianca. — ouço sua doce

voz.

— *Eu não quero viver,
Miguel...*

*Encaro seus lindos olhos. Os
raios de sol brilhantes iluminam seu
rosto.*

— *Você precisa viver...*

— *Eu não quero, não sem
você....*

— *Estou com você sempre,
amor... Preciso que você viva por
mim.... Crie nosso filho com muito*

amor...

Acordo assustada com lágrimas escorrendo por meu rosto. *Essa é a primeira vez que sonho com Miguel.* Tentei voltar a dormir para que ele voltasse ao meu sonho. Mas foi em vão. Acaricio minha barriga de cinco meses e sussurro ao silêncio do meu quarto:

— Eu vou viver por você, meu bebê. — uma brisa entra pelo quarto nesse momento, movendo as cortinas.

Eu sorrio pela primeira vez em

algumas semanas.

– Eu vou viver por você, meu bebê. – repito mais vez.

≡≡

A recuperação da depressão não foi fácil. Por vezes, minha vontade era de me entregar à solidão, voltar para meu quarto e ficar deitada até não viver mais. Mas, então, aquela brisa entrava no quarto e era impossível não pensar no meu sonho. Não pensar nele.

A dor se tornou uma companheira inseparável conforme os

meses passavam. Não teve um único dia em que eu não acordasse e não estivesse doendo.

Não deixei a cobertura. Aqui é meu refúgio. Meu lugar. Miguel estava por todo lugar no apartamento e recuso-me a deixar esse lugar.

Ainda não recebo visitas. Mateus é o único que entra. Em uma das nossas poucas conversas, pedi que ele que dissesse a meu pai para me deixar sozinha por um tempo. Mateus vem, verifica como estou e vai embora. Ainda

bem que ele me entende.

Hoje completo oito meses de gravidez. Minha barriga está enorme. Miguel não está aqui para ver isso. Ajoelho-me em frente ao espelho e choro. É assim toda vez que lembro que ele está perdendo um momento da nossa vida juntos. Por isso, decidi não saber o sexo do nosso bebê. Eu não queria passar por essa alegria sem ele. *Não é justo.*

Minhas lágrimas não cessam e sinto aquela brisa novamente,

acalmando meu coração. Levanto do chão e sigo para o quarto que estou arrumando para meu bebê. Eu consegui sair de casa só algumas vezes. Não fui muito longe, só a algumas quadras daqui, para comprar as coisinhas do enxoval do bebê. Acho que se não fosse isso, eu já teria enlouquecido.



Mais um mês passou e a dor continua queimando como a chama de um fogo que nunca apaga. *Não há brasa, há fogo.* Parece que não importa o

tempo, a dor continua. Já se passaram cinco meses desde que Miguel me deixou e parece que foi ontem. Nosso bebê pode chegar a qualquer momento e só de saber que Miguel não estará presente, sinto náuseas.

Estou na cama pensando em tudo isso quando sinto a primeira dor. O médico já tinha me dito como poderiam ser as contrações e tenho quase certeza de que estou em trabalho de parto. Começo a ficar apavorada, pois se passam alguns minutos e a dor volta mais forte. Então, pela primeira vez em

meses, tomo a primeira atitude de falar com Mateus. Não vou conseguir fazer isso sozinha, sem alguém para me dar apoio. Pego meu celular, discando seu número. Hoje é sábado, então acredito que ele esteja em casa.

— Bianca? — pergunta ansioso.

— Acho que o bebê vai nascer.
— digo, tentando controlar o choro, pois está doendo muito.

— Estou chegando!

Eu gostaria que tudo fosse diferente; que eu tivesse curtido minha

gravidez, que Miguel estivesse aqui comigo e que, juntos, compartilhássemos esse momento. Mas a vida não quis assim. Só me resta trazer meu filho ao mundo e fazer o melhor que posso sendo mãe solteira.

Alguns minutos depois, Mateus me leva para o hospital. Sempre solícito, pergunta a todo momento como eu estou. Eu estou arrasada; lógico que não falo isso para ele. Mas nada muda a questão de que meu filho irá nascer e o pai não estará presente. Minha dor física não é nada comparada ao que sinto em

meu coração. No hospital, Mateus dá entrada com minha documentação e logo eu estou sendo levada para a sala de parto.

— Não me deixa sozinha nesse momento. — sussurro para ele.

— Não vou deixar. — ele diz sério.

Mateus some do meu campo de visão e sinto o pavor me consumir. Também sinto uma água escorrer pela minha perna e a médica informa que minha bolsa rompeu. Ela faz o exame de

toque e diz que estou com pouca dilatação, que tenho que aguardar mais. Para meu alívio, Mateus entra no quarto.

— Tudo bem? — pergunta à médica que está saindo.

— Sim, papai, ela precisa aguardar mais um pouco. — eu sabia que Mateus levaria o título de pai assim que entrássemos no hospital.

Ele não diz nada, apenas oferece um sorriso à médica que sai da sala. Mateus senta na beirada da maca e segura minha mão.

— Você está bem?

Passei meses preocupada com minha própria dor que não pensei que Mateus também perdeu o irmão. Como eu sou egoísta, não dei nem apoio a Carla.

— Eu sou uma péssima amiga, não é? — repito a mesma frase de quando o reencontrei.

— Todos estão sofrendo, é muito recente. — como sempre, meu amigo é compreensível. — Sabemos também que você está passando por um

momento difícil.

— Obrigada por estar ao meu lado, Mateus. — agradeço de coração.

— Sempre vou estar, Bianca. — Mateus limpa a garganta e continua. — Acho que Miguel estava com um pressentimento estranho. — a menção do nome dele faz com que eu queira chorar, mas me controlo e Mateus continua. — Ele pediu na manhã do casamento que eu promettesse cuidar de você e do bebê.

As lágrimas descem pelo canto do meu rosto e não digo nada, só gemo

um pouquinho, pois a contração voltou.

— Não vou deixar você sozinha, Bianca. — ele diz com a voz embargada. — Não vou ser o pai desse bebê, porque ele já tem um. Mas pode ter certeza de que ele vai ter um tio muito presente. — ele diz a última parte sorrindo e faço o mesmo.



Mesmo com a gravidez complicada, Deus permitiu que meu menino nascesse perfeito e saudável. Miguel estava certo, nosso bebê é um

menino. Assim que o vi pela primeira vez, senti a dor diminuir, dando espaço ao amor. Peguei meu bebê no colo e chorei junto dele. Seríamos somente eu e ele, mas nunca faltaria amor em nosso lar. Meu bebê me trouxe de volta à vida.

Mateus entra no quarto e observa-me dar a mamadeira com leite para meu bebê. Devido ao que passei na gravidez, não consegui produzir leite para amamentar meu filho. Mas ainda bem que ele aceitou as mamadeiras que o hospital oferece para esses casos em específico.

— Nossa família está a caminho. — eu sabia que eles não deixariam de vir. Só se mantiveram afastados antes, porque eu quis assim.

— Tudo bem. — digo baixo para não despertar meu filho que começou a cochilar.

— Você já escolheu um nome?
— Mateus pergunta, enquanto admira seu sobrinho.

— Sim. — respondo pensativa, sem tirar o olhar do meu bebê.

— E posso saber qual?

Respondo sem hesitar.

— Miguel.

Capítulo XI

6 anos depois...

Quando a vida não deixa muitas escolhas, tudo que resta é seguir em frente. Passar por problemas, dificuldades, obstáculos e ainda ficar de pé, é uma escolha. Eu fiz essa escolha! Foi difícil saber que o homem que amei desde garota tinha morrido em um trágico acidente de carro; um motorista imprudente, que ultrapassou um caminhão em um lugar proibido, colidiu

com o carro de Miguel.

Por meses, a escuridão foi minha única companheira. Esqueci que estava grávida, esqueci que precisava continuar vivendo. Foi só quando sonhei com Miguel pela primeira vez, após sua repentina partida, que lembrei que eu ainda estava viva e que precisava continuar assim. Havia uma vida nova dentro de mim, que precisava dos meus cuidados para vir ao mundo.

Então, levantei, ainda fraca, porém de pé, mas fui tentando da

maneira que eu achava possível. Quando meu filho nasceu, a decisão foi tomada de uma vez por todas. Eu precisava me reerguer e criar o meu filho. E foi o que fiz. Hoje, seis anos depois, estou em frente à escola do meu pequeno Miguel, esperando ele sair.

Miguel é uma criança muito inteligente, alegre e feliz. Graças a Deus, não estou sozinha na criação dele. Meu pai, assim como Carla, ajuda-me muito. Miguel nunca precisou frequentar uma creche. Carla tomou para si a função de babá e faz a tarefa muito bem.

Por vezes, Miguel não quis voltar para casa comigo, preferindo dormir com a avó. Ao contrário do que possa parecer, não fico chateada, é sinal de que meu filho é muito bem cuidado e amado.

Miguel também nunca questionou a ausência de seu pai. Ele cresceu sabendo quem é o pai e como ele morreu. É triste? Sim. Mas é a realidade e não tenho direito de esconder isso do meu filho. Mas sei que Miguel não sente a falta de um pai, porque ele tem Mateus.

Durante todos esses anos, Mateus nunca deixou meu filho sozinho. Ainda moramos no mesmo lugar, pois recuso-me a sair da cobertura. É lá que tenho as lembranças mais doces do meu amor. Mateus ainda ocupa meu antigo apartamento, mas agora pertence a ele; fiz a venda alguns anos atrás. Ele também tem uma cópia da chave da cobertura, o que lhe dá toda a liberdade de entrar a qualquer hora.

Ele sempre vem quando Miguel chega da escola e só vai embora depois que ele dorme. Vai às festas da escola

nos dias pais, compra presentes e ajuda-me a educar. Nunca reclamei, nem tenho por que reclamar. Eu não daria conta de cuidar do meu filho sozinha e a presença de Mateus deixa Miguel feliz e, conseqüentemente, a mim também.

Porém, Miguel começou recentemente a chamar Mateus de pai. A primeira vez foi um choque para nós. De repente, o que era tio virou pai e ficamos sem saber o que dizer. Por fim, decidimos ter uma conversa com meu filho e explicar a ele algumas coisas.

— Mamãe! — a voz infantil de Miguel me tira dos meus devaneios.

Abaixo no meio da calçada para receber seu abraço.

— Oi, meu bebê! — beijo seu rosto, com saudade.

— Não sou bebê, mamãe! — ele argumenta, fazendo bico.

— Quantas vezes preciso dizer que você vai ser sempre meu bebê? — implico com ele.

— Tudo bem. — responde

emburrado. — Mas por que a senhora que veio me buscar e não vó Carla? — questiona com aquele olhar igual ao do pai. Incrível como quando olho dentro dos olhos do meu filho, vejo o Miguel.

— Porque preciso conversar com você. — explico.

— Eu não fiz nada! — tenho vontade de rir.

— Será que não mesmo? — disfarço, ele sempre se entrega sozinho.

— Ah, mamãe, juro que foi sem querer, eu não queria quebrar seu

relógio da cabeceira. — balanço a cabeça, o relógio sumiu ontem e estava me perguntando onde estaria. Já tenho a resposta.

— Depois vamos falar sobre isso. — Miguel me olha com um sorriso, ele sabe que não vou tocar mais nesse assunto. — Você quer tomar um sorvete? Seu tio vai encontrar conosco.

— Oba! — sua mão pequena envolve a minha e atravessamos a rua em direção a soverteria.

Para minha surpresa, Mateus já

está nos esperando em uma mesa. Ele acena assim que nos vê e Miguel solta minha mão, correndo em sua direção.

— Papai! — ele grita assim que Mateus o pega nos braços.

Isso vai ser mais difícil do que eu pensava. Mateus me dá um olhar amigável e beijo seu rosto assim que me aproximo; logo em seguida, sentamo-nos e a garçonete anota nossos pedidos.

— Miguel, eu e sua mãe precisamos falar com você. — Mateus começa.

— Eu já disse para ela que quebrei o relógio sem querer, papai. — Miguel se entrega novamente, dando a Mateus um olhar de desculpas.

— Mas não é sobre isso que queremos falar, Miguel. — Mateus diz, sorrindo da peripécia do meu filho.

— Então, o que é? — pergunta confuso e decido entrar na conversa.

— Por que você está chamando o tio Matt de papai, meu amor? — questiono cuidadosa.

Miguel dá de ombros quando

responde.

— Porque ele faz tudo que um papai faz. — responde de forma simples.

Olho para Mateus procurando ajuda. Mas ele não está me olhando, sua atenção está voltada para Miguel a sua frente e vejo que ele está emocionado.

— Miguel, você sabe que seu tio não é seu pai. — tento explicar, mas ele me interrompe.

— Você não gosta que eu te chame assim, papai? — ele pergunta

com a voz baixa para Mateus.

Vejo quando Mateus seca a lágrima que cai pelo canto do seu rosto. Ele olha para mim com um olhar de desculpas e responde a verdade para Miguel.

— Eu amo, filho. — sua voz embargada toca meu coração.

Miguel levanta e senta no colo de Mateus, que o abraça e beija sua testa.

— Mamãe, se o tio gosta e eu também, então está tudo bem. — meu

filho é inteligente demais para sua idade.

Mas me sinto culpada; não quero que Miguel esqueça a imagem do pai. Vê-lo chamando Mateus dessa forma faz com que eu me sinta errada por permitir. Não sei o que fazer.

Nesse momento, a garçonete volta com nossos pedidos e aproveito para pedir licença para ir ao toalete.

No reflexo do espelho, vejo uma mulher perdida que, apesar dos anos, ainda carrega consigo a dor da

perda. Os anos me mudaram fisicamente; meu cabelo está curto, perdi um pouco de peso, mas nada disso mudou como me sinto por dentro. A dor ainda está aqui e ver a cena entre meu filho e Mateus foi como abrir uma ferida. Mateus merece esse título, ele é o pai que Miguel nunca teve a oportunidade de conhecer. Mas sinto como se fosse errado permitir que meu filho esqueça o pai verdadeiro. Seco as lágrimas que teimam em descer por meu rosto, tomo um minuto para me acalmar e volto para nossa mesa.

Decido não tocar mais no assunto. Não estou pronta para resolver isso, pois sei que se eu pensar em Miguel, vou chorar. E tudo que menos quero é chorar na frente do meu filho e do Mateus.

Miguel toma seu sorvete ainda no colo do tio, enquanto Mateus me lança olhares questionadores; finjo não notar e tomo meu sorvete em silêncio. Logo que acabamos, eu sigo com Miguel para meu carro e Mateus vai para o dele depois de prometer a Miguel que o colocaria para dormir hoje à noite.

Com tudo isso, pergunto-me se não fiz errado em deixar que Mateus fosse tão presente na vida de Miguel. Ele esteve presente em todos os momentos. Na primeira palavra, no primeiro passo, na primeira queda... Céus, é injusto pensar que errei em deixar Mateus se aproximar dessa forma, já que ele esteve presente sempre que precisei. Entretanto, não parece certo deixar que meu filho esqueça a imagem do pai assim. O que eu vou fazer, meu Deus?

Em casa, coloco Miguel para

tomar banho e vou preparar seu jantar. Ouço quando a porta da frente é aberta; Mateus entra na cozinha e senta na banquetta alta disposta em frente ao balcão. Não olho para ele, continuo lavando as verduras como se minha vida dependesse daquilo.

Mateus bufa e levanta, vindo em minha direção. Ele desliga a torneira e tira as verduras das minhas mãos. Ele segura minhas mãos molhadas e faz-me encará-lo.

— Bianca, olha para mim. —
pede. Seus olhos estão tristes e seu olhar
é carregado de preocupação. — O que
está acontecendo?

Como explicar a ele o que
estou pensando sem magoar seus
sentimentos? Eu sei o quanto ele ama eu
filho. Mas... Por que isso é tão difícil?!

— Não quero que Miguel
esqueça quem é o pai dele. — digo de
uma vez, com os olhos marejados.

— Ele não vai, Bianca. — ele
responde, calmo. — Eu amo seu filho

como se fosse meu. Mas nunca vou deixar que ele esqueça quem é seu verdadeiro pai. — controlo-me para não chorar. — Estou aqui fisicamente, por isso Miguel me vê assim, mas ele sabe quem é o pai de verdade. Duvido que um dia ele esqueça. O garoto é esperto. — ele diz, sorrindo.

Não consigo dizer nada, só aceno que sim. Mateus me solta quando Miguel grita por ele e vai verificar o que meu filho quer. Volto minha atenção para o jantar e deixo Miguel por conta de Mateus.

Logo após o jantar, Mateus entra no quarto de Miguel para ajudá-lo a dormir e sigo para meu quarto para tomar um banho. Mateus sempre sai quando Miguel dorme. Então, não preciso esperar que ele vá embora. Tiro minhas roupas e fico na banheira até que a água começa a esfriar. Passo o hidratante em meu corpo, visto uma calcinha e, como toda a noite, pego uma camiseta grande de Miguel e visto-a. Doeí a maioria das roupas de Miguel, mas guardei algumas peças comigo, e uso até hoje suas camisetas para dormir.

Sinto como se ele estivesse dormindo comigo quando uso suas roupas, assim consigo dormir a noite inteira.

Deixo meu quarto em busca de um copo com água bem gelado, mas tomo um susto ao ver Mateus parado no meio da sala.

Mateus me encara assustado, mas não deixo de perceber quando seu olhar desce para minhas pernas nuas. Constrangida, puxo a barra da camiseta para baixo em vão, porém faz com que Mateus volte a olhar para meu rosto, que

nesse momento deve estar como um tomate.

Nem mesmo quando adolescente isso aconteceu. Lógico que eu já o vi de cueca, mas ele nunca chegou a me ver de uma forma tão íntima como agora, por isso fico envergonhada com a situação.

— Desculpe, eu não quero atrapalhar, só queria terminar de falar com você. — pede sincero.

Não estou pelada nem nada do tipo, então tento soar normal e sento no

sofá, puxando um travesseiro para meu colo. Mateus faz o mesmo e encara-me em silêncio.

— Mateus, eu não quero ser injusta com você.

— Eu sei, Bianca, mas também não quero me afastar dele, não faça isso.

— Por que está falando isso?
— questiono confusa.

— Seu olhar hoje para nós. Era nítido que estava questionando se tinha feito o certo em me deixar tão próximo.
— às vezes odeio como ele me conhece

tão bem.

— Já passou. Não faria isso com você nem com meu filho. — sou sincera.

— E também conosco. — ele diz, deixando-me sem entender.

— Como assim? — olho para ele confusa.

— Isso com certeza iria atrapalhar nossa amizade e não quero perder você. — responde firme.

— Não se preocupe com isso.

— depois de tudo que Mateus passou, ele não se envolveu amorosamente com mais ninguém. Nenhum relacionamento sério, nada. O que dá ao meu amigo uma vida solitária, assim como a minha. Eu sei que ele tem os rolos dele, mas gostaria de vê-lo fazer outra coisa que não fosse só cuidar de Miguel.

Mateus assente e percebo o alívio em seu olhar. Ele levanta, beija minha testa e sai da cobertura. Durante esses anos, também não me envolvi amorosamente com ninguém. Nunca senti vontade. Há seis anos, estou sozinha. Há

seis anos, não sei o que é ser tocada ou beijada por um homem. Aliás, não sei nem mesmo porque estou pensando nisso agora.

Capítulo XII

Mateus

Desejar a vida de alguém que já morreu é o cúmulo da idiotice. Mas esse é o meu desejo. Desejo enlouquecidamente a vida do meu irmão; a vida que ele não pôde ter por causa de um maldito acidente de carro. Desejei Bianca a primeira vez em que a vi chegar na minha casa, uma garota triste e machucada com as fatalidades que tinha passado na vida. Tornei-me seu amigo,

buscando conhecê-la melhor para depois tentar uma aproximação mais íntima. Sempre fui devagar nessas coisas, estava esperando o melhor o momento para me declarar.

Em uma tarde, quando saímos da escola, convidei-a para um passeio e estava corajoso para dizer o quanto a desejava; um desejo que eu sabia que se tornaria amor se eu me permitisse ter mais dela. Foi quando ela me confidenciou que estava apaixonada por Miguel. Foi como jogar um balde de água fria em cima de mim. Não consegui

contar sobre os meus sentimentos e assisti por anos meu irmão namorar a primeira mulher que desejei intensamente. Com isso, fui guardando meus sentimentos.

Até que Miguel fez a besteira de deixá-la. Achei que, com o término do namoro deles, eu teria enfim uma chance. Mas Bianca ficou péssima. Doía-me profundamente ver como ela estava. Pensei que talvez, com o passar dos anos, eu poderia conquistá-la. Entretanto, após uma mancada de Miguel, Bianca voltou para o Brasil. Eu

sabia onde ela estava, mas nunca tive coragem para procurá-la. Bianca foi embora sem se despedir de mim. Minha lógica dizia que ela nunca iria querer algo com um homem idêntico ao que quebrou seu coração.

Deixei que os anos passassem e segui minha vida. O que sentia por ela foi sumindo aos poucos. Conheci outras pessoas e segui em frente; foi quando a doida da Angel apareceu e apaixonei-me por ela, que era a pessoa com quem eu queria construir uma família.

Bianca voltou, e eu fiquei extremamente feliz. O que eu sentia por ela era só amizade, aquele sentimento de amor tinha se dissipado, mas mesmo assim me senti mais feliz com sua presença. Eu agradei a Deus por Bianca estar aqui comigo quando descobri a verdade sobre Angel. Senti-me péssimo; eu amava tanto a Angel e ela fez o que fez comigo. Mas eu tinha meu irmão e Bianca para me ajudar a me reerguer da desilusão. Mas ao ver a felicidade de Miguel e Bianca, eu senti um pouco de inveja, pois eu só queria

uma família e não pude ter.

Quando meu irmão morreu, foi horrível! Parecia que eu tinha perdido uma parte de mim, senti-me culpado. Era como se, de tanto desejar a sua vida, ele parou de ter uma. Fui eu a reconhecer o corpo sem vida do meu irmão. Era como se a terra estivesse abrindo sob meus pés e tentasse me engolir para a escuridão.

Miguel mudou sua rota no dia do casamento para buscar as alianças; os nomes seriam gravados nela naquele

dia e foi nessa rota que um motorista imprudente fez a ultrapassagem não permitida, colidindo de frente com o carro do meu irmão. Foi constatado pela perícia que Miguel não estava usando cinto de segurança, causando, assim, traumatismo craniano, o que o matou.

Todos nós sofremos, não foi fácil lidar com a perda. Mas Bianca se afundou, ela se fechou em torno de si mesma. Somente quando Miguel nasceu que ela começou a viver. Mas não para si e sim, para o filho.

Ver aquele menino tão parecido com meu irmão e, conseqüentemente, comigo, foi um presente. Apoiei Bianca em tudo, ajudei quando estava de resguardo. Quando o bebê não dormia na madrugada, eu que o pegava para deixar Bianca descansar. E com o tempo passando, aquele sentimento que há anos eu não sentia por Bianca, voltou com força total. E ali eu descobri que a amava, mas que não podia me dar ao luxo de pensar nisso.



Eu amo Miguel como um filho e, quando ele me chamou de pai pela primeira vez, em meu peito só havia felicidade, mas percebi que Bianca ficou incomodada com aquilo. Estava disposto a abrir mão dessa felicidade de ser chamado de pai para que ela não ficasse chateada com a situação, mas hoje à tarde saiu de controle quando Miguel, convicto, disse que se eu agia como um pai, eu era um. Pensei que Bianca fosse me expulsar da sua vida por conta disso, mas seu coração bondoso não permitiu.

Vê-la de forma tão íntima foi estranho. Eu não pensei que fosse encontrá-la daquela forma e, para falar a verdade, eu sempre fugi desse tipo de encontro. Pois vê-la assim faz com que os meus sentimentos por ela só aumentem. Ainda que eu me permita tentar algo com Bianca, eu sei que ela nunca me aceitaria. É com esse pensamento que deito em minha cama e fecho meus olhos. Amanhã é um novo dia.

A claridade invade meu quarto e sou obrigado a levantar quando algo

pesado começa a balançar meu colchão.

— Acorda, papai! — Miguel grita, pulando em cima da cama.

— Estou acordado, campeão. — digo com a voz ainda grogue pelo sono.

— Hoje é sábado e você prometeu me levar para assistir ao futebol!

— Eu sei, deixa eu só tomar um banho e já vamos sair. — explico.

Miguel deita na minha cama e

pega o controle da televisão, colocando no canal de desenho. Levanto ainda de cueca; minha ereção matinal hoje está mais firme devido ao sonho quente que tive com Bianca. Estou entrando no banheiro quando os gritos de Bianca preenchem o apartamento. Ela entra assustada no quarto e só parece se acalmar quando vê Miguel deitado na cama.

— Você não avisou que estava descendo, Miguel! — ela diz paciente a ele, que não tira os olhos do desenho.

Miguel está acostumado a descer sozinho para meu apartamento já que ele tem uma cópia da chave, mas ficou combinado que ele precisa ter a autorização de Bianca para fazer isso. Ao que parece, o menino resolveu desobedecer hoje.

— Estou falando com você, Miguel. — Bianca eleva um pouco a voz.

— Bianca, ele não avisou que estava vindo? — ela me olha pela primeira vez desde que entrou no quarto

e é impossível não perceber seu rosto corar. Linda!

— Não, Mateus, ele não avisou. — responde, voltando seu olhar para Miguel.

— Eu não sou mais criança! — Miguel responde fazendo birra. Ele normalmente se comporta bem; é raro vê-lo fazer birra.

— Você precisa avisar quando for sair, meu filho, fiquei preocupada. — Bianca explica paciente.

— Eu já disse que vou assistir

ao futebol com o papai! — Miguel grita, obrigando-me a intervir.

— Não fale assim com sua mãe, Miguel! — repreendo-o e recebo um olhar aborrecido.

— Você não vai a lugar algum com esse comportamento, mocinho. — Bianca informa a ele.

— Mas, mãe...

— Mas nada, levante dessa cama e volte para seu quarto. — Miguel demora alguns segundos para obedecer à mãe, olha-me relutante, mas sai do

quarto em silêncio.

— Era só o que me faltava! —

Bianca reclama assim que a porta da sala bate.

— É só uma fase. Ele está crescendo rápido demais. — tento argumentar.

E aproveito o momento para envolvê-la em meus braços.

Sempre que posso e tenho oportunidade, quero Bianca em meus braços. Tocá-la é a única coisa que posso fazer, então...

— Estou fazendo algo errado, Mateus? — ela choraminga em meu peito.

— Não, querida, você é a melhor mãe do mundo.

— Só você para achar isso. — ela sussurra com a voz embargada. Porra, odeio vê-la chorar.

— É como eu disse, é uma fase. Não se preocupe, vai passar. — levanto seu rosto em minha direção e tenho vontade de beijar seus olhos cheios de lágrimas.

Não sei por que, mas não me controlo, e é exatamente isso que faço. Beijo primeiro seu olho direito e, logo em seguida, beijo o outro. Meus lábios ficam com o gosto salgado de suas lágrimas e amo isso. Bianca continua com os olhos fechados. Desço meu olhar para seus lábios convidativos e a vontade de beijá-la é tanta, que quase não consigo me conter.

Bianca lentamente abre seus olhos e ver suas pupilas dilatadas deixa meu coração agitado, batendo freneticamente em meu peito, mas que

volta a se acalmar quando ela sorri. Incrível como seu sorriso sempre teve esse efeito em mim. Tento meu melhor para que ela não perceba o olhar apaixonado que está em meu rosto nesse momento. Bianca levanta e começa a caminhar.

— Vejo você mais tarde! — ela diz sem olhar para mim e sai do quarto.

Sento na ponta da cama, apoio meu antebraço em minhas pernas, enfio a cabeça entre minhas mãos e puxo meu cabelo, frustrado com a situação. Até

quando vou conseguir viver assim? Negando um amor que nasceu assim que coloquei meus olhos nela? Um que nem mesmo os anos que passaram não foram capazes de apagar. Contudo, eu não acho que seria capaz de manchar a imagem do meu irmão. Não fiz isso em vida e não tenho coragem de fazer em morte.

Tudo o que preciso é continuar a fazer o que tenho feito por quase toda minha vida: ignorar esse sentimento que parece me queimar por dentro.

Capítulo XIII

Hoje Miguel teria uma apresentação na escola que, de última hora, não pude comparecer. Tive uma reunião que não consegui desmarcar. Liguei para Mateus e perguntei se ele poderia ir em meu lugar. Meu amigo nem hesitou. Agora que a reunião acabou, posso ir direto para o colégio dele, talvez eu ainda pegue um pouco da apresentação de primavera.

Quando chego, encontro meu

filho com Mateus na porta da escola. Eles estão sorrindo e quando Miguel me vê, corre em minha direção.

— Mamãe! — abaixo para ficar da sua altura e recebo seu abraço.

Beijo seu rosto e fico de pé. Mateus se aproxima e cumprimenta-me com um beijo no rosto.

— Tudo bem?

— Sim, só uma reunião de última hora. Obrigada por ter vindo.

— Foi um prazer, Bianca. — ele

sorri e pega a mão de Miguel. – Esse campeão aqui se saiu muito bem!

Miguel puxa a mão de Mateus ansioso.

– Papai, podemos tomar sorvete?

Mateus me olha e aceno que sim.

— Então vamos! – Mateus fica ao meu lado e caminhos juntos para a sorveteria.

Depois de pegarmos nossos

sorvetes, caminhamos para o *Central Park*. Achamos um lugar para nos sentar na grama e Miguel fica conosco até que seu sorvete acaba. Logo, um grupo de meninos da sua idade começa a brincar e ele vai para perto deles tentar se enturmar.

— Ele se enturma fácil, não é?

— Mateus diz.

— Sim, ele se parece muito com Miguel. Seu irmão era assim. — digo de forma carinhosa e recebo um olhar diferente de Mateus. — Tudo

bem? – pergunto confusa.

— Sim, eu só estava pensando em como você se sente agora, anos depois. — ele vira seu corpo em minha direção.

Não sei o que responder. Na verdade, eu até sei, mas não consigo entender porque não me sinto confortável em compartilhar isso com Mateus. Dizer que ainda choro antes de dormir parece meio mórbido e não quero que ele ache que sou louca.

— Estou bem. – respondo por

fim.

— Tem certeza?

Por que a insistência nesse assunto?

— Mateus, eu não quero falar sobre isso... — tento cortar o assunto.

— É necessário, Bianca. — ele insiste.

— Não é, não. Sou eu quem sente essa dor todos os malditos dias da minha vida e não quero falar sobre isso! — explodo.

Mateus me olha de um jeito triste e sinto-me mal. É por isso que nunca quero tocar nesse assunto; ele me machuca e quero machucar as pessoas ao redor com minha dor, como se ela fosse grande demais para ser carregada sozinha. Entretanto, ninguém é culpado pelo o que aconteceu ou por eu não ser capaz de esquecer essa dor.

— Me desculpe, Mateus. —
peço, sincera. — Não tenho o direito de
falar com você dessa forma.

Mateus segura nosso olhar por

alguns segundos em silêncio.

— Tudo bem, Bianca. — seu tom de voz me faz sentir culpada.

Toco sua mão e aproximo-me mais dele e faço como há muito tempo não fazia; para ser exata, desde a adolescência. Apoio minha cabeça em seu ombro. Mateus segura minha mão e percebo quando ele respira fundo, mas não diz nada. Ficamos ali observando Miguel brincar até que começa a escurecer e vamos para casa.

Já na cobertura, a rotina se repete. Depois do jantar, Mateus coloca o sobrinho para dormir e vou tomar meu banho. Mas, dessa vez, antes de sair do quarto só com a blusa do Miguel, eu coloco um roupão por cima.

Estou na cozinha quando Mateus chega.

— Já vai dormir?

Estranho a pergunta, então indago.

— Por quê?

— Que acha de ver um filme?
— ele está constrangido?

Sorrio.

— Acho uma ótima ideia!

Mateus sorri.

— Ótimo! O que quer ver?

— Tem certeza de que quer que eu escolha? — pergunto, sorrindo.

— Verdade, você vai me fazer assistir aqueles filmes de mulherzinha, não é?!

— Eu não pensei nisso, mas só

pelo seu abuso, vamos assistir "*As Bem-Armadas*".

Mateus solta uma gargalhada gostosa de ouvir e sai da cozinha ainda sorrindo. Aproveito para pegar um pacote de pipoca e coloco no micro-ondas. Alguns minutos depois, estou sentada no sofá com Mateus ao meu lado. Ele pode até não admitir, mas sei que está gostando do filme.

— Só você para me fazer assistir isso! — ele diz com a boca cheia de pipoca.

— Ah... Mas você está gostando! — implico com ele, que sorri.

— Tem muito tempo que não fazemos isso. — ele admitiu pesaroso.

— Verdade. Lembra quando eu fugia para seu quarto para virar a madrugada vendo filmes de terror?

— E você chorava em todos eles!

— Deixa de ser chato que eu não chorava! — respondo malcriada.

— E fazia essa mesma birra

quando eu implicava com você!

— Você é um chato, isso sim!

— pego a bacia de pipoca da mão dele e fecho a cara.

— Ah, Bianca, não faz assim.

— Mateus diz, segurando meu queixo e faz-me olhar para ele. — Desculpa, estou só implicando com você.

Começo a rir.

— E você com seu coração mole cai no papo da mulher chateada!

— Ora, sua... — Mateus não

completa a frase e, de repente, começa a me fazer cócegas. Aprenda uma coisa sobre mim: cócegas e Bianca não combinam, o que me faz parecer uma louca; eu pulo, grito e contorço-me inteira!

— Para, para! — peço a Mateus, que me ignora e continua.

— Só quando você pedir desculpas!

Mas antes que eu consiga dizer qualquer coisa, faço um movimento brusco que me leva direto para o chão.

Mateus tenta me segurar, mas a queda só faz com que suas pernas embolem nas minhas e seu rosto fique colado ao meu.

Eu queria me levantar e rir mais ainda do acontecido, entretanto, o olhar sério de Mateus me impede de fazer isso. Só assim me dou conta de que ele está em cima de mim de forma íntima. Posso ver claramente suas pupilas dilatadas e sentir sua respiração ofegante.

O que é isso?

Quando o olhar de Mateus

desce para meus lábios, é como se tudo ao meu redor congelasse e eu estivesse entrando em um universo paralelo, onde Mateus realmente deseja me beijar! É só quando ele abaixa seu rosto em minha direção que tenho reação, isso não pode acontecer!

— Mateus? — chamo seu nome em uma forma de trazê-lo a realidade.

Mateus congela com um olhar incrédulo. Posso sentir seu coração bater frenético contra meu peito. Em um só pulo, Mateus está de pé. Seu rosto

está vermelho como um tomate.

— Me desculpe por isso, Bianca. — ele diz sem me encarar e sai pela porta como um furacão.

Meu Deus, o que foi isso?

Mateus queria mesmo me beijar? Isso é tão errado que não consigo nem mesmo imaginar a cena. O que me deixa horrorizada é saber que, por um segundo, eu desejei isso! *Misericórdia!* Eu tenho que estar muito carente para pensar em beijar meu cunhado! Desligo a televisão e vou para

meu quarto. Uma noite bem dormida, é disso que preciso!

≡≡ Mateus ≡≡

Eu só posso ter ficado maluco para tentar beijar a Bianca! Fecho a porta do apartamento com força e sigo para meu quarto. Um banho, é disso que preciso para clarear meus pensamentos. Tiro minha roupa, ligo o chuveiro na água fria e deixo a água gelada bater em meu corpo como um chicote.

Seu estúpido! Torça para não ter estragado a amizade de vocês!

Infelizmente, é com esse pensamento que choro como uma criança. Deveria ser proibido um homem do meu tamanho chorar por um amor não correspondido. Eu não posso perder a Bianca! Espero que ela possa me perdoar pela besteira que fiz. Pois eu sei que ela percebeu o que eu iria fazer. Se antes eu tinha qualquer dúvida que algo entre nós não poderia acontecer, agora não tenho mais nenhuma. Sua expressão de horror nunca vai sair da minha mente. Mas, também, o que eu queria; que ela caísse de amores por

mim e beijasse-me de volta?

— Estúpido! — eu grito para ninguém além de mim.

Desligo o chuveiro e saio do box. Não me seco; jogo-me na cama ainda nu e tento dormir. Talvez uma pneumonia me pegue e eu possa sair desse mundo.

Com que cara vou olhar para Bianca amanhã? Por que fui me deixar ir tão longe? Era só para ter aproveitando a companhia dela, vê-la sorrir e lhe dar uma noite confortável. Então, eu vou e

estrago tudo como o idiota que sou.

Com os pensamentos tão desordenados, o sono chega e consigo dormir.

Na manhã seguinte, não consigo esquecer o que aconteceu e para "melhorar", sonhei a noite toda com aquele quase beijo. Nunca tive a oportunidade de sentir os lábios de Bianca, mas, em meus sonhos, tudo em nós se encaixa perfeitamente e seus lábios são mais doces que mel e sua pele mais macia que veludo. Quando

acordo desses sonhos, torno-me ainda mais apaixonado por ela.

Entretanto, depois de ontem, essa paixão precisa ir embora. Não é um caso de desistir sem lutar e, sim, uma batalha perdida. Um soldado não pode ir ferido à guerra.

Hoje, Bianca sai para trabalhar mais cedo e é minha responsabilidade levar Miguel para a escola, então preciso sair desse de poço de lamentação e levantar. Mas ao fazer isso, todo meu corpo dói. *Quer*

merda! Será que peguei mesmo uma pneumonia? Mas será possível ser mais fodido do que eu?

Tento levantar mais uma vez e só consigo emitir um gemido de dor em resposta. Levo a mão à minha testa, como minha mãe fazia quando criança, e tenho certeza de que estou com febre. Pronto, não falta mais nada!

Só que como tudo consegue ficar ainda pior, ouço quando a porta da sala é aberta e os passos corridos de Miguel soam pela casa até que ele abre

a porta do quarto no exato momento em que consigo me cobrir para que ele não veja minha nudez. Até porque depois dele, Bianca sempre aparece.

— Ué, papai, está dormindo ainda? — Miguel pergunta, sentando-se ao meu lado.

— Acho que o papai está doente, campeão. — argumento com a garganta em chamas.

— Quem tá doente? — Bianca chega ao quarto e para de frente para a cama.

— Acho que estou com pneumonia. — digo, gemendo.

Ela sorri.

— Você deve estar gripado. Se não cuidar, aí sim pode virar pneumonia. — ela chega mais perto e coloca sua mão em minha testa. — Nossa, você está pelando! Precisa de um banho. — tento impedir, mas Bianca é mais rápida e puxa a coberta.

Seu olhar salta de mim para Miguel, que está sorrindo, e aproveito para puxar a coberta de volta para

cobrir meu corpo nu.

— Por que, raios, você está pelado? — ela indaga, nervosa.

Miguel, ao nosso lado, começa a gargalhar.

— Ai, papai está pelado! — como qualquer criança, ele não liga maldade à situação.

Entretanto, para os adultos, a situação é extremamente constrangedora. Bianca está muito desconfortável, então tento amenizar o clima.

— Não vou conseguir levar o Miguel hoje. Se quiser, pode deixá-lo em casa comigo. — mudo de assunto.

— Não, eu vou levar ele. Vou passar rápido na empresa e volto para ver como você está. — ela parece menos constrangida.

— Não precisa cuidar de mim, Bianca.

— Amigos cuidam uns dos outros, Mateus.

Isso foi uma indireta?

— Agora você precisa tomar um banho para abaixar a febre e tomar um analgésico.

— Tudo bem.

— Vou indo, daqui a pouco estou de volta. — Miguel beija meu rosto antes de sair.

— Fica bem, tá, papai?

— Pode deixar, campeão.

Quando Bianca faz o mesmo que Miguel, acho que vou morrer. Minhas mãos ficam frias, meu coração

parece que vai sair pela boca e minha respiração falha.

Quando foi que me tornei uma menina?

Esses sonhos estão acabando comigo; mais cedo ou mais tarde, Bianca vai desconfiar e vai me mandar embora da sua vida. E eu prefiro morrer antes que isso aconteça.

Ela sai com a promessa de voltar mais tarde. Tento levantar, mas todo esforço parece em vão. Dou-me mais alguns minutos deitado e tomo

impulso; consigo ficar de pé e vou ao banheiro. Paro de frente para a pia e olho meu reflexo no espelho.

Bianca não seria capaz de me amar.

Acho que ninguém seria capaz de amar a cópia fiel daquele que tanto amou um dia e só o perdeu para a morte. E se fosse capaz, esse amor seria destinado a mim ou à aparência do meu irmão?

Muitas perguntas e nenhuma resposta.

Capítulo XIV

Deixo Miguel na escola e sigo para a empresa onde dou algumas instruções para as meninas que trabalham comigo. Passo em uma farmácia e volto para casa. Quer dizer, a casa do Mateus. Engraçado como, anos depois, eu ainda cometo o erro de me referir à casa dele como minha. No caminho, deixo meus pensamentos em relação a esse assunto fluir.

Não saí da cobertura para

manter a lembrança de Miguel, mas, às vezes, pego-me pensando em como seria se eu tivesse agido completamente diferente. Eu não passei bem pelo luto, acho que ninguém passa. Entretanto, tenho certeza de que levei a situação a ferro e fogo. Fechei-me em minha dor e parei de olhar ao redor. Talvez, se eu tivesse raciocinado melhor, teria voltado ao meu apartamento e seguido minha vida com meu filho, longe de lembranças que ultimamente não têm me feito bem.

Conversando com Bruna ao

telefone, ela me disse que eu precisava parar de sofrer pela morte do Miguel e guardar as lembranças boas de como ele me feliz antes de partir. Ela é meio neurótica com essas coisas de morte e diz, convicta, que a hora de Miguel partir era aquela, mas que antes ele precisava acertar tudo com o passado. E esse passado era eu. Às vezes, acho que ela tem razão. Aqueles poucos meses em que estive ao seu lado, foram realmente muito felizes e então ele se foi. Não sem antes deixar o fruto do nosso amor em minha barriga.

As palavras dela têm mais verdades do que eu gostaria.

Estaciono o carro e pego o elevador direto para o apartamento de Mateus. Espero que ele já tenha colocado uma roupa! Céus, que susto foi aquele quando o vi nu? Tem exatamente seis anos que não vejo um homem pelado e, depois de tanto tempo, ser logo com o Mateus, foi meio desconcertante.

Não sei bem o que aconteceu comigo de ontem para hoje, que resolvi

pensar tanto em minha vida. É como se meus olhos estivessem vendados e agora conseguisse ver. Mesmo seis anos depois, acho que preciso começar a colocar minha vida nos eixos. Nunca é tarde demais e sei disso mais do que ninguém, afinal, quantas vezes já recomecei?!

— Mateus? — chamo-o assim que entro no apartamento.

— Aqui. — ouço a voz vir do quarto, todo manhoso. Homens não podem pegar uma gripe sem agir como

se estivessem morrendo.

Tomara que ele já esteja vestido.

Sigo para o quarto e encontro-o sentado na cama *vestido*, assistindo a um programa matinal.

— Como se sente? — pergunto, sentando-me ao seu lado.

— Péssimo, todo meu corpo meu dói. — sorrio.

— Vou preparar algo para você comer. — levanto da cama, mas sou

impedida de continuar quando ele segura minha mão.

— Não precisa cuidar de mim, Bianca. — ele diz, olhando dentro dos meus olhos.

— Não só preciso, como quero. — sussurro. — Me deixa cuidar de você como tem feito todos esses anos por mim?

Seu olhar ameniza e ele solta minha mão.

— Vai ser minha babá só hoje. — ele brinca.

Sorrio.

— Sim, senhor!

Na cozinha, encontro tudo o que preciso. Para um homem que mora sozinho, Mateus é bem organizado. Preparo um suco de laranja, café, pego alguns biscoitos e coloco tudo em uma bandeja. Pego, em minha bolsa, o remédio que comprei para ele e volto para o quarto. Entrego a ele primeiro o remédio com o suco e, depois, tomamos café juntos em silêncio. Sempre gostei de como me sinto confortável na

presença de Mateus; ele é desse tipo de pessoa em que ficar em silêncio não nos constrange.

— O remédio vai ajudar a diminuir a dor em seu corpo e diminuir a febre. — digo quando terminamos de comer.

— Obrigado, Bianca.

Sorrio para ele e volto minha atenção para a televisão.

— Que tal um filme? — pergunto, mas imediatamente me lembro de ontem, quando assistimos ao filme, e

fico um pouco receosa. Aquele acontecimento ainda está perambulando em minha mente e estou me sentindo bem incomodada com isso.

— Eu adoraria. — Mateus responde sorrindo, mas o sorriso se desvanece quando ele percebe o olhar em meu rosto. — Bianca, eu...

— Não, tudo bem. Vamos ver o filme! — levanto da cama um pouco sem jeito e coloco a primeira comédia romântica que acho e volto para a cama.

— Bianca. — Mateus diz meu

nome como uma advertência e volto minha atenção a ele. — Eu quero me desculpar por ontem. — ele diz, sério.

— Tudo bem. — tenho certeza de que estou corando nesse momento.

Nunca, mesmo convivendo com Mateus durante anos, houve um momento em que eu ficasse sem jeito em sua presença. Sinto-me, nesse momento, como uma adolescente que fez algo errado.

O filme começa e ficamos em silêncio. É uma história até que

engraçada, mas não consigo prestar atenção. Tudo parece gritar para o clima tenso que se instalou no quarto.

O que é isso e por que agora?

Não deixo de notar quando a respiração de Miguel se torna pesada. Olho para ele, que está dormindo. Esses remédios de gripe acabam com a gente. Só consigo tirar os olhos dele quando meu celular vibra com uma mensagem.

***Carla:** Posso ter meu netinho hoje comigo?*

Respondo imediatamente. Carla

deveria ter sido um exemplo para mim quando Miguel faleceu. Nem imagino a dor de uma mãe que perde seu filho, mas Carla foi forte e não seguir a sua postura foi um erro que cometi, assim como não ter estado presente para ela.

***Bianca:** Claro, você o pega na escola?*

Prefiro não comentar sobre a gripe repentina de Mateus. Ela pode ficar preocupada e tudo que quero nesse momento, é que ela tenha um pouco de paz em sua vida.

Ela responde rápido.

Carla: *Sim, e só devolvo amanhã de tarde.*

Sorrio.

Bianca: *Tudo bem. Beijos.*

Coloco o celular de volta no bolso da calça e deito-me para ficar mais confortável e termino de assistir ao filme sozinha.

Dormi em algum momento durante o final do filme, pois acordo assustada com o peso de uma perna em

cima da minha.

*Existe momento mais
constrangedor do que esse?*

Estou de conchinha com Mateus! *Quando esses momentos com ele vão acabar?* Ou melhor, por que raios isso está acontecendo agora?!

Tento me livrar de seus braços ao meu redor, mas tudo que recebo em troca é um cheiro na nuca que me causa arrepios.

— Fica aqui, amor. — a voz sonolenta de Mateus indica que ele está

falando dormindo.

Tento sair mais uma vez e o movimento brusco desperta Mateus. Ouço quando ele resmunga baixo um palavrão.

Levanto da cama lívida e, sem olhar para trás, vou ao banheiro. Jogo uma água no rosto e encaro meu reflexo no espelho. Sabe o que é pior de tudo isso?

É saber que estou notando esses pequenos momentos e incomodando-me. Não deveria ser um problema essas

coisas acontecerem, afinal, Mateus e eu somos amigos há muitos anos. O problema verdadeiro está em notar isso e incomodar-me. Sendo sincera comigo mesma, notar quer dizer que estou pensando nas coisas por outro lado. Um lado perigoso e isso é tão errado.

Apoio minhas mãos na bancada de mármore e abaixo a cabeça, fixando o olhar em meus pés, procurando em pensamentos uma razão lógica para esquecer essa tensão que está se instalando em meu corpo.

Preciso esquecer o quase beijo de ontem e a conchinha de hoje. Estou carente e sozinha, eu sei, mas nada justifica envolver Mateus em minhas loucuras. Sou problemática demais para querer qualquer aproximação com meu amigo; e não posso esquecer que ele é o irmão gêmeo do meu falecido noivo e tio do meu filho, que o chama de pai.

Complicado, eu sei!

Mateus nunca deu qualquer sinal de interesse em mim. Talvez, os últimos acontecimentos sejam meras

coincidências e estou confuso tudo em minha cabeça paranoica.

Respiro fundo e levanto meu olhar para o espelho. Contenho um suspiro quando vejo, pelo reflexo do espelho, Mateus parado atrás de mim. Meu olhar está cravado no dele. Mateus se aproxima de mim, coloca algumas mechas do meu cabelo para o outro lado e surpreende-me ao beijar meu ombro. Olho incrédula para a ousadia, no entanto, nada consigo dizer. Somente sentir o arrepio em minha pele.

Mateus não tira seus olhos dos meus e beija novamente meu ombro. Mas a ousadia agora parte de mim, que inclino o pescoço para o lado, dando-lhe livre acesso. Mateus volta a tocar seus lábios em minha pele e o arrepio volta, acompanhado por algo que há muito tempo eu não sentia. *Desejo.*

Seus lábios tocam a minha nuca e vão subindo; sua barba por fazer encostando-se à minha pele é uma sensação tão boa que sinto minhas pernas ficando fracas a cada segundo. Quando Mateus toca minha cintura e

vira-me de uma só vez, perco o ar por alguns segundos. Suas mãos continuam presas em minha cintura, segurando-me com posse, como se estivesse me impedindo de fugir. Nem se eu quisesse conseguiria andar agora.

Mateus me puxa de encontro ao seu corpo e desce seu olhar para meus lábios. Faço o mesmo. Seu rosto se aproxima do meu com lentidão e, suavemente, ele encosta seus lábios nos meus. O choque é inevitável; solto um gemido e ele se afasta, mas meu desejo é que ele continue. Então, inclino meu

rosto para perto do seu. Nosso olhar para por alguns segundos e Mateus se aproxima novamente; nossos lábios se tocam e perco-me na sensação da sua boca na minha. Inicialmente, só nossos lábios se movem, no entanto, quando a língua de Mateus toca a minha, correspondo com fervor.

Beijos... Toques... Sensações...

Com Mateus!

Isso é uma loucura das grandes, mas não consigo parar. Afastar-me parece um erro que, nesse momento, não

quero comer e, assim como no meu passado, deixo para pensar no depois só quando isso acabar.

≡≡ Mateus ≡≡

O único pensamento que grita em minha mente nesse momento é: *"Eu não consigo acreditar que isso está acontecendo."*

Bianca em meus braços, beijando-me. Minha felicidade não se dá por estar beijando-a e, sim, por ela corresponder. Por anos, achei que isso nunca aconteceria, mas aqui estou e não

consigo acreditar.

Meus lábios nos dela, minhas mãos em seu corpo, seu calor, seu desejo. Isso é muito mais do que esperei quando vim atrás dela.

Ah, Bianca... Agora que sei disso, eu não vou mais desistir!

Vou lutar até o final, até te fazer minha de todas as formas para sempre!

Capítulo XV

Mateus

Seguro Bianca em meus braços como se minha vida dependesse disso ao mesmo tempo em que desfruto da sensação maravilhosa que é tê-la tão perto de mim. Tenho a sensação de que, agora que sei como é ter um pouco de Bianca, temo me tornar viciado em sua boca, em seu gosto e até mesmo em sua pele macia.

Levanto-a do chão pela cintura,

enquanto Bianca prende suas pernas ao meu redor. Minha cabeça lateja de dor, mas nada, nem mesmo um resfriado, vai me impedir de fazer o que quero agora. Caminho de volta até a cama e deposito Bianca com cuidado; meu olhar fixo ao dela e sua pupila dilatada mostra que não sou o único com desejo.

— Você é tão linda. — sussurro ao beijar seu pescoço.

— Isso é loucura, Mateus. — ela diz, mas vejo que o seu corpo clama pelo meu toque.

— Você quer que eu pare? —
olho dentro dos seus olhos.

— Não. — ela não hesita ao
responder e isso é música para meus
ouvidos.

Beijo-a com toda intensidade e
paixão que guardei por anos. Nossas
roupas são dispensadas aos poucos,
entre uma carícia e outra. Logo, Bianca
está nua, deitada em minha cama. *Um
sonho.*

Mas o melhor de tudo, é que ele
é real.

Não deixo de tocar cada parte do corpo dela e aprecio a sensação de tê-la embaixo de mim. Minha língua toca seu pescoço nesse exato momento e posso ouvir os gemidos baixos que Bianca emite; isso me deixa louco e não consigo mais aguentar. Fico de joelhos na cama e tiro minha boxer sob o olhar de Bianca. Volto a ficar sobre ela e sinto sua respiração ofegante.

— Por favor, Mateus. — esse é um pedido que vou adorar cumprir.

— Agora, amor. — invisto

dentro de Bianca, enquanto chupo sua pele.

Por mais que eu queira prolongar o máximo que posso, fica difícil com ela me apertando por dentro e gemendo como está. Já faz tanto tempo que estive com uma mulher e desejo Bianca por muitos anos, então é difícil me controlar. Em um movimento rápido, retiro-me de dentro dela e deito-a de lado. Posiciono-me atrás do seu corpo e volto a penetrá-la lentamente. Levanto sua perna direita e toco seu clitóris, fazendo pressão, e invisto nela com mais

força; seus gemidos aumentam mais ainda.

Bianca chega ao clímax chamando por meu nome e isso é tudo o que eu sempre quis.

Alguns segundos depois, sussurro seu nome em seu ouvido.

— Sou todo seu, amor. —
mordo de leve sua orelha e ela esquiva devido ao arrepio.

Sorrio, posso continuar sonhando ou tenho que acordar?

Mantenho Bianca ainda de conchinha; nossa respiração começa a estabilizar, quero conversar com ela e dizer o que sinto, mas tenho certeza de que os remédios, junto do resfriado e da força que fiz agora, esgotaram-me, pois sinto meus olhos pesados e um cansaço fora do comum.



Acordo assustado e levanto imediatamente. Estou suado e ofegante. *Foi um sonho?* Olho para todos os lados e estou sozinho.

Ela se arrependeu.

Não foi um sonho foi real; ela percebeu que foi um erro e deixou-me.

Entro no closet e pego a primeira roupa que vejo. Vou para o banheiro e tomo um banho; ao que parece, a febre passou. Estou me vestindo quando ouço a porta da frente bater.

Ela está aqui.

Fecho o zíper da calça e sigo para a sala. Encontro-a na cozinha de costa para mim, rebolando ao som de

alguma música da Beyoncé. Linda e sensual e, posso arriscar a dizer que, por essa reação, talvez ela não tenha se arrependido.

— Bianca? — chamo-a um pouco receoso. — ela se vira assustada em minha direção. — Me desculpa, não queria te assustar. — aproximo-me dela.

— Você não me assustou, só me pegou desprevenida. — ela dá de ombros.

— Você está bem? — ela assente. — Estou falando sério, Bianca.

Ela passa por mim, indo para sala e senta-se no sofá. Faço o mesmo e sento-me ao seu lado.

— Há quanto tempo? — ela questiona, deixando-me confuso.

— O quê?

— Há quanto tempo... Você gosta de mim? — fico em silêncio. — Eu te conheço quase a minha vida toda, Mateus. Você não tocaria em mim se não tivesse sentimentos. — ela segura minha mão e, em seu olhar, posso ver toda sua angústia.

— Eu... Eu... — isso é mais difícil do que pensei!

Bianca me olha, esperando por uma resposta, e tento me acalmar para tentar conversar como o homem que sou. Não sou mais aquele adolescente que não conseguiu se declarar; ela está aqui e quer ouvir de mim o que sinto.

— Eu sempre amei você, Bianca. — digo por fim.

Mas acho que ela não esperava por essa resposta, pois Bianca fica de pé e começa a andar na sala de um lado

para o outro.

— Como assim, sempre me amou? — pergunta, parando em minha frente.

Não hesito.

— No dia em que me contou que estava apaixonada por meu irmão, eu ia te contar sobre o que eu sentia, mas não consegui depois da sua declaração.

— Mateus, isso é muito tempo... Depois disso, você teve um relacionamento... — ela para, olhando-me.

— Eu sei... Mas percebi que eu nunca amei a Angel, eu só sentia um carinho por ela. — fico de pé e vou até ela. Seguro seu lindo rosto em minhas mãos e declaro-me. — Eu amo você, Bianca, e estou disposto a conquistar seu coração todos os dias, eu só preciso de uma oportunidade. — ela meneia a cabeça e dá alguns passos para trás. — Bianca...

— Você tem ideia do quanto isso é estranho? — ela diz já com lágrimas nos olhos.

— Eu sei, Bianca. Por anos, tentei negar e fugir dos meus sentimentos. Coloquei em minha cabeça que você não corresponderia ao que sinto por você, mas depois do que aconteceu...

— Foi um erro... — ela diz não muito convicta.

— Mentira! — digo, aproximando-me novamente. — Para de fugir, Bianca.

— Não estou mentindo! — ela grita, deixando as lágrimas descerem

por seu rosto.

— Você está mentindo para si mesma. Encontrei você há alguns minutos dançando na minha cozinha, Bianca. Não me diga que foi um erro quando claramente você está feliz! — digo irritado.

— Pode não ter sido um erro, Mateus, mas seguir com isso vai ser. — ela sussurra.

— Só se deixarmos. Por anos, depois da morte do Miguel, me culpei por amar você, mas depois de hoje,

percebi que podemos dar certo juntos,
Bianca.

— Eu não posso... — ela diz,
passando por mim, indo em direção à
cozinha.

Eu vou atrás. Ela não vai sair
daqui sem conversarmos direito.

— Não pode ou não quer?

— Os dois! — ela diz irritada,
pegando sua bolsa em cima da bancada.

— E por que deixou que fizesse
amor com você?!

— Eu não sei! — ela grita exasperada, secando as lágrimas que escorrem por seu rosto.

— Sabe, sim! — respondo. — Você se sente atraída por mim e sabe que podemos dar certo juntos. Só não consegue aceitar isso porque sou seu cunhado, não é mesmo? — ela não responde. — Você é correta demais a ponto de colocar a opinião das pessoas na frente da sua felicidade? — digo.

— Mateus, essa conversa está seguindo caminhos que eu não esperava.

É melhor eu ir embora. — ela coloca a bolsa no ombro para sair.

— Você não sai daqui até nos acertamos, Bianca. — passo por ela, pego uma garrafa de água na geladeira e estendo para ela. — Se acalme e vamos conversar.

Deixo-a sozinha e volto para a sala.

Preciso fazê-la entender que podemos dar certo juntos; que ela pode me amar assim como eu a amo. Paro em frente à janela e olho para a rua. Vejo as

peessoas caminhando, cada uma delas preocupadas com suas próprias vidas, enquanto estou aqui tentando convencer a mulher da minha vida de que podemos dar certo juntos. Sinto quando ela para atrás de mim e, em um impulso, viro-me de uma só vez, beijando-a.

Ela hesita por apenas um segundo e, então, seus lábios correspondem aos meus.

Não sei por que ela hesita quando obviamente me deseja.

— Isso não é prova suficiente

para você, amor? — digo, enquanto mordo seu lábio inferior.

Bianca estremece em meus braços e sinto que poderia carregá-la agora mesmo para minha cama e fazer amor com ela mais uma vez. No entanto, quero muito mais do que isso. No momento, quero a confirmação de que ela deseja ser minha.

— Diga, Bianca, que aceita ser minha. — olho dentro dos seus olhos.

O silêncio que segue é capaz de me matar, então ela nega com a cabeça,

entretanto, seus olhos dizem outra coisa.

— Não faz assim, amor. —
sinto meus olhos lacrimejarem.

— Esse não é o momento,
Mateus. Miguel está pequeno e não vai
entender. Tem nossa família...

— Preciso de desculpas
melhores para deixar você ir, Bianca.

— Eu não amo você. — ela diz
firme.

Existem algumas verdades que,
quando ditas dentro de nós, não passam

de meras palavras, mas quando ditas pela boca cuja verdade pertence, aí sim ela faz um estrago.

Claro que sei que Bianca não me ama. Porra, ela era noiva do meu irmão e depois passou anos em luto pela morte dele. Como ela poderia me amar quando estava focada somente em sua dor?

No entanto, existia aquela parte louca dentro de mim que me dizia que, quando eu confessasse meus sentimentos, Bianca me veria com outros

olhos e descobrir-se-ia apaixonada por mim.

Acho que sou mais louco e fodido do que pensava.

— Com essa desculpa eu posso viver. — solto-a do meu abraço e passo por ela.

O silêncio na sala se torna constrangedor. Viro de costa para que ela não veja minhas lágrimas e seco meu rosto.

— Me perdoa. — ela pede, insegura.

Volto a olhar para ela.

— Não tem que pedir perdão.

— respiro fundo e continuo. — Eu que peço perdão por ter ultrapassado os limites.

— Foi consensual, Mateus.

— Sim, foi. Mas depois dessa conversa, acho que me aproveitei da sua carência e peço perdão por isso. — digo firme. — Só vou tentar mais uma vez, Bianca. — me aproximo dela e fico a poucos centímetros de distância. — Por que você não quer ser minha?

— Eu não sei se conseguiria separar você dele.

A cartada final.

Ao menos, ela foi sincera.

"Dele". Ela se refere ao Miguel. Essa sempre foi minha dúvida maior; ela conseguiria me amar sendo a cópia *"dele"*?

Mas o que me mata não é isso, o que dói é saber que ela nem ao menos quer tentar.

— Mateus, não é só isso... Eu

só não posso fazer meu filho passar por toda essa situação.

— O garoto já me chama de pai, Bianca. — informo a ironia da situação. Ela fica em silêncio, o que me faz lembrar de algo. — Não usamos camisinha. — meu pensamento sai em voz alta.

Bianca me olha assustada, mas não diz nada. Quando ela faz menção de falar alguma coisa, a campainha do apartamento toca e fico confuso, pois não estou esperando ninguém. A

campainha continua a tocar insistentemente; caminho até à porta irritado, enquanto Bianca continua onde está.

Não paro para ver o olho mágico. Abro a porta de uma só vez e fico chocado quando vejo quem estava tocando a campainha com tanta urgência.

Meu Deus, o que aconteceu?

Capítulo XVI

Nunca, em todos esses anos, passou pela minha mente a possibilidade de Angel aparecer de novo em nossas

vidas. A última notícia que tivemos dela era que estava casada com Daniel e que a filha Louise já tinha nascido. E agora, seis anos depois, ela está na porta do Mateus com um olho roxo, segurando a mão de uma menina que deve ser um pouquinho mais velha que meu filho.

— O que você está fazendo aqui? — Mateus pergunta a Angel. Por seu olhar, posso dizer que ele está tão chocado quanto eu.

— Eu... Eu não sabia mais para onde ir. — ela responde e começa a

chorar.

A menina ao seu lado se parece muito com ela e creio que seja a filha, Louise. A menina está visivelmente abalada e começa a chorar junto da mãe.

Mateus me olha como se buscasse ajuda, mas estou tão chocada quanto ele.

— Entra, Angel. — Mateus abre mais a porta e Angel entra com a filha.

Ele a guia até o sofá e vou até a cozinha pegar um pouco de água para

elas. *Mas que raios está acontecendo?*

— Preciso da sua ajuda... —
ouço Angel dizer quando volto para a sala com a água.

Angel, pela primeira vez desde que nos conhecemos, dá-me um olhar amigável e ajuda a filha a beber a água e depois bebe um pouco.

— O que está acontecendo, Angel? — Mateus pergunta depois que vê que as duas estão mais calmas.

Sento no sofá esperando receber um olhar hostil, pois se eu me

lembro bem dela, ela não vai me querer presente nessa conversa, mas ela começa a contar tudo ao Mateus.

— Daniel e eu estamos nos separando. — ela diz e olha para a filha um pouco receosa.

— Quer que eu a leve para ver televisão? — pergunto, pois entendi que ela não quer que a filha escute o que vai dizer.

Angel assente e estendo a mão para menina, que a segura. Levo-a para o quarto de Mateus e ligo a televisão em

um canal de desenhos.

— Você pode ficar aqui, mocinha. — ajudo-a subir na cama de Mateus.

— Obrigada, tia. — ela diz e volta a atenção para a televisão.

Volto para sala com os pensamentos entre a conversa com Mateus e a razão de Angel estar aqui.

Na sala, encontro os dois em silêncio, ela chorando no peito de Mateus, enquanto ele alisa o cabelo dela, tentando confortá-la. Sei que não

devia, que sou proibida de deixar esses sentimentos novos me cercarem, mas consigo perceber nitidamente a raiva florescendo diante da cena; estou com ciúmes e sou capaz de arrancar Angel dos braços do Mateus se eu não me controlar agora mesmo.

Respiro fundo e sento no sofá.

— Você precisa procurar a polícia, Angel. — Mateus diz e começo a entender o olho roxo de Angel.

Ela levanta cabeça para olhar para ele.

— Foi o que fiz. Consegui uma ordem de restrição, mas ele a violou da mesma forma. — ela aponta para o olho. — Isso foi ontem quando ele ameaçou me matar. — as lágrimas caem por seu rosto e começo a sentir pena dela. — Ainda tínhamos algumas milhas aéreas; peguei Louise e saí da Califórnia — ela me olha desesperada. — Você é mãe agora, não é? — eu assinto. — Eu não podia deixar minha filha perto de um louco, não temos mais ninguém. Se ele realmente me matar, quem vai cuidar da minha filha?!

Sinto um nó se formar em minha garganta só de imaginar a situação.

— Só preciso de um trabalho e um lugar para ficar até reconstruir minha vida, Mateus. Sei que não mereço sua ajuda, mas peço mesmo assim, por tudo que você mais ama, nos ajude.

Nem preciso pensar para saber que Mateus não vai recusar ajudar Angel. Se ela tivesse me pedido ajuda, até eu a teria ajudado mediante a situação.

— Você pode ficar aqui o

tempo que precisar.

AQUI?!

— Obrigada, Mateus, prometo arrumar um lugar para nós assim que conseguir um emprego.

— Se você quiser, posso tentar te dar seu antigo emprego na empresa, Angel. — pronuncio-me pela primeira vez.

— Você consegue fazer isso?
— ela indaga, surpresa.

— Até semana passada não,

mas o cargo que você exercia está vago desde segunda quando Vitória, que assumiu seu lugar, pediu demissão.

— Eu aceito com muito prazer, Bianca.

— Certo, mas primeiro vamos cuidar do seu rosto. — Mateus diz, interrompendo nossa conversa.

Ele sai da sala, deixando-nos a sós.

— Ele é muito bom, não é? — ela indaga olhando para mim.

— Sim, ele é.

— Sabe, Bianca, nunca imaginei que minha vida seria um inferno ao lado de Daniel.

— Por que você não o largou na primeira vez que ele bateu em você?

— Porque, como a maioria das mulheres, achei que ele fosse mudar e também por causa de Louise. — ela diz.

Mateus volta para a sala com o kit de primeiros socorros e cuida do rosto de Angel. Não consigo assistir a cena por muito tempo e peço licença.

Saio do apartamento e vou direto para a cobertura.

Minha segurança.

Mas a verdade é que, ao entrar aqui, não me sinto nada segura e, sim, sozinha.

Vou para o quarto. Caminho para o banheiro, onde deixo minhas roupas pelo chão mesmo e entro debaixo do chuveiro. Mesmo com toda essa confusão, as últimas palavras de Mateus não saem da minha cabeça.

Não usamos camisinha.

Realmente não usamos, e atualmente não estou protegida. Talvez porque não estava nos meus planos transar com ninguém, muito menos com Mateus!

Quando começamos aquela conversa, esperei por uma resposta do tipo: "*Gosto de você há alguns meses*" ou até mesmo "*Algum tempo*". Mas nada me preparou para escutar "*Sempre amei você*".

Estava disposta a tentar alguma coisa com Mateus. A forma como nos

tocamos e fizemos amor mostra que teríamos uma chance, mas em nenhum momento pensei em algo mais duradouro e, quando ele falou sobre seus sentimentos, entendi que o que Mateus espera de mim vai muito mais além do que posso oferecer.

Não quero, durante nosso caminho, quebrar seu coração. Poxa vida, ele disse que me ama! E se eu não conseguir corresponder e frustrar nossa relação? Mateus sempre foi muito carinhoso e romântico. Quando disse que tenho medo de confundir ele com o

irmão, estava mentindo. Apreendi há muitos anos quem é o Mateus e quem era o Miguel, dois irmãos tão parecidos, mas ao mesmo tempo tão diferentes.

Sei que nunca criaria um relacionamento com Mateus pensando no Miguel. Não seria justo com nenhum de nós, mas sei que ainda amo o Miguel, e descobrir que Mateus me ama, faz-me entender que talvez nunca o ame como ele merece e não posso arriscar seu coração tentando.

Estou o protegendo de mim

mesma.

É a única coisa que posso fazer depois de todos esses anos que ele esteve ao meu lado.

Saio do chuveiro, coloco um robe e deito em minha cama. Depois de dividir a cama com alguém, a minha parece grande demais.

Não usamos camisinha.

Ai. Meu. Deus!

Realmente posso ter engravidado do Mateus!

— Bianca? — escuto Mateus me chamar do corredor. Seco as lágrimas. *Nossa, nem percebi que estava chorando.*

— Estou aqui. — sento na cama quando ele entra no quarto. — Como ela está? — pergunto, tentando não manter o foco em nós.

— A coloquei no quarto de hóspedes com Louise. — ele diz sério, enquanto senta em uma das poltronas que há em meu quarto.

— Ela estava em choque.

Nunca pensei que Angel estaria passando por algo desse tipo. — digo.

— É mais comum do que a gente pensa. — ele diz, suspirando e sei que não adianta fugir do assunto.

— Eu não estou protegida. — assim que as palavras saem da minha boca, recebo um olhar perplexo de Mateus. Ficamos em silêncio por um longo tempo, até que isso começa a me incomodar. — Mateus?

— Não vou mentir e dizer que não ficaria feliz em saber que você será

mãe do meu filho, Bianca. — sua sinceridade é como um tapa em meu rosto. — Passei anos escondendo o que sentia, não vou fazer mais isso.

— Mateus... — tento falar, mas ele me corta.

— Mas já entendi o que você quis dizer lá em casa. Não vou insistir mais. Claro que ficaria feliz em ter um filho, ainda mais com você, e se ficássemos juntos seria maravilhoso, mas infelizmente não dá. Só peço que seja sincera comigo e me conte caso

confirme a gravidez.

— Eu nunca esconderia isso de você. — digo, ofendida.

— Sei que não. — ele se levanta, caminha até a cama e para ao meu lado. Ele se inclina em minha direção e prendo a respiração, mas ele só beija a minha testa. — Boa noite, Bianca. — sua voz soa triste e distante e isso corta meu coração.

— Boa noite, Mateus. — ele me olha uma última vez e sai do quarto.

Sua voz e seu olhar me fazem

questionar se estou fazendo o certo ao proteger Mateus.



Acordo na manhã seguinte com uma dor de cabeça dos infernos. Todo o estresse de ontem está se fazendo notar hoje. Ainda bem que Miguel está com Carla. A correria com ele na parte da manhã só iria piorar a dor. Tomo um banho e logo em seguida um analgésico para dor. O que me faz lembrar se Mateus tomou os remédios que deixei na cozinha.

Arrumo-me para ir ao trabalho e penso em descer direto, mas lembro que deixei minha bolsa na casa do Mateus ontem e preciso dela para ir trabalhar. Meio relutante, pego o elevador para o andar de baixo e bato em sua porta antes de entrar.

Não encontro ninguém na sala e vejo minha bolsa em cima da mesa de centro. Pego-a e estou saindo do apartamento quando ouço a voz de Angel vindo do quarto do Mateus.

— Obrigada de verdade por

isso, Mateus, você é um anjo.

— Não sou um anjo, estou só ajudando uma amiga.

Sei que é feio escutar a conversa dos outros, mas não consigo evitar; Angel e Mateus têm um passado, sei que ele gostava dela. E a forma que as coisas terminaram entre eles não foi nada boa.

Será que Mateus poderia perdoá-la e eles reatariam?

Ele teria tudo que sonhou. Uma esposa e filha.

O que resultaria em meu filho e eu não sermos mais prioridades.

E é nesse momento em que vejo o quão egoísta eu sou!

Não posso impedir Mateus de seguir com sua vida. Ele me ofereceu a opção de seguir com ele e eu não quis. O mínimo que posso fazer por Mateus nesse momento, é dar espaço a ele e deixar que encontre seu próprio futuro.

Sou quebrada demais para conseguir dar a alguém qualquer futuro.

Saio do apartamento em

silêncio e sigo meu caminho para o trabalho. A vontade é de correr para qualquer outro lugar e chorar, liberando essa agonia que sinto dentro de mim.

Quando chego à empresa, recebo os cumprimentos habituais de bom dia e sigo para minha sala. Chamo uma das minhas assistentes e peço o arquivo com a documentação de Angel. Preparo tudo para que ela comece na próxima semana. Hoje é terça e acredito que, em uma semana, seu rosto deva estar melhor para voltar ao trabalho.

Ligo para Carla, que confirma que deixou Miguel na escola e coloco um pouco do assunto em dia.

— Sua voz está um pouco triste, minha querida, tem certeza de que está bem? — Carla pergunta preocupada como ela é.

— Tenho sim, Carla, agora tenho que ir. Obrigada por ficar com Miguel ontem.

— Eu que agradeço por me deixar passar um tempo com meu neto.
— ela diz, animada.

— Ele é seu neto, é mais do que seu dever. — digo, brincando. — Beijos, Carla, manda um beijo para meu pai, por favor.

— Mando, querida, se cuida e até logo.

Encerro a ligação e percebo que já está na hora de buscar Miguel na escola; hoje eu que vou. Não tenho mais nada de importante para resolver aqui, posso me dar uma tarde de folga com meu filho.

Passo na escola e, quando

Miguel me vê, já vem correndo.

— Oi, mamãe!

— Oi, querido, você está bem?

— pergunto, abraçando-o.

— Estou, mamãe, cadê o papai? — ele pergunta com seu lindo sorriso.

— Hoje vamos ser só eu e você, meu amor.

Miguel não questiona. Como quero essa tarde de folga com meu pequeno, levo-o para o lugar que tanto

amo. Quando chegamos ao *Central Park*, Miguel vai direto para o carrinho de cachorro quente. Estamos na fila para comprar quando vejo Mateus caminhando ao lado de Angel, segurando a mão de Louise.

— A família perfeita. — digo sarcástica.

E eu sei que isso é meu ciúme falando mais alto.

Capítulo XVII

Hoje faz exatamente uma semana que Angel está hospedada no apartamento do Mateus. E posso dizer, com toda a certeza, que a cada dia que passa, fico mais incomodada com isso. Tento disfarçar ao máximo que posso para não dar ao Mateus falsas esperanças. No entanto, eu mesma já não consigo pensar em outra coisa que não seja em Mateus voltar com Angel.

No dia do *Central Park* foi

realmente uma situação chata, ao menos para mim. Angel está completamente diferente e se eu percebi isso, Mateus pode muito bem ter notado também. Meu filho e o tio continuam inseparáveis e, para completar, estou notando uma paixão de Miguel por Louise. Enquanto isso, minha relação com Mateus está em decadência; mal nos vemos e ele tem feito muita falta. Em cada momento que estou sozinha, Mateus tem preenchido meus pensamentos.

Posso mentir para ele da forma que fiz, no entanto, não posso negar a

mim mesma que meus sentimentos por Mateus não são mais os mesmos e isso me deixa muito confusa, pois, até alguns dias atrás, ele era somente meu cunhado e amigo, nada além disso. Agora, no entanto, Mateus ocupa meus pensamentos a cada segundo e estou começando a acreditar que conseguiu tomar até mesmo o lugar mais escuro do meu coração; uma parte que se fechou quando Miguel morreu e que nunca imaginei voltar a abrir.

Carla esteve aqui em casa e levou Miguel para ficar com ela. Carla

sempre foi muito perspicaz e, depois de conversarmos por alguns minutos, questionou meu humor, mas não foi inadequada, só preocupada. Inventei uma dor de cabeça e ela foi embora com meu filho, que não parava de sorrir ao saber que iria passar o fim de semana com os avós.

Agora, estou aqui com um balde de pipoca, assistindo a um filme que nem mesmo sei o nome. Entediada é a palavra certa para me descrever nesse momento. Deixo a pipoca de lado e vou a cozinha buscar uma latinha de

refrigerante, mas não tem; nunca tenho refrigerante em casa... Quem sempre tem é Mateus.

E lá vou eu pensar em Mateus novamente.

Poderia ir a seu apartamento com a desculpa de pedir uma latinha de refrigerante emprestada.

Por que não?

Sempre fiz isso, por que não posso agora?

Sorrio travessa e saio da

cobertura em direção ao seu apartamento. O elevador faz seu caminho e entro sem bater; nunca precisei e não vai ser agora que vou fazer.

Procuro por ele na sala, mas não o encontro. O apartamento está silencioso, mas as luzes estão acesas, o que indica que estão em casa. O silêncio me traz um sentimento ruim, fazendo um frio subir por minha barriga e sinto que algo está errado. Estou chegando à cozinha quando penso em voltar para a cobertura, no entanto, é tarde demais.

Mateus e Angel estão se beijando.

O que antes era só um frio, agora parece que existe um iceberg em minha barriga. Meu coração bate descompassadamente e minhas mãos começam a suar.

Mateus está encostado na pia e Angel pressiona seu corpo contra o dele, as mãos que até alguns dias estavam segurando meus cabelos, agora seguram os dela. O beijo é lento e sensual e não consigo fazer outra coisa a não ser

presenciar a cena que corta meu coração. Não sei o motivo, mas corta.

Meus pensamentos gritam para que eu saia correndo, mas minhas pernas não me obedecem. É somente quando ouço a voz de Louise atrás de mim que eles se separam e olham-nos assustados.

Angel não me direciona o olhar quando passa por mim e leva Louise para o quarto. Não consigo decifrar o olhar de Mateus e o nó em minha garganta não me permite dizer nada, então viro as costas e caminho para fora

do apartamento.

Aperto o botão do elevador, enquanto sinto as lágrimas se formarem.

Ele já seguiu em frente.

Por isso Angel ainda não foi embora, por isso ela está sempre radiante e feliz quando nos encontramos na empresa. Eles voltaram e Mateus nem mesmo falou comigo!

Mas falar o que se ele realmente não me deve explicações?!

Meu Deus, será que realmente

entendi tudo errado?

Tem uma semana que fizemos amor e agora ele já voltou com ela! Fui só uma diversão? Transar com a cunhada era só uma meta de vida?!

Odeio esses pensamentos!

Sei que Mateus não é assim. No entanto, estou nervosa e com uma sensação de perda que está alterando meu juízo. Preciso urgentemente me acalmar!

Estou entrando no elevador quando Mateus sai do apartamento e

consegue entrar junto.

— Bianca... — ele tenta falar, mas o interrompo.

— Me desculpa, não quis atrapalhar nada. — digo sem olhar para ele.

— Você não me atrapalhou...

— Mateus, realmente não tenho nada com sua vida, então, por favor...

— Por favor digo eu, Bianca!
— ele diz, alterado, e encaro-o surpresa. É quando ele percebe as

lágrimas descendo por meu rosto.

As portas do elevador se abrem e saio o mais rápido que posso. Entro na cobertura sendo seguida por Mateus, que puxa meu braço, levando-me ao seu encontro.

— Fala comigo. — ele sussurra, olhando em meus olhos.

— Não tenho nada para falar.

— Não faz isso, Bianca... — ele aproxima seu rosto do meu e, quando seus lábios estão quase tocando os meus, eu o interrompo.

— Não ouse me beijar quando o gosto dela ainda está em você, seu cretino! — solto-me do seu aperto e sigo para meu quarto.

— Do que você me chamou? — ele pergunta, charmoso, atrás de mim e ignoro-o.

— Vai embora, Mateus! Volta para sua mulher.

— Ela não é minha mulher. — responde calmo; isso faz um ódio tomar conta do meu corpo e ataco-o.

— O que foi aquilo, então?

Uma recaída? — pergunto com deboche e sou surpreendida pela sua honestidade.

— Sim. — olho surpresa para Mateus e sento na cama sem conseguir emitir uma resposta adequada. — Não era para ter acontecido, mas aconteceu. — ele explica. — Fui pego de surpresa e, quando percebi o que estava acontecendo, você já estava lá parada nos olhando. — ele senta ao meu lado.

— Então volta para ela. — nem sei por que estou dizendo isso.

— Não é ela quem eu quero.

— Mas era ela que você estava beijando. — digo, irritada.

— Isso é ciúme? — ele pergunta com um sorriso que faz meu coração falhar.

— Você tem estado distante, Mateus. — acuso, mudando de assunto.

— Às vezes, acho que é o melhor a fazer, mas essa semana tem sido muito difícil longe de você. — não sei dizer quando a sinceridade de Mateus vai deixar de me surpreender.

Fico em silêncio por alguns

segundos e tomo coragem para falar algo que, talvez, mude minha vida a partir de agora.

— Mateus, o que eu disse naquele dia...

— Eu entendi, Bianca.

— Eu menti. — afirmo, olhando em seus olhos e continuo. — Eu nunca seria capaz de confundir vocês. Eu só tenho medo de não ser aquilo que você espera e não dar certo.

Mateus me olha surpreso e seu sorriso é instantâneo.

— Então, você está dizendo que existe uma chance para nós?

Eu sorrio junto dele.

— Sim. — Mateus continua a sorrir e vem para me beijar, mas esquivo dele e levanto.

— Não vou beijar você.

— Bianca...

— Você acabou de beijar sua ex-noiva, Mateus!

— Você pode me dizer por que exatamente estamos discutindo? — ele

sorri.

— Porque você disse que me amava e a beijou! — respondo, voltando a me irritar com o assunto.

— Então, tudo isso é ciúmes? Você está me contado a verdade por que não quer que eu volte com a Angel?

— Pelo que vi hoje na cozinha, vocês já voltaram.

— Não voltamos, Bianca, foi só um momento. — Mateus levanta e segue para onde estou, segurando minhas mãos. — É só você dizer o que quer,

Bianca. — ele diz, olhando dentro dos meus olhos.

Reúno toda a coragem que existe dentro de mim para responder a verdade. Uma verdade que neguei a mim mesma, mas que se torna necessária vir à tona nesse exato momento.

— Eu quero você, Mateus. — respondo com a voz embargada.

Mateus sorri e emociono-me quando uma lágrima desce por seu rosto.

— Você tem certeza disso? — indaga, aproximando ainda mais seu

rosto do meu.

— Não foi fácil admitir isso,
Mateus.

— Então, é verdade. — ele diz
e cola seus lábios nos meus.

Ao mesmo tempo em que isso
parece tão errado, sinto como se
estivesse seguindo pelo caminho certo.
Nossos lábios fazem sua própria dança e
meu corpo reage imediatamente. Mateus
me guia em direção à cama e deito,
enquanto ele continua a me beijar. Sei
muito bem o que fizemos há uma

semana, no entanto, agora, com a confirmação de que quero arriscar estar ao seu lado, tudo parece tão diferente.

Mateus deixa meus lábios, indo em direção ao meu pescoço e continua a descer. Quando ele está perto de abaixar a alça da minha blusa, a campainha da cobertura toca, assustando-me e, logo em seguida, ouço a voz de Angel chamando por ele.

Não preciso dizer que fechei a cara no mesmo instante.

Mateus me olha muito sem

graça.

— Podemos ignorar. — ele diz, tentando me beijar.

— Com ela gritando seu nome na minha porta? — indago, irritada.

Mateus levanta, ajeitando a blusa.

— Não saia daqui, temos que conversar muito ainda. — ele sorri e isso me acalma um pouco.

— Estarei aqui.

Alguns minutos depois, Mateus

volta com uma expressão nada boa.

— Louise está com febre e Angel precisa de carona para levá-la ao médico. — já sei onde isso vai dar.

— Tudo bem, conversamos depois. — afinal, é uma criança que está doente.

Mateus me dá um selinho singelo e sai do quarto; logo em seguida, ouço a porta da sala bater e não sei explicar o porquê, mas começo a chorar.

Na verdade, eu sei que são minhas emoções reprimidas. Mentir para

Mateus e para mim foi algo que nos afastou, fazendo Angel se aproximar dele novamente. Entretanto, sentir falta do Mateus e desejá-lo como homem é algo completamente novo para mim.

Só senti isso uma vez e foi há alguns anos.

Quando conheci Miguel.

Meu Deus, isso tudo parece tão louco que é difícil acreditar!

Estou completamente apaixonada pelo meu cunhado.

Como isso aconteceu?

Posso ser julgada por isso?

Não foi proposital. Isso nunca passou pela minha cabeça e, agora, não consigo mais pensar em outra coisa a não ser esse sentimento louco.

Realmente tenho certeza de que o retorno de Angel me influenciou muito. Perceber que poderia perder o Mateus foi crucial para contar a verdade a ele. Isso só me mostra o quanto seu egoísta.

No entanto, o medo de perder Mateus ainda existe.

Quem garante que vai dar certo entre nós?

Ainda mais com a Angel morando com ele. Não vou simplesmente pedir que ele a mande embora, ela precisa de ajuda. Só tem uma semana que está trabalhando, Louise ainda está se adaptando e, até ela conseguir se manter sozinha, vai demorar...

E estou começando a ver muito de mim em Angel. As circunstâncias aproximam as pessoas; foi o que

aconteceu comigo e Mateus. Ele esteve presente quando mais precisei e Angel está precisando muito dele agora. Eles tiveram uma história e o "*momento*" que flagrei indica que, talvez, Angel não esqueceu Mateus completamente.

Mas tudo que posso fazer agora é esperar e ver o que o futuro me reserva.

No entanto, meu único pensamento é pedir silenciosamente que os sofrimentos tenham acabado, porque, para ser sincera, acho que não consigo

mais me reerguer dessas rasteiras que a vida tem me dado. Espero, do fundo do meu coração, que Mateus seja o alicerce que não me deixará cair nunca mais.

Capítulo XVIII

Mateus

Deixar Bianca e seguir com Angel e Louise para o hospital foi muito difícil. Se não houvesse uma criança doente, possivelmente não estaria aqui no hospital agora. Angel está no consultório com a filha e eu estou na recepção aguardando. Hospital não é um lugar muito comum para encontrar pessoas felizes, no entanto, aqui estou com um sorriso que não some dos meus

lábios.

Deus, como estou feliz!

Nesse exato momento, devo estar parecendo como um adolescente apaixonado, mas, para dizer a verdade, é como me sinto. Posso, durante esses anos, ter tentado seguir em frente e até mesmo quase ter me casado, mas percebo agora que seria incapaz de entregar totalmente meu coração a outra mulher. E saber que Bianca quer tentar um relacionamento me deixa muito feliz, pois, enfim, vamos ser nós dois.

Hoje Angel me ajudou muito. Percebi que Bianca estava com ciúmes de Angel e ela também percebeu, tanto que certa noite me perguntou se estávamos envolvidos. contei a ela o que tinha acontecido e Angel me surpreendeu ao dizer que desconfiava dos meus sentimentos por Bianca. Não tocamos mais no assunto até hoje na cozinha, quando Angel me perguntou se eu pretendia fazer algo a respeito de Bianca. Foi quando ouvimos a porta da sala bater e Angel simplesmente se aproximou e disse que ia me beijar.

Quando percebi, seus lábios já estavam nos meus. Por alguns anos, Angel fora minha noiva. Corresponder ao seu beijo foi uma resposta automática do meu corpo, da mesma forma que afastá-la também foi. No entanto, Bianca chegou mais rápido do que eu esperava e presenciou a cena. Confesso que fiquei puto da vida com Angel naquele momento. No entanto, no caminho para o hospital, ela confessou que quando escutou a porta bater, acreditou ser a Bianca e beijou-me. Alegou que algumas pessoas só dão valor depois que

perdem.

Ela disse isso olhando dentro dos meus olhos e percebi nitidamente o que ela queria dizer. Entretanto, Angel fez a escolha dela quando me deixou no altar. Agradei pela ajuda um pouco sem jeito e mudamos de assunto. Louise começou a reclamar que estava enjoada e paramos de conversar. Angel mudou muito e acredito que a maternidade tem muito a ver com isso. Se preocupar com outra pessoa além de nós mesmo às vezes pode ser tudo do que uma pessoa precisa.

Saio dos meus devaneios ao ver Angel e Louise saírem do consultório médico e apresso-me a pegar a menina do colo dela. Incrível como em pouco tempo me apaixonei por essa pequena. Vou realmente sentir falta dela quando for embora. Angel já está vendo alguns apartamentos e a mudança não deve demorar.

— O que ela tem? — indago, enquanto caminhamos para o estacionamento.

— Crise de apêndice. — Angel

responde, triste.

— É grave? — pergunto, preocupado.

— O médico passou alguns medicamentos e disse que por enquanto está estável, mas ela vai ter que fazer a cirurgia, pois se não o caso dela pode se agravar. — Angel tenta não chorar e Louise a olha com o rostinho assustado. — Eu não tenho como pagar a cirurgia, Mateus. Vou ter que procurar o Daniel. — ela diz, derrotada.

— Angel, eu posso muito bem

pagar pela cirurgia dela, mas Daniel é o pai. Você não acha que ele precisa saber o que está acontecendo com a filha?

— Eu... Eu não sei. — Angel diz e entra no carro. Passo Louise para seu colo e seguimos de volta para casa.

Angel foi o caminho todo em silêncio. Acredito que está pensando no que eu disse. Só ela pode tomar essa decisão, nem imagino o quanto isso pode ser difícil para ela e o que pode custar contar onde estão. Mas uma hora ou outra ele vai descobrir e é melhor

que seja por ela.

Quando chegamos em casa, já é noite e estou ansioso para encontrar a Bianca. Depois de ajudar Angel com Louise, pego o elevador em direção à cobertura. Está tudo apagado e encontro Bianca no quarto dormindo.

Linda.

E agora minha.

O quanto posso dizer que estou feliz? Porque com certeza não vou cansar de repetir isso!

Tiro minhas roupas e fico somente com a boxer. Deito-me suavemente ao seu lado com cuidado para não acordá-la. Aconchego-me ao seu lado e Bianca se enrosca em mim.

— Você demorou. — diz sonolenta.

— Estou aqui agora, amor, pode voltar a dormir. — beijo seus cabelos e Bianca volta a dormir.

Mais uma vez, eu não poderia estar mais feliz.

Acordo na manhã seguinte com a cama vazia e imediatamente lembro-me da última vez que isso aconteceu e da forma como terminou. Um calafrio percorre meu corpo e a sensação de que algo pode dar errado novamente me assola. Estou começando a ficar farto disso. Começo a levantar para ver onde Bianca está quando ela entra no quarto toda sorridente com uma bandeja de café da manhã nas mãos.

— Preparei um café especial para você. — ela diz meio sem jeito e tento não forçar, pois entendo o quanto

isso pode ser novo para ela.

— Muito obrigado. — sorrio quando ela se senta ao meu lado na cama.

— Mateus, precisamos contar ao Miguel e à nossa família. — ela diz antes mesmo de tocar em alguma coisa na bandeja.

— Fico muito feliz em saber que você não quer segredo.

— Realmente não quero. Já errei demais e agora quero fazer tudo certo. — ela diz séria e aproveito para

quebrar o clima roubando um beijo. Bianca responde com a mesma intensidade e ficamos perdidos por alguns minutos somente nos beijando.

As palavras presas em minha garganta são um grande *Eu te amo*, no entanto, é melhor ir com calma e esperar quando ela estiver mais acostumada a tudo isso.

— Estou feliz. — ela diz quando nos separamos.

— E eu fico muito mais feliz em saber o motivo da sua felicidade.

— No entanto, ainda acho muita loucura, Mateus. — ela diz, perdendo o brilho no olhar.

— Ei. — toco seu queixo, erguendo seu olhar. — Quem faz nossa felicidade somos nós, então, não pense nos outros e, sim, em nós. Se nossa família aceitar, será ótimo. Senão, vai continuar sendo bom do mesmo jeito, Bianca. Você consegue entender?

— Sim, eu entendo. — ela meneia a cabeça e deita-a em meu ombro. — O que importa somos nós.

Sorrio sem responder e fico feliz em saber que estamos caminhando juntos para o que nos espera.

— Então, para todos os efeitos... — faço uma pausa e Bianca levanta para me encarar. — Você aceita ser minha namorada? — dou uma piscadela e Bianca sorri.

— Não sei, não estamos meio velhos para isso?! — ela indaga, sorrindo.

— Ah, não faça charme. — beijo seu rosto e Bianca aproveita para

beijar minha boca. Recebo uma leve mordida no meu lábio inferior que causa arrepio em todo meu corpo.

— Sou sua namorada, Mateus, e tudo mais que você quiser. — ela sussurra em meu ouvido e passa a língua em meu pescoço.

Em um só movimento, tenho Bianca presa em meus braços. Nossas roupas são dispensadas rapidamente e, como um louco, já estou pronto para entrar nela. No entanto, Bianca sempre vem em primeiro lugar e vou deixando

um rastro de beijos em direção ao seu sexo. No entanto, sou surpreendido quando Bianca segura meus pulsos.

— Por favor, só preciso de você agora. — pede manhosa.

— Não quero machucar você, amor.

— Estou mais do que pronta, Mateus, só faz amor comigo.

Sorrio e volto à posição inicial, entrando lentamente nela. Bianca geme a cada investida e isso só faz com que aumente o ritmo enquanto ela rebola.

Não demora muito e logo estamos gozando juntos. Ela gritando meu nome e eu, o seu. Suados, saciados e, se possível, ainda mais apaixonados.

≡≡

Como Bianca tem que buscar Miguel na casa da minha mãe, conversamos, e ela achou que poderia aproveitar a oportunidade para contar sobre nós. Então, nesse exato momento estamos a caminho de lá.

— Estou nervosa. — ela diz, enquanto dirige.

— Também estou. — confesso.

— Sei o que disse, no entanto, se eles aceitarem, ficarei muito satisfeito.

— Penso da mesma forma. —
ela diz e faz a curva que nos leva à rua dos nossos pais.

— O que você acha desse lugar? — pergunto como quem não quer nada.

— Ótimo para quem quer fugir da agitação do dia a dia.

Fico em silêncio, imaginando se um dia nossa família moraria em um

lugar como esse. Mas sou tirado dos meus pensamentos quando Bianca estaciona e olha-me, nervosa.

— Vamos? — aceno que sim e, assim que saímos do carro, seguro sua mão.

Minha mãe deve ter ouvido o carro sendo estacionado, pois, antes de chegarmos à varanda, ela já está abrindo a porta. Ela sorri ao nos ver, mas noto quando seu olhar vai para nossas mãos e uma expressão de confusão toma seu rosto. No entanto, sou surpreendido

quando ela olha para mim e sorri. Mas não um sorriso qualquer; esse é aquele que as mães dão para seus filhos que estão felizes.

— Entrem, queridos. — minha mãe diz quando paramos na varanda.

Bianca entra um pouco apreensiva. Solto sua mão quando Miguel corre em sua direção e pula em seu colo.

— Que saudade, meu amor. — ela diz, enchendo seu rosto de beijo, enquanto o menino sorri.

— Para, mamãe, está me enchendo de baba. — ele implica com ela.

— Ah, mas é agora que vou beijar ainda mais. — Bianca faz cócegas nele que começa a gargalhar.

Raul, pai de Bianca, entra na sala e observa a cena em silêncio.

— E eu, campeão, vai me deixar de lado por causa de uma mulher bonita? — Miguel pula no mesmo instante do colo de Bianca e vem para o meu.

Bianca aproveita para cumprimentar o pai, e minha mãe nos leva para a sala de estar. Conversamos sobre nossa semana e colocamos o assunto em dia. Miguel está brincando de carrinho no meio do tapete. Quando Bianca e eu concordamos em contar, queríamos contar primeiro aos nossos pais e, depois, a Miguel. Então, quando percebo que é o momento certo, pego Miguel pela mão e levo-o para o quarto da minha mãe.

— Filho, você pode ficar aqui um instante assistindo desenho que os

adultos precisam conversar? — peço, sentando-me ao seu lado na cama.

— Ta bom, papai. — ele pega o carrinho, passando-o por cima da sua barriga como se fosse uma pista de corrida, enquanto assiste ao desenho.

Na sala, encontro todos em silêncio e Raul é o primeiro a falar.

— Pela cara de vocês, o assunto não parece ser dos melhores. — ele fala, olhando para Bianca.

— Precisamos contar algo muito importante para vocês. Como

família, esperamos que fiquem felizes por nós. — digo, olhando para os dois e Bianca prossegue.

— Não foi algo planejado, simplesmente aconteceu. — ela diz e olha-me.

— Assim vocês estão me deixando preocupado. — Raul diz e olha para minha mãe, que sorri. — Você sabe de alguma coisa? — questiona minha mãe, que sorri mais ainda e dá de ombros.

— Estamos juntos. — conto

logo de uma vez.

O olhar de Raul sobre nós não poderia ser mais surpreso, enquanto o da minha mãe é de pura felicidade.

— Juntos como um casal? — ele pergunta, olhando para a filha.

— Sim, pai. — Bianca responde, sustentando o olhar do pai.

A sala entra em um silêncio angustiante até que Raul decide se pronunciar.

— Vocês estão felizes? —

questiona, encarando-nos.

— Sim. — respondemos juntos.

— Então, estamos felizes por vocês. — ele responde e levanta para abraçar Bianca.

Minha mãe faz o mesmo e surpreende-me mais uma vez ao sussurrar em meu ouvido.

— A vida faz da forma que Deus quer, filho. — ela beija meu rosto e, emocionada, diz que está muito feliz por mim.

Minha mãe segue para abraçar Bianca e Raul vem até a mim.

— É, garoto, sempre achei que você tinha uma queda por ela. Parece que eu estava correto. — ele diz e abraça-me.

— O senhor estava certíssimo.

Ficamos mais alguns minutos na sala, mas logo Bianca vai buscar Miguel para irmos embora. Miguel se despede dos avós e, quando chegamos em casa, ele já está adormecido. Pego-o no colo e coloco-o em sua cama, enquanto Bianca

prepara algo para jantarmos.

Sigo para a cozinha e encontro minha namorada cortando alguns legumes. Só os apaixonados que encaram cada detalhe com paixão? Porque, nesse exato momento, ela está muito sexy.

— Você está com fome? — pergunto, parando atrás dela, segurando uma mecha do seu cabelo e beijando seu pescoço.

— Por que a pergunta? — indaga com a voz baixa.

— Porque nesse exato momento só tenho fome de você. — viro-a, beijando-a com todo o fogo da paixão que está em meu peito.

E tenho certeza de que esse é um fogo que nunca cessará.

Capítulo XIX

Contar ao meu filho sobre meu relacionamento com Mateus foi mais fácil do que contar aos meus pais. Até cheguei a pensar em não contar a Miguel agora, coisa de mãe mesmo; fiquei com medo de me precipitar. Se meu relacionamento com Mateus não desse certo, acabaria magoando meu filho. Mas depois de muito pensar, cheguei à conclusão de que não tenho o poder de prever o futuro, e esconder não é a

melhor solução. Vou dar meu melhor nesse relacionamento e sei que Mateus também; podemos fazer dar certo e creio que irá. Miguel reagiu muito bem e entendeu que o tio que ele ama como um pai, agora está namorando sua mãe. Ele, atrevido como nunca, perguntou quando Mateus iria se mudar para nossa casa. Expliquei ao meu pequeno que não era assim e ele logo esqueceu o assunto.

No entanto, conforme as semanas passaram, especulações na empresa sobre meu namoro com Mateus começaram a circular e percebi que, por

onde passava, os olhares se voltavam em minha direção junto dos cochichos.

Não devo satisfações a ninguém, por isso, não vi motivos de chegar contando aos meus colegas de trabalho sobre minha vida pessoal. Entretanto, se eles tivessem me perguntado, eu responderia com certeza, mas algumas pessoas preferem difamar e fofocar.

A sociedade acha que pode decidir quanto tempo depois de você ter ficado viúvo que é aceitável envolver-

se emocionalmente com alguém; creio que existe uma grande barreira quando o novo amor é alguém próximo ao antigo. Não está sendo fácil lidar com isso, mas Mateus está sempre me lembrando de que pessoas assim sempre vão existir. Tento pensar positivo e seguir minha vida sem me preocupar com a opinião alheia.

Minha família e meu filho aceitam, então isso me basta.

— No que você está pensando?

— Mateus pergunta quando se senta ao

meu lado. Hoje combinamos de assistir a um filme em família, mas Miguel dormiu nos primeiros dez minutos. Mateus o colocou em sua cama e voltou para a minha com mais pipoca.

— Na vida... — respondo sem ser específica. Não quero que ele ache que esse assunto pode ser um problema entre nós.

— Se eu estiver em seus pensamentos, pode pensar o tempo que quiser. — ele diz, beijando meu rosto e volta sua atenção para o filme.

Estou há alguns dias querendo falar com Mateus sobre um assunto, no entanto, sempre fico relutante, pois não quero aparentar ser chata ou sem coração. Mas Angel ainda está na casa dele e isso me incomoda muito. Mesmo que ele passe muito tempo conosco, quando ele volta para casa, ela está lá. Angel já está trabalhando e, até onde sei, ela ainda não entrou em contato com Daniel para falar de Louise e é Mateus quem vai pagar pela cirurgia da menina, que está marcada para os próximos dias.

— Mateus? — chamo-o,

tomando coragem.

— Oi, amor. — ele responde, enquanto olha para o filme.

— Quando a Angel vai se mudar? — pergunto e tenho toda sua atenção. Ele pega o controle e desliga a televisão.

— Isso está te incomodando, não é? — pergunta, paciente.

— É só que é estranho saber que sua ex-noiva está em sua casa. Entendo os motivos, mas... — não consigo terminar de falar e passo a mão

no cabelo, demonstrando um pouco da minha frustração.

— Eu sei, amor, ela já deveria ter ido, mas como Louise ficou doente, atrasou as coisas. Ela me disse que tinha achado um lugar, mas acredito que a mudança ficará para depois que Louise fizer a cirurgia.

— Imaginei que seria dessa forma.

— Ei. — ele segura meu queixo. — Logo tudo isso vai acabar e vamos ser só nós. — ele beija meus

lábios e sorri. — Amo você, Bianca.

— Também te amo, Mateus. —
sua expressão demonstra toda sua
surpresa e sorriso.

Às vezes, imaginamos diversos
momentos românticos para falar sobre
nossos sentimentos quando, na
realidade, só basta falar. Eu já sabia
sobre os sentimentos de Mateus por
mim, no entanto, é a primeira vez que
digo as palavras exatas. Sinto o mesmo
que ele e assustei-me ao me dar conta de
que o amava, mesmo que fizesse pouco

tempo que estávamos juntos.

Amei uma única pessoa durante toda a minha vida e ter Mateus ao meu lado agora é simplesmente fantástico.

— Você me ama? — ele indaga, incrédulo.

— Cada dia um pouco mais. — respondo, sorrindo.

Mateus me abraça e começa a beijar todo meu rosto, fazendo-me rir ainda mais.

— Amo tanto você, garota! —

ele diz quando me deita na cama, ficando por cima de mim.

— Amo você, Mateus. —
respondo, emocionada.

Mateus me beija apaixonadamente, de uma forma que faz meu coração bater mais rápido. Amamo-nos como se não houvesse amanhã.

≡≡

Na manhã seguinte, acordo sozinha, mas encontro Mateus na cozinha, preparando o café.

— Já coloquei o Miguel para se arrumar para a escola. — ele diz, entregando-me uma xicara de café.

— Assim vou ficar acostumada.

— A intenção é essa, querida. — ele sorri, fazendo charme. — Preciso ir em casa trocar de roupa. Vamos juntos para a empresa?

— Hoje tenho uma coisa para fazer antes. — Mateus me olha confuso, mas assente. Beija meu rosto e combinamos de almoçar juntos.

Assim que deixo Miguel na

escola, vou a um lugar que deixei para trás há seis anos. Nunca tive coragem para voltar ao túmulo do Miguel. Até cheguei à entrada do cemitério, mas nunca tive coragem suficiente para entrar. *Até hoje.*

Paro em frente à sua lápide e deixo a flor que trouxe. Por alguns segundos, só fico olhando seu nome escrito, enquanto as lágrimas descem por meu rosto.

— Você sabe que uma parte minha sempre vai te amar, não é? —

indago para o silêncio. Sorrio entre as lágrimas e prossigo. — Você foi meu primeiro namorado, meu primeiro amor, meu primeiro em tudo, mas o destino o tirou de mim. Por anos, quis ter ido junto de você, mas quando nosso filho sorria para mim, eu sentia a necessidade de viver por ele. Nossa história foi um pouco complicada, mas nos amamos, não foi? — seguro as lágrimas e ajoelho-me. — Sinto a necessidade de viver novamente, Miguel, mas dessa vez por mim. Depois de anos, consigo sorrir de verdade. Mateus fez meu coração

despertar novamente. Foi difícil de aceitar, mas aqui estou, confessando que o amo e estou feliz. E dizer essas palavras é difícil até para mim mesma. Quero voltar a ser feliz, Miguel, e sei que você também iria querer isso. — levanto do chão e, antes de sair, olho mais uma vez para a lápide. — Me desculpe ter demorado tanto para vir, prometo que virei mais vezes. Até mais.

Saio do cemitério com o coração na mão, mas com a consciência tranquila.

No fim do dia, Mateus mandou uma mensagem avisando que passaria um pouco do horário e que me encontrava em casa. Como já estava em cima da hora para pegar o Miguel na escola, não consegui passar em seu escritório para lhe dar um beijinho de despedida.

— Mamãe, cadê o papai? — ele perguntou assim que vê que estava sozinha.

— Ele vai trabalhar mais um

pouco, meu amor, mas logo vai estar em casa. — ele sorri e entra no carro.

Durante o caminho, ele me conta como foi o seu dia e como brincou e correu muito na aula de educação física. Acredito nele, pois, quando estaciono o carro, ele já está dormindo, sem tomar banho. Vai ser difícil acordá-lo para fazer a higiene. Pego Miguel no colo e subimos para a cobertura.

Assim que chegamos, coloco-o em sua cama e sigo para minha rotina de preparar o jantar. Preparo uma massa e,

assim que fico livre da cozinha, vou direto tomar um banho. Estou saindo do banheiro quando a campainha toca.

Não estou esperando ninguém.

Coloco o primeiro vestido que vejo pela frente e vou atender antes que o som acorde o meu filho, que ficará num mau-humor horroroso. No entanto, quando abro a porta, vejo Daniel parado com um sorriso no rosto, surpreendo-me muito.

— Não vai me convidar para entrar, Bianca? — ele tenta soar sedutor,

mas só consegue me irritar.

— O que você quer? —
pergunto irritada. — Aliás, como sabe
que moro aqui?

— Quantas perguntas. — ele
diz, passando por mim e entrando sem
ser convidado. *Que abusado!*

Fico onde estou e mantenho a
porta aberta.

— Vou ter que pedir para você
sair, Daniel.

Mas ele fingiu não me ouvir e

observa as fotos de Mateus e Miguel no aparador da sala.

— Como se sente traindo seu noivo morto com o irmão dele? — suas palavras têm um efeito enorme em cima de mim, no entanto, não vou deixá-lo sair por cima.

— Com certeza melhor do que você, que é capaz de bater na própria mulher na frente da filha. — ele me olha com raiva e caminha em minha direção, parando a poucos centímetros de distância.

— Quer apanhar também? —
ele ameaça.

— Se eu fosse você, não
contaria com isso! — a voz irritada de
Mateus o surpreende. — Sai já de perto
dela. — Mateus diz, entrando na sala de
forma intimidadora e Daniel se afasta.

*Como imaginei... Só sabe ser
valentão com mulheres.*

— Só quero ver minha esposa e
filha. Sei que elas estão aqui nesse
prédio. — ele diz olhando para mim.

— Elas não estão comigo. —

respondo irritada.

— Estão comigo. — Mateus anuncia e posso ver o ódio no olhar de Daniel.

— Você tomou minha família?
— ele diz, aumentando o tom de voz. —
Você está fodendo com minha mulher?!
— ele grita a última parte e fico extremamente desconfortável.

— Elas estão na minha casa
recomeçando a vida longe de um
agressor. — Mateus diz calmo.

— Quero vê-las. — Daniel diz

irritado.

— Vou avisar a Angel que você está aqui. Se ela quiser falar com você, tudo bem... — Mateus pega o celular e se distancia um pouco, mas logo está de volta. — Ela vai vir aqui.

Daniel sorri e vejo o brilho em seu olhar. Ou ele é louco ou ama a mulher do jeito torto dele.

— Vamos deixá-los a sós, mas vamos estar perto. — Mateus diz e seguimos para meu quarto.

— Ele machucou você? — ele

indaga quando chegamos ao quarto.

— Estou bem. — respondo, sentando-me na cama. — Será que eles vão se acertar?

— Não sei, mas ele parece o mesmo idiota do sempre. — assinto.

Mateus e eu ficamos em silêncio por alguns minutos até que ouvimos a discussão deles e Mateus tenta ir até lá.

— Eles só estão brigando, deixa eles.

— Mas ele pode bater nela! —
Mateus diz, nervoso.

— Ele sabe que estamos aqui, não vai ser idiota a esse ponto. — digo o lógico e logo eles começam a diminuir o tom de voz.

Caminho para o banheiro para jogar uma água no rosto, para tentar não me irritar com a forma protetora que estou vendo Mateus ter por Angel. Quando entro no banheiro, Mateus me segue.

— Você está chateada. — ele

afirma.

Mas ao invés de ficar calada, perco a paciência.

— Claro que estou! Estamos namorando há pouco tempo e olha o absurdo da situação, Mateus! Sua ex-noiva mora com você! — ele tenta falar alguma coisa, mas o interrompo. — E não venha me dizer que o problema dela é sério, porque eu sei. Mas você podia muito bem ter pagado um hotel para ela ficar no início ou até mesmo ter procurado sozinho um apartamento para

ela. Mas não, você preferiu mantê-la por perto. Aí, quando o marido dela aparece, você fica todo preocupado e quer interromper a conversa deles! — concluo irritada.

— Sinto muito que isso esteja incomodando você. — ele diz sério. — Vou resolver isso logo. — Mateus sai do banheiro e logo ouço a porta do quarto bater.

Nossa! Sou uma mulher sem coração.

Angel só está precisando de

ajuda e faço toda essa cena?

O que há de errado comigo?

≡≡

Quando sinto a cama afundar ao meu lado, já é de madrugada e sinto-me horrível por isso.

— Mateus? — preciso falar com ele, pedir desculpas pela cena infantil que fiz.

— Volte a dormir, amor. — ele pede, mas nego, virando-me para encará-lo.

— Me desculpa. — peço, sincera.

— Não se desculpe, amor, você estava certa. — ele diz tocando meu rosto. — Estamos começando uma relação, não posso deixar que nada interfira entre nós. — bondoso como sempre.

— Mas eu não tinha o direito de falar aquilo, você só está ajudando uma pessoa que está precisando, não importa quem ela seja.

— Importa sim, querida, mas

esse assunto já foi resolvido.

— O que você fez? —
pergunto, confusa.

— Quando cheguei na sala,
Angel e Daniel estavam se beijando. —
ele diz, revirando os olhos. — Daniel
implorou por perdão, mas até onde
entendi, Angel não perdoou.

— E por que eles estavam se
beijando?

— Ela disse que mesmo com
tudo que Daniel fez, ela o ama.

— Assim é muito mais difícil.
— digo, sentindo compaixão por Angel amar alguém tão complicado.

— Mesmo ela não o perdoando, ele pediu que ela voltasse para casa, mas Angel negou. Ele disse que não ficaria bem em saber que ela estava em minha casa e ofereceu o apartamento que ele tem aqui na cidade para ela ficar e ele iria para um hotel.

— Ao menos, ele foi gentil.

— Acho que foi remorso por saber que Louise está doente. — Mateus

diz pensativo. — Cheguei agora, porque estava ajudando Angel a levar as malas.

— Ela já foi? — questiono, surpresa.

— Sim, amor. — Mateus beija meus lábios levemente. — Me perdoe por ter te magoado com esse assunto.

— Não tem que pedir perdão, Mateus. — respondo com a voz embargada.

— Sim, eu tenho. Você é minha vida, Bianca, e isso nunca vai mudar.

Mateus me envolve em seus braços e, aconchegada em seu peito, penso no quão maravilhoso é esse homem que está ao meu lado e que me ama incondicionalmente.

Capítulo XX

Seis meses depois...

Mateus

Quando imaginava o dia em que pediria Bianca em casamento, nunca imaginei que estaria tão nervoso. Depois que Angel foi embora, percebi que Bianca ficou muito mais confiante em nossa relação e questionei-me porque não tinha resolvido aquele assunto antes. Por isso me senti confiante para dar um passo à frente com Bianca.

Não somos mais dois adolescentes ou jovens brincando de namorar. Somos adultos e com uma criança na história. Casar com ela é tudo que mais quero, por isso, combinei com Miguel como faríamos tudo. Ele ficou empolgado com a ideia e topou de primeira.

O dia está ensolarado em Manhattan. É fim de semana e, como combinado, Miguel chamou sua mãe para levá-lo ao *Central Park*. Bianca, sem ideia do que a espera, aceitou prontamente.

— Você vem, amor? — ela pergunta, enquanto troca de roupa.

— Claro. — sorrio com a forma carinhosa que ela me chama. Mesmo que seja tão rotineiro, meu coração sempre bate mais rápido quando ela pronuncia essas palavras.

Saímos de casa cinco minutos depois e quando chegamos, logo procuramos o lugar específico para ficar.

— Miguel, não vai muito longe, está bem? — Bianca pede quando nos

sentamos na grama já com o cachorro quente em mãos.

Depois que terminamos de lanchar, Bianca pega o livro que trouxe na bolsa e começa a ler, repousando a cabeça em minha perna, enquanto assisto Miguel brincar no parquinho.

Logo Miguel vai completar sete anos e é incrível como a cada dia que passa ele fica mais parecido com o pai. E isso me deixa orgulhoso, porque, por mais que Miguel não esteja mais entre nós, ele deixou uma pequena semente

que cresce a cada dia. Ele pode até se parecer fisicamente comigo e meu irmão, mas quando vejo a forma como Miguel anda, brinca e comunica-se com as pessoas, percebo que ele tem mais do meu irmão do que qualquer um pode imaginar.

Sorrio ao lembrar do seu sorriso travesso ao saber que me ajudaria hoje. Olho para o relógio e vejo que já está hora. Aceno para Miguel, que sorri e vem correndo em nossa direção.

— Mamãe! Mamãe! — ele diz gritando por Bianca, que leva um susto e senta, apressada.

— O que foi, Miguel? — pergunta, preocupada.

— Vamos brincar de caça ao tesouro? — ele está sorridente demais; não sei como Bianca não desconfia que tenha algo diferente.

— Claro, querido. — ela diz, guardando o livro na bolsa.

— Você também, papai. — diz, travesso.

— Vamos lá, campeão. —
seguimos para o parquinho.

Miguel, Bianca e eu
começamos a cavar na areia com pás de
brinquedo e claro que Miguel e eu
estamos nos lugares errados, enquanto
Bianca está exatamente onde deveria
estar. Um minuto depois, enquanto rimos
e brincamos, Bianca faz uma expressão
confusa.

— Acho que encontrei alguma
coisa. — diz, inocente.

— Deve ser o tesouro, mamãe!

— Miguel diz, começando a pular animado.

Bianca se empolga e retira de dentro da areia um pequeno baú.

— Como isso veio parar aqui?
— indaga, limpando a areia de cima do baú.

Nós a encaramos, enquanto ela abre o baú e, juntos, sorrimos quando ela fica surpresa ao ver o par de alianças.

— Mas o que... O que... — ela nos olha sem entender.

No entanto, quando a ajudo a se levantar e ajoelho-me em sua frente, tirando as alianças de sua mão, ela arregala os olhos e faz um grande O com a boca.

— Já tenho a permissão do seu pai, do seu filho e agora quero saber, Bianca, se você aceita casar comigo? — indago com um imenso sorriso.

As lágrimas descem pelo rosto de Bianca, enquanto ela acena que sim, ainda surpresa.

— Você tem que responder,

mamãe! — Miguel diz, fazendo-nos rir.

— Sim! Sim! — Bianca grita, sorrindo.

Ainda de joelhos e com o sorriso no rosto, coloco a aliança em seu anelar. Bianca faz o mesmo. Levanto e envolvo-a em meus braços, selando esse pedido com um beijo apaixonado.

Não importa quanto tempo passou ou como chegamos até aqui; as coisas são como têm de ser. A gente ama quem tem que amar. E agora tudo está em seu devido lugar.

≡≡

Seis meses depois...

Bianca

Quando eu poderia imaginar
que casaria com Mateus?

Nunca.

No entanto, amá-lo foi algo
natural. O sentimento cresceu e
floresceu. Claro que Mateus também
facilita muito ao ser o homem
maravilhoso que ele é.

Durante algumas conversas,

pensamos em como seria o casamento e confessei a Mateus que não me sentiria à vontade com uma grande festa, convidados e vestido de noiva. Foi difícil contar a ele sobre isso, até porque não sabia se iria magoá-lo ou não e, como sempre, meu amigo, confiante e amante disse que entendia completamente.

Lógico que perguntei a ele se esse não era um sonho dele, pois se ele quisesse, eu faria esse sacrifício por ele. Entretanto, ambos lembramos que nossas últimas experiências com festa e

convidados não foram boas, mas também entendemos que não estávamos traumatizados; só percebemos que não precisamos de nada disso para celebrar nossa união.

Por isso, solicitamos a licença de casamento e marcamos com nossos pais, que serão nossas testemunhas. Aqui não é como no Brasil, que se esperam meses após dar entrada nos papéis. Solicitamos a licença há alguns dias e hoje estamos aguardando junto de nossa família para dizer o tão esperado sim.

— Você está linda. — Mateus diz de forma carinhosa.

Escolhi um vestido social creme e fiz uma trança no cabelo, deixando-a de lado para meu penteado ficar mais sofisticado.

— Obrigada, amor. — aliso seu terno perfeitamente alinhado. — Você também está lindo.

Sorrimos quando nossa senha é chamada e, juntos do meu filho e dos nossos pais, seguimos para a sala onde é realizada a rápida cerimônia. Logo

estamos assinando a certidão de casamento e sendo declarados oficialmente marido e mulher. Não contive a emoção e, quando Mateus me beijou, chorei.

Tantas coisas se passaram em minha cabeça nesse momento que é difícil explicar. No entanto, não deixo passar a imagem de Miguel sorrindo para mim. Sorrio emocionada, enquanto recebemos as felicitações dos nossos pais.

Mateus e eu nos despedimos de

Miguel, que vai ficar com os avós enquanto saímos em lua de mel.

— Você está feliz? — Mateus indaga quando sentamos em nossas poltronas no avião.

— Acho que vou explodir. — faço graça e ele sorri.

— Estou feliz, Bianca. — ele diz, sério. — Muito obrigado por ter nos dado essa oportunidade. — diz, sincero.

— Olho para esse ano que passou e não consigo imaginar como ele poderia ter sido sem você, Mateus. —

beijo seus lábios. — Temos um ao outro.
— ele assente e volta a me beijar.

Horas depois, estamos pegando nossas malas e saindo do aeroporto no Rio de Janeiro. Conseguir um taxi foi fácil e seguimos direto para o hotel em Copacabana. Depois de devidamente instalados, Mateus conseguiu dizer as palavras mágicas.

— Enfim, sós. — sua expressão é de felicidade e, quando ele me puxa pela cintura e beija-me apaixonadamente, concluo que enfim a

felicidade chegou para nós dois.

— Obrigada por tudo, Mateus.

— ele franze o cenho e argumenta.

— Não tem nada pelo o que me agradecer, Bianca, tudo aconteceu da forma que tinha que ser.

— Você colocou um sorriso em meus lábios e felicidade em meu coração, Mateus. — ele sorri ao ouvir minhas palavras.

— Pretendo te fazer ainda mais feliz, meu amor.

Voltamos a nos beijar e caminhamos lentamente em direção à cama; nesse momento, só preciso dele. Nossas roupas são dispensadas e em instantes estamos nos amando.

— Ah, Bianca. — Mateus grunhiu ao investir dentro de mim.

— Mais rápido, meu amor... — suplico ao arranhar suas costas com minhas unhas.

Mateus move seu quadril com mais força e logo me contorço embaixo dele, gemendo e gritando por seu nome

quando o ápice nos alcança. Fecho os olhos, acalmando minha respiração e Mateus beija meu ombro delicadamente, deitando-se ao meu lado.

— Amo você, meu amor.

— Também amo você, Mateus.

Ficamos deitados até que em algum momento adormecemos. Acordo sobressaltada e olho para o lado; Mateus ainda dorme tranquilamente. Lindo.

Nua, levanto à procura de um

robe na mala e coloco o de seda vermelha que ganhei de presente da minha sogra. Vou até a janela e puxo a cortina, admirando a vista da praia de Copacabana. Já é noite e a praia está vazia, no entanto, a orla está cheia de pessoas se divertindo.

Nunca imaginei que, quando retornasse ao Brasil, seria em lua de mel e com Mateus. Às vezes, questiono-me como a vida pode ser surpreendente. Caminhos diferentes que em algum momento se cruzam e viram somente um.

Volto meu olhar para Mateus e sorrio apaixonada.

Nunca vou renegar ou esquecer meu passado, pois foi ele que me levou onde estou hoje.

Miguel foi um grande amor da juventude. Reencontrá-lo e viver tudo o que tivemos foi maravilhoso até que um acidente o tirou de mim. Seco uma lágrima solitária que desce pelo rosto.

Miguel; ele veio e se foi...

O que dizer? Nada... Apenas que o sentimento é saudoso...

Estar com Mateus me faz entender a cada dia que estou seguindo minha vida da forma certa. Ele é único e faz-me sentir amada todos os dias. Em nenhum momento pensei como teria sido se Mateus tivesse se declarado quando éramos adolescentes. Porque o "se" não é nada além de uma palavra que faz te questionar algo que nunca vamos saber como seria.

Sei o quanto amo Mateus e como ele vai ficar feliz com o que tenho para lhe contar. Repouso a mão em minha barriga e penso no nosso bebê.

Meses atrás, quando ele confessou que ficaria feliz em ser pai, isso rondou pela minha mente por um tempo, até que no meu período do mês descobri que não estava grávida.

Depois de algum tempo juntos, Mateus perguntou se eu tinha voltado a me proteger e menti que sim. Na verdade, desde que estamos juntos, não tomo nada. Todo mês esperei pela notícia que não vinha. Meses depois, comecei a ficar preocupada e quando estava pronta para contar a ele que não estava conseguindo engravidar, comecei

a me sentir mal e desconfiei. No primeiro exame, confirmei a gravidez.

Contei somente para Carla e estava esperando chegar a nossa lua de mel para lhe contar. Entretanto, agora que tenho que contar, estou com medo. Não deveria ter feito isso sem o consentimento dele. Mas a verdade é que queria outro bebê e sabia que ele também queria. Espero que minha surpresa não tenha o efeito contrário e que ele fique feliz por nós, porque eu só falto sair pulando de tanta alegria.

— O que faz aqui sozinha? —
Mateus indaga. Suas mãos seguram
minha cintura, enquanto ele beija meu
pescoço, causando arrepios.

Viro para olhá-lo nos olhos e
beijo seus lábios com paixão.

— Tenho uma surpresa. —
digo, envolvendo meus braços ao redor
do seu pescoço.

— Amo surpresas, ainda mais
quando são suas. — diz, charmoso.

Sorrio e conto de uma só vez.

— Estou grávida!

Mateus une as sobrancelhas e afasta-se um pouco.

Seu olhar desce para minha barriga e espero ansiosamente que ele diga alguma coisa.

— Verdade? — questiona com a voz embargada e somente isso é capaz de me emocionar.

— Sim, amor. — respondo no mesmo tom.

— Ah, Bianca! — ele me levanta e rodopia-me em seus braços. —

Te amo tanto, meu amor. — as lágrimas descem pelo rosto do Mateus quando ele me beija.

Nossas lágrimas se misturam enquanto, juntos, comemoramos a mais nova vida da nossa família. E assim posso dizer que, mesmo com todas as tragédias que acontecem na vida, você sempre pode reencontrar um caminho que te leve à felicidade. Depois de tudo pelo que passei, pensei que minha felicidade tinha morrido, mas, com o tempo, pude perceber que minha felicidade foi traçada ao lado do Mateus

e foi com ele que reencontrei o amor.

Fim...

Epílogo

Alguns meses depois...

Esse é um daqueles momentos da sua vida que você não sabe se sorriu ou se chora. No meu caso, o sorriso não deixa meus lábios, mas também sinto os olhos lacrimejarem.

— Você ouviu isso, Mateus? —

Bianca pergunta, emocionada.

— Vamos ser pais de gêmeos!

— repito o que a doutora acabou de dizer e Bianca sorri ao meu lado.

— Não conseguimos ver antes, mas são gêmeos. — a Dr^a. Paula tem acompanhado Bianca desde o início e gêmeos nunca foi um assunto nas consultas.

Hoje saímos de casa para tentar saber o sexo do nosso bebê e quando Dr^a. Paula disse que, só agora que Bianca está com quatro meses, que conseguiu ver que havia mais de um bebê. No momento que ela disse isso, senti meu coração apertar de tanta felicidade. Claro que sabíamos dessa possibilidade, mas Deus nos conceder

essa benção é felicidade dobrada.

— E como estão os bebês? —
indago, preocupado.

— Eles estão perfeitos, papai.
— Dr^a. Paula responde. — Vamos tentar
ver o sexo?

— Claro! — Bianca e eu
respondemos em uníssono.

Gêmeos!

Dá para acreditar?

— Esses bebês querem
realmente se mostrar hoje. — ela brinca.
— Estão com as perninhas abertas.

— Quais os sexos, doutora? —

Bianca está ansiosa.

— Parabéns, são duas meninas!

— Bianca não consegue conter o soluço e logo está chorando.

Aproximo-me mais dela e seguro sua mão com força.

— Duas meninas, amor. —
repito, emocionado.

Beijo sua testa e Bianca sorri.

— Podemos ser mais felizes?
— ela indaga pensativa. Sei que ela não quer uma resposta, porque a resposta é

óbvia.

Ajudo-a se levantar e depois que a consulta termina, saímos do hospital.

— Nem consigo acreditar. —
ela diz sorrindo.

— Duas meninas! — exclamo
feliz e Bianca sorri. — Vou ter que pedir
ajuda do Miguel para quebrar a cara dos
moleques que chegarem perto delas.

Bianca gargalha, chamando-me
de bobo. Depois de algum tempo, ela
diz.

— Elas precisam de um nome.

— Bianca relembra o que conversamos ontem.

— Pensamos somente em um nome, agora precisamos de mais um.

— Miguel vai ficar radiante quando souber. — com certeza, ele não para de perguntar quando o bebê vai chegar.

— Beatrice e Mariah. — ela diz, surpreendendo-me.

Paro de andar no meio do estacionamento e encaro minha linda

esposa.

— Nossas iniciais? — indago, pensativo. Ela assente, esperando minha resposta. — São lindos. — abraço-a e beijo levemente seus lábios.

Entramos no carro e seguimos de volta para casa, onde nossa família espera pela notícia. Quando voltamos da nossa lua de mel, a primeira coisa que fiz foi vender meu apartamento, e Bianca também vendeu a cobertura. Compramos uma casa perto dos nossos pais. O lugar é calmo e ótimo para começar uma família. Não é longe do centro e sempre

que bate a saudade, vamos ao *Central Park*.

Cinco minutos depois, Bianca está cochilando.

Estive ao lado dela na gravidez do Miguel e, como foi em um momento muito difícil de sua vida, Bianca está achando agora tudo diferente e para mim está ótimo, porque a promessa que fiz a mim mesmo é que tudo seria diferente e que ela seria feliz. E ver o sorriso em seu rosto em cada manhã e como ela está feliz e radiante em pequenas coisas enche meu coração de alegria.

Ela está feliz.

Eu estou feliz.

Nossa família está feliz...

Bônus Angel

— Louise, você já está pronta?

— grito da sala, enquanto minha pequena está no quarto.

— Estou indo, mamãe. — ela responde vindo do quarto.

Hoje é sábado e o pai dela irá buscá-la para passar o fim de semana com ele.

— Seu pai já deve estar chegando. — informo quando ela para em minha frente e, assim que termino de

falar, a campainha toca.

Louise corre para atender e, quando confirma que é o pai, lança-se no colo dele.

Daniel me cumprimenta educadamente.

— Bom dia, Angel.

— Bom dia. — respondo e entrego a ele a mochila da nossa filha.

Abaixo para receber o beijo de despedida da minha pequena e logo eles estão indo embora.

Mais um fim de semana

sozinha...

Quando Daniel me localizou em New York depois que fugi, achei que voltaríamos para aquela vida conturbada que tínhamos. Mas não foi o que aconteceu.

Quando nos reencontramos na casa da Bianca, depois de alguns gritos, acabamos nos beijando. Saudade... Falta de vergonha na cara... Ainda não sei.

Mas me arrependi.

E contei isso para Daniel quando ele pediu outra chance. Não

dava mais; o medo e a falta de confiança não me permitiram lhe dar uma nova chance. E quando ele bebesse novamente e tentasse me agredir? Não poderia fazer minha filha passar por aquilo novamente.

No entanto, Daniel me surpreendeu ao dizer que entendia e mais ainda quando disse que o apartamento dele aqui em New York era meu. Nos mudamos, Louise fez sua cirurgia, que graças a Deus correu bem, e Daniel nos deixou em paz.

Depois de alguns meses,

quando Louise já estava bem e pude voltar a trabalhar normalmente, entrei com o pedido de divórcio. Daniel me procurou imediatamente, contou que estava tratando o alcoolismo e que nos queria de volta. Mas eu sabia que tinha acabado.

Não existia mais Angel e Daniel.

Não existia há muito tempo, eu só não tinha me dado conta ainda.

Chorei muito quando assinei os papéis e ele também. Foi como ter a

certeza de que tinha acabado mesmo não o amando mais.

Fiquei definitivamente com o apartamento; uma pensão para Louise e a guarda compartilhada dela. Louise fica comigo durante a semana e o fim de semana com o pai.

Com o tempo, descobrimos como fazer essa “relação” funcionar. Depois de Daniel finalizar o tratamento contra o alcoolismo, ele melhorou completamente. Não somos amigos, mas tratamo-nos com respeito. Há alguns meses, ele se casou novamente e pelo

que Louise conta, ele realmente mudou. A nova esposa está grávida e Louise está toda animada com o irmãozinho.

Quando Louise vai com o pai, sempre fico sozinha. Não tenho amigas ou amigos e devo isso ao meu passado, quando fui uma péssima pessoa com todos que conhecia. Menos com ele.

Mateus sempre foi diferente e via em mim qualidades que nem eu mesma via.

Até tentei continuar amiga dele, mas percebi que Bianca não gostava,

então desapareci da vida deles.

Suspiro frustrada com o silêncio do apartamento e decido dar uma volta.

Pego minha bolsa e, de bermuda jeans e camiseta, sigo a pé para o *Central Park*. Louise adora vir aqui e vou diretamente para o lugar que costumamos ficar. Sento no chão e, como me sinto nostálgica hoje, imediatamente penso em como esses últimos anos me mudaram. Tenho consciência que ainda sou uma pessoa difícil, no entanto, não insuportável

como antes. Arrisco dizer que até tem algumas pessoas que estão começando a gostar de mim no escritório. Com calma, posso um dia ter amigos, quem sabe...

Estou distraída com meus pensamentos quando ouço uma criança chorar. Como mãe, imediatamente fico em alerta. É quando vejo uma menina de aproximadamente quatro anos sentada debaixo de uma árvore chorando sozinha. Levanto rapidamente e caminho até ela.

— Querida, está perdida? —
questiono, sentando-me ao seu lado. Ela

levanta a cabeça, olhando em minha direção, e as lágrimas caem sem parar, enquanto ela acena que sim. — Vou ajudar você a achar sua mamãe, está bem?

— Estou com meu papai.

— Tudo bem. — pego sua mão e seguro. — Vamos ficar quietinhas aqui que logo ele vai aparecer. — sorrio, tentando acalmá-la.

É melhor ficar aqui do que sair andando com ela e correr o risco de distanciá-la ainda mais do seu pai.

Quase dez minutos depois, a menina, que se chama Kate, avista seu pai e começa a acenar para ele. O homem, por volta dos trinta anos, corre em nossa direção com um misto de alívio e preocupação em sua expressão.

— Ah, querida! — ele diz quando abraça a filha. — Pensei que não te encontraria mais.

— Essa moça me ajudou, papai. — a menina diz, inocente.

— Na verdade, só fiquei aqui com ela para que ela não se distanciasse

mais ainda. — informo sem jeito ao homem que é alto e... Lindo.

— Muito obrigado...

— Angel. — respondo meu nome.

— Obrigado, Angel. — agradece com um lindo sorriso. — Sou Robert. — ele estende a mão e cumprimenta-o. — Filha, nunca mais saia de perto do papai, está bem? — ele pede atencioso com Kate.

— Desculpa, papai. — a menina diz, fazendo um bico fofo.

— Tudo bem. — ele responde e volta sua atenção para mim. — Gostaria de tomar um sorvete conosco, Angel?

O convite me surpreende e, mesmo sem querer, acabo olhando para a mão de Robert para ver se tem algum sinal de aliança. Não que o convite tenha segundas intenções, mas foi automático. E, para me deixar mais constrangida, ele percebeu, pois argumentou:

— Divorciado. — ele sorri de uma forma que há muito tempo um homem não sorria para mim.

Mas patética é a forma como
me senti ao responder.

—Eu adoraria...

Contatos

**Facebook - L. Symone
- Autora**

Wattpad - @L.Symone

**Grupo facebook –
Romances L. Simone**

Email -

autoral.simone@gmail.com

Gostou do livro?

Compartilhe seu comentário

nas redes sociais e na amazon.
Obrigada.

Outras Obras da autora na Amazon



Encontrando um Bilionário —

Savanah cresceu em um orfanato e, ao completar dezoito anos, teve que ir embora. Sem saber como começar sua

vida sozinha, acaba optando pelo mais "fácil" e torna-se uma acompanhante de luxo. Após dois anos nesse meio, um acontecimento inesperado a faz pensar em seu futuro.

Ela decide voltar a estudar e começar uma graduação; é a melhor opção no momento. Mas, ao chegar à faculdade, seus planos mudam novamente, optando mais uma vez pelo mais fácil: conquistar um playboy rico... Afinal, casar com o herdeiro de um poderoso CEO tem suas vantagens.

Savanah só não contava que o irmão mais velho de seu alvo fosse um antigo cliente e tivesse planos de destruir seus “sonhos”. Pode o ódio virar amor? "Um romance onde a mocinha pode não ser tão boazinha".



Encontrando um Amor —

Gustavo é um cara que adora curtir a vida, mas isso muda quando ele conhece Savannah, uma linda menina/mulher que o faz deixar toda a vida de festas para trás, tornando-se um homem sério e apaixonado. O que Gustavo não

esperava era que a sua doce Savannah estivesse com ele pelos motivos errados e que grandes segredos fossem revelados.

Após morar na Itália por alguns anos, Sophie retornou ao país para ficar, deixando para trás um passado. Sophie e Gustavo têm mais em comum do que pensam e quando se reencontram, nada sai como planejado e agora o futuro deles está em jogo.

Brigas, amor e negação...

Como ser feliz quando deixar o passado para trás se torna uma tarefa extremamente difícil?



Amor em Família (Conto) —

Carol é uma mulher linda e sensual, mas não usa a beleza como artifício para se dar bem. É uma mulher doce e apaixonada. Mas Carol não pode viver esse amor.

Desde sua adolescência é apaixonada por seu cunhado, Davi.

Ela, porém, nunca tomou nenhuma atitude em relação a esse sentimento que só aumentou com o tempo, não importa a distância que ela tenha estabelecido, Davi sempre será o amor da sua vida.

Carol vê sua irmã tomar atitudes inaceitáveis, mas não pode fazer nada. Ela jurou não se meter. Mas como fugir desse sentimento quando ela começa a perceber que pode ser

correspondia?

Uma noite que pode mudar toda uma história.



Enquanto você Dormia

(Conto) — Dr. Lucas Rangel é dedicado à sua profissão e ama sua carreira como médico. Certo dia, depois de terminar um plantão cansativo, seu nome é chamado para uma emergência de última hora. E dali por diante, sua vida vira de

cabeça para baixo ao se apaixonar por sua paciente.

Dr. Lucas acaba se envolvendo em uma mentira da qual não consegue mais sair ou, como ele mesmo diz, não quer sair. Ao dizer que a paciente que perdeu a memória é sua noiva, ele se envolve em algumas confusões. Mas então da noite para o dia tudo acaba...

O que acontece com Dr. Lucas e sua paciente? O que o destino reserva para eles?

